

MESTRADO

SOCIOLOGIA

*Percursos de jogadores de futsal
portugueses: uma pesquisa
sobre socialização*

Vanessa Raquel Martins
Claro

2016



Vanessa Raquel Martins Claro

*Percursos de jogadores de futsal portugueses: uma pesquisa sobre
socialização*

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor Doutor
João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2016

*Percursos de jogadores de futsal portugueses: uma pesquisa sobre
socialização*

Vanessa Raquel Martins Claro

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor Doutor
João Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Sandra Lima Coelho
Universidade Católica do Porto

Classificação obtida: 17 valores

A todos aqueles que sempre estiveram do meu lado e que tornaram esta aventura inesquecível. E ainda, a todos aqueles que lutam pela inclusão social diariamente.

Sumário

Agradecimentos.....	7
Resumo.....	9
Abstract.....	10
Índice de figuras.....	11
Introdução.....	12
I) ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
CAPITULO I – Desporto, Sociedade e Cultura	
1) O desporto nas sociedades modernas.....	14
2) Deporto, mudança social e cultura.....	17
3) Dinâmicas sociais e valores nos envolvimento desportivos.....	19
CAPITULO II – Socialização, Identidades, Inclusão e Mobilidade pelo Desporto	
1) A socialização:	
1.1 Construção das Identidades.....	22
1.2 Socialização no desporto.....	27
2) Inclusão social pelo desporto.....	30
3) Mobilidade social pelo desporto.....	34
II) ESTRUTURA METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO	
1) “Percursos biográficos de jogadores de futsal portugueses”	
1.1 - O campo em Bourdieu: O futsal enquanto campo de forças.....	38
1.2 - O futsal no mundo: o caso português.....	39
1.3 - Objeto de estudo.....	42
1.4 - Questão de partida e objetivos.....	42
2) Escolhas metodológicas para recolha e tratamento de informação	
2.1 - Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação.....	44
2.2 - Procedimentos efetuados para recolha dos dados e principais constrangimentos.....	49
3) Apresentação e análise dos dados recolhidos e discussão dos resultados	
3.1 - Dados de identificação/caracterização da amostra.....	51
3.2 - Resultados e análise do estudo efetuado.....	51-98
3.2.1 – Nascimento, Infância e Juventude.....	52
3.2.2 - Relação com e entre os pais.....	57
3.2.3 - Importância da família na escolha pelo futsal.....	61

3.2.4 - Condições de vida.....	63
3.2.5 - Educação e Formação.....	66
3.2.6 - Conciliar a escola e o futsal.....	70
3.2.7 - Celebrações culturais.....	72
3.2.8 - Como perspectiva uma relação amorosa?.....	73
3.2.9 - Importância da cara-metade no futsal.....	75
3.2.10 - Futsal português na atualidade.....	76
3.2.11 - Participação social: fazer parte de um clube.....	79
3.2.12 - Paixão pelo futsal.....	84
3.2.13 - Amizades e Tensões.....	85
3.2.14 - Jogadores enquanto mercadoria e mobilidade social através do futsal.....	89
3.2.15 - Porquê o futsal?.....	92
3.2.16 - Conciliação entre futsal e trabalho.....	93
3.2.17 - Crenças antes dos jogos.....	94
3.2.18 - Lesões.....	95
3.2.19 - O que falta fazer no futsal.....	96
3.2.20 - Um momento vivido no futsal.....	98
III) CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSTAS FUTURAS	
1) Principais conclusões.....	99
2) Recomendações.....	101
BIBLIOGRAFIA	
1) Referências bibliográficas.....	102
2) Sites consultados.....	108
ANEXOS	
1) Guião das entrevistas.....	109
2) Grelhas de transcrição das entrevistas.....	119

Agradecimentos

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, seguramente, não me permite agradecer, como eu gostaria, a todas as pessoas que ao longo do meu Mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto me ajudaram, de diferentes formas, a tornar esta etapa da minha vida como uma das melhores e das mais inesquecíveis que vivi, por tão maravilhosa que foi.

Começo, desde logo, por agradecer ao meu orientador *Professor Doutor João Teixeira Lopes*, por ter sido a pessoa que mais me acompanhou, por todo o seu apoio, por ter sido uma presença constante, por ser um ser humano incrível e por acima de tudo ter acreditado sempre em mim. Ficará para sempre nas minhas melhores recordações.

Aos *meus entrevistados* um agradecimento gigante. Sem vocês nada disto teria sido possível. A vossa disponibilidade e vontade de ajudar a que este trabalho resultasse jamais esquecerei.

Agradeço ainda, a *todos os professores de Sociologia* da Faculdade de Letras que se cruzaram no meu caminho desde a licenciatura, por todas as bases que me deram ao longo dos anos. Um agradecimento em especial à *Professora Doutora Dulce Magalhães* por toda aquela força que só ela tem e que passa para nós, por aquele sorriso espontâneo e contagiante, pelo ser humano maravilhoso que ela é e por me ter deixado entrar no seu mundo e no seu coração. A ela um grande beijinho e a certeza de que deixou uma marca em mim.

Agradecer também aos *funcionários da faculdade* com os quais o meu caminho se cruzou, sem dúvida alguma que me deram muito nestes anos e jamais esquecerei cada um de vocês. Ficou a certeza de que quando tratamos o outro com respeito e igualdade, aquilo que se recebe não tem preço.

Quero agradecer aos meus amigos. Aqueles que estiveram sempre do meu lado, mesmo quando estávamos separados. Aos meus *amigos de Erasmus* que me deram tanto em tão pouco tempo. Por todas as aventuras que juntos passamos e fomos a prova de que as fronteiras não separam, elas unem experiências, línguas e corações. Aos meus outros *amigos que a Sociologia me proporcionou* tanto na licenciatura como mestrado, e que jamais esquecerei, passe o tempo que passar. À *Sara Djaló*, por todas as gargalhadas e todos os bons momentos que me proporcionou. Gosto muito de ti. À minha primeira amiga de faculdade, *Angie*, muito obrigada por tudo e um adoro-te gigante. Ao meu

querido *amigo Alberto*, por tudo o que representa e sobretudo pela ajuda nesta fase final. Às minhas melhores amigas *Ana Catarina Rocha (Cati)*, *Catarina Barbosa (Cate)*, *Cristiana Claro*, *Daniela Godinho e Mafalda Barbosa*. Vocês são a minha família e em todos os momentos foi em vocês que encontrei motivos para sorrir. Não existem palavras para descrever o quanto gosto e admiro cada uma de vocês. Não querendo fazer distinções, mas tenho de destacar a “minha” *Cate*, e faço-o por ter sido a minha parceira de todas as horas, juntas rimos e choramos, levamos a sério e brincamos. A ti irmã, um obrigada infinito, sabes que a história será sempre só nossa e sem ti nada teria sido tão especial.

Quero ainda agradecer à *minha família*. Aos *meus pais*, o meu maior agradecimento e que nunca conseguirei retribuir, por todo o vosso apoio e amor, sem vocês nada disto teria sido possível. Sou uma filha orgulhosa e espero orgulhar-vos sempre. Aos *meus irmãos*, André (por várias vezes ter sido o meu meio de chegar à faculdade), Márcio (pelos raspanetes de irmão mais velho que me fizeram querer ser mais ainda e independente), e por fim ao meu irmão Filipe (por tudo). Gosto imenso de vocês e como viram, a princesa cresceu. E quando falo em irmãos, falo daquele que desde há 18 anos para cá tem sido o meu irmão do coração, *André Filipe (Russo)*, por me ter ajudado no momento das entrevistas realizadas em Madrid. Não poderia esquecer a minha *Chanel*. Aos meus grandes amores, os *meus sobrinhos*. A vocês deixo aqui a certeza de que o meu amor é incondicional e farei sempre tudo por vocês. À *família do meu namorado*, que acabou por se tornar na minha segunda família. Ao *pai dele*, por ser um segundo pai para mim. Aos *irmãos* que se tornaram também meus irmãos, aos *avós e à mãe* que acredito que nos protegeu e protegerá sempre.

Por fim, mas não menos importante, um gigante agradecimento ao *meu namorado* por ter estado ao meu lado nestes últimos oito anos. Por ter sido paciente, por ter acreditado em mim, por toda a ajuda que me foi proporcionando, por ser a pessoa que mais me incentivou e por tudo aquilo que só nós os dois sabemos. És a pessoa mais especial que conheço e espero que a tua presença na minha vida seja constante.

A todos vocês deixo a certeza de que me marcaram de alguma forma e o desejo de que os nossos caminhos se cruzem sempre que possível. Um enorme agradecimento!

Resumo

A pesquisa visa compreender a importância social e cultural do desporto, nomeadamente do futsal, para a socialização do indivíduo. Ou seja, até que ponto o futsal funciona como agente de inclusão, interação social, de construção da própria identidade e percursos, de que forma transforma o indivíduo em mercadoria no caso dos jogadores profissionais, enquanto agente que proporciona mobilidade social ascendente. Para além disso, procurar-se-á saber, através de entrevistas biográficas, qual o impacto que o estatuto de jogador de futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo: escolar, familiar, profissional e económica. Tudo isto dentro da realidade de jogadores amadores e profissionais.

Esta temática torna-se pertinente no sentido em que o desporto/futsal pode ser um fator determinante na integração do indivíduo e pode ter impactos significativos nas restantes dimensões da sua vida. Como é de conhecimento geral, o futsal tem adquirido, cada vez mais, uma grande importância nas nossas sociedades. O desporto, enquanto fenómeno social, apresenta uma estrutura. Essa mesma estrutura pode compreender o campo de jogo, as áreas profissionais desportivas, a vida associativa e as escolas. Consiste num fenómeno que possibilita a existência de processos sociais tais como: contacto, comunicação, adaptação, colaboração, conflito, competição, inclusão, mobilidade social ascendente e outros. O desporto favorece uma representação de coesão social e de consolidação da cidadania, assumindo, assim, um papel primordial no processo de socialização do Homem e da própria construção identitária.

Sendo que o futsal, por se tratar de um desporto em vias de crescimento e projeção em que o universo feminino não apresenta ainda uma presença marcante e visível na modalidade e o acesso às jogadoras não é tão facilitado, uma vez que o número de jogadoras é muito reduzido quando comparado com o dos jogadores, a investigação irá debruçar-se somente sobre jogadores masculinos.

Em suma, de acordo com aquilo que foi apurado nesta pesquisa, o desporto é um lugar privilegiado para a criação de laços de amizades sociais, que permite perceber qual o valor da cooperação, assim como a sensação de pertença a um determinado grupo, deixando dessa forma de parte tudo aquilo que possa parecer marcar de alguma forma a diferença, como as etnias e as classes sociais.

Palavras-Chave: Sociologia do Desporto; Socialização; Percursos e Biografias

Abstract

The research aims to understand the social and cultural importance of sport, namely futsal, for the socialization of the individual. That is, how will futsal work as an agent for embedding, social interaction, identity construction and in what way it transforms the individual into a commodity for professional players, as an agent that provides upward social mobility. Furthermore, we intend to know, through biographical interviews, what is the impact, of the status that each player has, in the other dimensions of their lives: school, family, professional and economic. All this within the realm of amateur and professional players.

This issue becomes relevant in sports which futsal can be a determining factor in the integration of the individual and can have a significant impact on other dimensions of his life. As is common knowledge, futsal has acquired increasingly great importance in our societies. Sport, as a social phenomenon, has a structure. This same structure can consist in the playing field, community life and schools. It is a phenomenon that enables the existence of social processes such as contact, communication, adaptation, collaboration, conflict, competition, inclusion, upward social mobility and others. Sport promotes a representation of social cohesion and consolidation of citizenship, thus assuming a key role in the socialization process of man and own identity construction.

Since it is a growing sport for the female gender, this universe does not yet show a marked and visible presence of the soccer field and access to players is not so easy since the number of female players is very reduced compared to the male players, the research will focus only on male players.

Concisely, according to what was determined in this study, sport is a privileged place for the creation of social friendships, which allows us to understand what's the value of cooperation, as well as the feeling of belonging to a particular group, leaving part of all that may seem somehow mark the difference, as the ethnic groups and social classes.

Keywords: Sociology of Sport; Socialization; Routes and Biographies

Índice de figuras

Figura 1 – Modelo de Análise.....	42
-----------------------------------	----

Introdução

Pouco se discute, na sociologia portuguesa, a importância que o desporto poderá ter na sociedade enquanto agente de inclusão social e socialização dos indivíduos, sendo que são cada vez mais intensos os fenómenos de exclusão social. O facto de o ano de 2010 ter sido o Ano Europeu de Luta contra a Pobreza e Exclusão Social, fez com que infindas reflexões por parte de toda a sociedade acerca desta realidade surgissem (Caldeira, 2011). E esta questão da exclusão social acaba por estar muitas vezes relacionada com a marginalidade, e aqui o desporto, neste caso o futsal, pode funcionar enquanto superação dessa realidade. Neste sentido, com esta dissertação procura-se compreender de que forma se poderá combater estas questões, ou seja, de que forma uma modalidade desportiva, como, o futsal, poderá prevenir situações de marginalização e exclusão, e de que modo pode funcionar na sociedade enquanto agente de socialização e inclusão social do indivíduo ao longo do seu percurso. Para além disto, procura ainda perceber se o futsal, como acontece em outras modalidades desportivas, possibilita ao indivíduo mobilidade social ascendente.

Um dos principais motivos que levaram à realização da presente dissertação, para além daqueles anteriormente mencionados, foi o facto de em Portugal, na Sociologia, ainda não existirem muitos trabalhos relativos à questão da importância que o desporto tem *na e para* a sociedade.

É preciso, desde logo, perceber qual a importância que o desporto tem na sociedade atual. O desporto consiste num fenómeno que estima socialmente o homem, facultando uma melhoria do seu auto-conceito, podendo ainda ser algo de muito bom na vida de todo o ser humano, ajudando-o na sua educação e formação pessoal. Neste sentido, são cada vez mais os pais que apostam no desporto como forma de ocupação dos tempos livres dos seus filhos, uma vez que constatam que este transmite um conjunto de valores. A prática desportiva pode trazer um somatório de benefícios. Para conseguir obter estes benefícios validamos a importância dos diferentes agentes (pais, treinadores, dirigentes), em que cada um tem o seu papel, naquela que é a formação dos jovens, sendo necessária a colaboração de todos, nunca interferindo na área de intervenção uns dos outros.

A nível físico é conhecido que o desporto ajuda em questões tais como o combate à obesidade, redução do risco de doenças cardiovasculares, fortalecimento muscular, etc. A nível psíquico, aumenta a auto-estima daqueles que o praticam, uma vez que este

desenvolve um conjunto de competências que antes não detinham, melhora o seu físico, resultando numa melhor imagem que o indivíduo tem de si. Por fim, a nível social, o desporto assume-se enquanto lugar benéfico através do qual se criam laços sociais de amizade, consentindo a partilha de sentimentos e concedendo ao indivíduo a sensação de pertença a um determinado grupo (in <http://futebol-formacao.blogspot.pt/2009/08/importancia-do-desporto-parte-i.html>).

Por tudo aquilo que se acaba de referir, fica bem manifesta a importância da prática desportiva para o integral e coerente desenvolvimento dos indivíduos. E perante tudo isto, fica clara a pertinência da pesquisa, para a qual obtivemos o contributo de seis jogadores de futsal, em que todos revelam experiências distintas, mas cujo valor que atribuem à modalidade, no sentido de proporcionar ao indivíduo a sensação de pertença, de fazer parte, e sentir que é útil, é comum a todos eles. Neste leque de jogadores está incluído o melhor do mundo da modalidade, o português Ricardinho.

O primeiro capítulo da presente dissertação, intitulado “Enquadramento Teórico”, encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte é feita uma abordagem teórica aos temas do *Desporto, Sociedade e Cultura*. Seguidamente, serão abordadas temáticas como *Socialização, Identidades, Inclusão e Mobilidade pelo Desporto*. Relativamente ao segundo capítulo, que diz respeito à “Estrutura Metodológica da Investigação”, este divide-se em três partes. Na primeira, é feita uma abordagem ao conceito de *campo* de Bourdieu, é dado a conhecer a história da origem do futsal, assim como o objeto de estudo, a pergunta de partida e os objetivos da investigação. Na segunda, estará patente a metodologia de investigação utilizada para o estudo e quais os procedimentos efetuados para recolha dos dados e principais constrangimentos. Partindo da apresentação do que se pretendeu estudar, a terceira parte consiste na análise dos dados recolhidos e discussão dos resultados. Nesta terceira parte analisar-se-ão todos os dados recolhidos, para que se possa ter uma conceção mais explícita do que se pretende aferir. O terceiro capítulo aborda as “Considerações Finais e Propostas Futuras”. Por fim, será apresentada a *bibliografia* utilizada para a elaboração da pesquisa em questão e os *anexos* dos quais constarão o guião da entrevista e a transcrição das mesmas.

I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Desporto, Sociedade e Cultura

1) O desporto no contexto das sociedades modernas

O presente capítulo debruça-se sobre a relação existente entre desporto, sociedade e cultura. O fenómeno desportivo é um assunto que, nos últimos tempos, tem suscitado diversas interpretações, nomeadamente por ser uma atividade praticada pelas massas. O desporto é, porventura, hoje, a forma mais popular de participação cultural, o domínio mais universal da cultura e, dessa forma, anula barreiras culturais como a língua, a religião, as fronteiras geográficas, ou até as manifestações de nacionalismo. Através deste fenómeno é possível a existência de interação entre as culturas, onde residem regras morais que permeiam e atestam a sociedade. Assim, o desporto procura instituir e assegurar, como uma linguagem universal, um modelo cultural adotado internacionalmente. O conceito de desporto remete-nos para os primórdios do desporto moderno, que produz uma união crescente entre pessoas de várias entidades culturais (in <http://cerebro0.blogspot.pt/2008/04/problematizao-do-conceito-do-desporto.html>).

De acordo com aquilo que António da Silva Costa nos dá a conhecer, o desporto consiste num fenómeno humano que está inteiramente relacionado com a origem, as estruturas e o próprio funcionamento das sociedades modernas, o que, segundo o referido autor, permite-nos *“afirmar que é possível analisar qualquer sociedade através dos desportos que ela pratica (...) será legítimo aceitar que, no fundo, a história de qualquer povo é a história dos seus jogos”* (Costa, 1992: 101). Tais jogos são uma constante da cultura e as suas formas podem sempre variar de uma área cultural para a outra. Esta universalidade do jogo nomeia-o enquanto componente elementar da condição humana. O autor vê o fenómeno desportivo enquanto facto social total de natureza e funcionamento simbólicos, enquanto fenómeno humano conexo à religião, ao mito e à própria cultura. O universo desportivo consiste num notável espaço de análise da sociedade *“onde podemos encontrar elementos para estruturar modelos ideais de análise social, e pode servir também para nos ajudar a descobrir formas de pensamento e modelos de acção através dos quais nós compreenderemos melhor o sentido da existência do homem e da sua integração na comunidade humana e pressentir muitas das aspirações que povoam o*

nosso imaginário colectivo e que muitas vezes não conseguem ultrapassar as barreiras do inconsciente” (Costa, 1992: 101).

João Batista e Rui Pires (1989) apresentam um olhar sobre o desporto moderno enquanto espaço através do qual se conquista a fuga às tendências quotidianas, espaço esse que é contruído pelos próprios atores no trajeto de estratégias elaboradas que procuram a manifestação de “emoções fortes”, ou seja, a procura da excitação. Excitação essa de que nos fala Elias (1992), para quem o desporto, tal como qualquer atividade de lazer, pode evocar um tipo especial de tensão, uma excitação agradável, permitindo assim que os sentimentos fluam de forma mais livre. Pode ainda contribuir para perder, possivelmente para libertar, tensões originárias do *stress*. O panorama do desporto, tal como o de muitas outras atividades de lazer, tem como finalidade movimentar, despertar emoções, reproduzir tensões sob a forma de uma excitação ponderada e bem equilibrada, sem riscos e tensões usualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida. Segundo João Batista e Rui Pires (1989), o desporto moderno, mais propriamente o desporto-espetáculo, “*constitui-se como um reduto viável para a explosão das emoções, abafadas num dia a dia regulado pela emergência de um autodomínio que impõe civilizados usos e costumes*” (12). De acordo com Amadeu Araújo (2000), o desporto consiste num dos fenómenos sociais que expressam as transformações em curso neste milénio, expressão essa que é visível naquelas que são as suas distintas vertentes (recreativa, educativa e/ou de rendimento). Para além disso, segundo o autor, o desporto consiste num meio de criação de indústrias, que propaga comércios e concebe fortunas, que através dos media dá a conhecer situações de sucesso e de fracasso, aumentando entusiasmos e aversões, arrastando massas.

Um dos mais relevantes contributos de Elias para a Sociologia do Desporto baseia-se na história do produto do desporto moderno. O autor apresenta uma perspectiva evolucionista na sua análise relativa ao fenómeno desportivo (João Batista e Rui Pires, 1989). Essa ideia de dimensão evolucionista de que Elias falava vai de encontro à perspectiva de António da Silva Costa (1992), quando este estabelece uma distinção entre o desporto moderno e o desporto greco-romano ou medieval. Essa dissemelhança é manifesta, nomeadamente, pela constante procura de novos recordes. Ou seja, é produto de uma evolução observável do fenómeno desportivo e da sua própria inclusão na sociedade que ovaciona a eficiência, a evolução e a produtividade.

Esse desporto moderno de que se tem falado até aqui surgiu na Europa na segunda metade do século XIX, baseando-se nas regras e nas instituições imprescindíveis que transportaram os jogos físicos, tidos como tradicionais, do ritual à conquista de títulos e novos recordes. É resultado da sociedade industrial e enquanto produto da mesma, retrata a sua imagem no que respeita à forma como a mesma funciona baseada nos seus paradoxos, perturbações, aspirações e expectativas. Ou seja, é viável a afirmação de que o desporto moderno reside numa interpretação simbólica da sociedade industrial que opera numa congruência de produto, disputa, competência e de uma evolução que se quer infinda (Costa, 1992).

O desporto, para além de ser perspectivado enquanto modelo de análise social, passa a ser compreendido enquanto utopia coletiva que conduz o homem à conquista duma realidade distinta daquela que é no presente, mas que futuramente será um facto (Costa, 1992). E de acordo com aquilo que nos diz Amadeu Araújo (2000), baseando-se na linha de pensamento sócio-antropológico de Marcel Mauss, o desporto enquanto facto social total *“permite-nos a análise de instâncias fundamentais da sociedade, como a família, a educação, a economia, a política, a recreação e até a religião, no sentido lato”* (977). Para além disso, enquanto ocupação de lazer e de ostentação narcísica, o desporto é um meio de realização daquilo que são os investimentos simbólicos conduzidos *“para a afirmação da distinção pela diferença, ou seja, uma forma de constante actualização das distâncias sociais e das hierarquias”* (João Batista e Rui Pires, 1989: 15)

Em suma, olhando para o fenómeno que é o desporto nos nossos dias, podemos afirmar que *“a observação da sua evolução histórica, ajudará a compreendê-lo como expressão da sociedade”* (Araújo, 2000: 977).

2) Desporto, mudança social e cultura

Pensar sociologicamente sobre o desporto vai para além da adoção de uma abordagem de senso comum relativamente ao mesmo, uma vez que nos é permitido sermos mais sensíveis às condições humanas que integram os diferentes mundos do desporto. Refletir sobre o fenómeno que é o desporto pode, de alguma forma, auxiliar-nos na compreensão da experiência pessoal de um indivíduo desportista que está conectada com questões públicas mais vastas. A sociologia provê uma base para uma melhor compreensão não somente da sociedade e da cultura, mas também de nós mesmos (Jarvie, 2006).

Segundo Jarvie (2006), não é possível perceber a história da sociedade contemporânea e cultural sem que seja facultado reconhecimento ao lugar do desporto, uma vez que este consiste num fenómeno internacional. Esse olhar sobre o desporto enquanto fenómeno internacional é resultado de um crescente contributo do mesmo para a economia, uma vez que alguns dos espetáculos mais visíveis internacionalmente são do foro desportivo; o desporto é entendido também enquanto parte do social e do tecido cultural relativos a diferentes localidades, regiões e nações, e apresenta-se como modificador manifesto em algumas das áreas mais pobres do mundo; é igualmente importante para o turismo; e é associado a problemas sociais tais como o crime, a violência, a migração laboral (pois implica muitas vezes a existência de deslocações constantes como o caso dos jogadores de futsal que jogam noutras zonas do país de origem ou mesmo aqueles que, fazendo do futsal a sua profissão, são “mercadoria” do mesmo, o que, desde logo, implica essas deslocações), a saúde, a divisão social, a pobreza e a revitalização económica e social. Ou seja, o desporto moderno *“has been described as (i) a ritual sacrifice of human energy; (ii) providing a common cultural currency between peoples; (iii) a means of compensating for deficiencies in life; (iv) a mechanism for the affirmation of identity and difference; (v) business rather than sport; (vi) a social product; (vii) a contested arena shaped by struggles both on and off the field of play and (viii) being a euphemism for Western or capitalist sport”* (Jarvie, 2006: 3). Carlos Neto (2015) afirma mesmo que o desporto moderno se envolve numa imensa mobilidade de conveniências de cunho político, económico e social no que respeita à sua disseminação, implementação e participação.

Ao estudarmos o desporto internacional é-nos permitido reconhecer quais os processos que excedem ou cruzam fronteiras a nível nacional, uma vez que ele é formado

por um conjunto variado de atividades que obedecem a regras inflexíveis e símbolos concretos segundo as disposições e dinâmicas organizadas de forma universal, independentemente do espaço geográfico e da situação em que se realizam. O universo desportivo “*exige uma compreensão sobre a relação entre pertinência técnica e pertinência cultural, evocando a existência de afinidades entre certos tipos de desporto (...) e certos grupos sociais, (explicação da sua distribuição particular entre os grupos)*” (Pociello, 1987, cit. por Neto, 2015: 3). Segundo Pierre Bourdieu (1979), quando se refere à teoria do habitus, as distintas circunstâncias sociais de existência viabilizam a construção de disposições duradouras e amovíveis que operam enquanto sistema produtor e classificador de práticas. Para o autor, é clara a noção de que o desporto pode cooperar em todo o processo de distinção e aquisição de capital cultural. A teoria do capital cultural encara a cultura como um sistema de símbolos e significados e o seu quadro de análise é resultado das noções de prática social e da reprodução social de símbolos. Disto resulta um habitus interno e durável que dá início a um ciclo de reprodução cultural (Bourdieu, 1990). A distribuição das práticas desportivas entre as classes sociais foi determinada por três fatores: capital económico, cultural e tempo livre (Jarvie, 2006). O desporto do futuro terá uma tendência aparente direcionada para a ocupação dos tempos livres (Neto, 2015).

O termo *cultura* é utilizado de várias formas dentro do fenómeno que é o desporto e a relação existente entre cultura e desporto baseia-se em alguns argumentos como: “*sport as a site of popular struggle between different social groups; sport as contributing to a particular way of life of different sub-cultures; sporting involvement and consumption as being viewed as a badge of distinction involving the production and reproduction of cultural capital; sport as contributing to forms of cultural policy; sport as contributing to forms of cultural identity*” (Jarvie, 2006: 67). Ou seja, num mundo que é cada vez mais impessoal, o desporto ajuda diferentes grupos de pessoas a responder a perguntas tais como: “*Quem sou eu?*” “*Quem é como eu?*” e “*Em quem eu posso confiar?*”. Por outro lado, o desporto também ajuda diferentes grupos étnicos a desenvolver um sentido de identidade cultural (Jarvie, 2006). Em suma, o desporto pode ser olhado enquanto figura ou metáfora de classe social. Ele determina em parte quem somos e quem é como nós, porque aquilo que fazemos determina quem somos e o que temos.

3) Dinâmicas sociais e valores nos envolvimento desportivos

Ao longo deste século é evidente a crescente importância social atribuída ao desporto, especialmente nas sociedades do mundo ocidental com níveis de industrialização mais elevados. A industrialização trouxe consigo novos valores daquilo que são as práticas sociais. O desporto, enquanto costume cultural, deixou de ser realizado por uma aristocracia burguesa, aristocracia essa que assegurava a sua reprodução através da escola, passando também a ser praticado pela classe trabalhadora operária. Essas classes estavam inseridas em organizações de carácter associativo criadas com a finalidade de alojar e investir numa prática desportiva frequente. Neste sentido, o desporto deixa de se expor enquanto *“prática lúdica e de distinção social, sem recompensas económicas, para se revestir de um carácter marcadamente competitivo, num complexo mercado profissionalizante aos mais diferentes níveis, dando lugar ao espectáculo por excelência”* (Marivoet, 1997: 102).

Autores como Norbert Elias e Eric Dunning (1992), ambos teóricos de elevada importância no campo da Sociologia do Desporto, incluem no sistema civilizacional a configuração social do desporto. Para ambos, a sociedade industrial é caracterizada por um robusto costume quotidiano, para além de uma competência acrescida dos sujeitos em conterem os seus estados emocionais, e nesse sentido o desporto é patenteado enquanto *“espaço onde a sociedade hiper-normativa e reguladora permite o afrouxamento dos estados de auto-controlo, dando lugar à libertação dos estados emocionais, quebrando a rotina diária num clima de excitação agradável e busca de prazer”* (Marivoet, 1997: 103). Para estes autores, *“tais sociedades são caracterizadas por elevados níveis de interacção desportiva entre áreas diversas, um processo que conduz à estratificação interna dos desportos específicos — a uma classificação hierárquica de desportistas do sexo masculino e do sexo feminino e de equipas desportivas, com os que representam os principais elementos que se encontram nos níveis mais elevados”* (Elias e Dunning, 1992: 320-321). Tudo aquilo que envolve a competição desportiva, incluindo o espetáculo, num contexto de pressão agradável e de aspetos que transpõem aquilo que é o momento do jogo, faz suscitar formas de identificação coletiva, que acabam por dar sentido à vida, principalmente aos grupos sociais que têm uma vida quotidiana monótona e pouco excitante e nesse sentido *“fornecem-lhes material e, ou também, recompensas de prestígio, facilidades e tempo para o treino. Em contrapartida, espera-se que realizem*

uma «actuação desportiva», isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os «consumidores» do desporto exigem, nomeadamente o espectáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da «imagem» e da «reputação» da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e «consumidores».” (Elias e Dunning, 1992: 321).

Gunther Luchen (1979; 1984; 1991, cit. por Marivoet, 1997), outro teórico da Sociologia do Desporto, argumenta que a instituição desportiva é pensada enquanto campo na sociedade em que atua em simultâneo com a escola naquilo que é o “atenuamento da cristalização de classes”, uma vez que, tal como a instituição escolar, possibilita a mobilidade social ascendente. Considera ainda que a instituição desportiva tem capacidade de socialização, valorizando a cultura física. Pierre Bourdieu (1987) introduz as práticas desportivas nas práticas de consumo cultural e, para o autor, o desporto apresenta-se enquanto prática cultural, social e económica, incluída num contexto de mercado de oferta e procura, socialmente concebido, ou seja, a oferta compõe-se através da capacidade organizacional num determinado momento e a procura através de disposições de prática manifestas no seio da sociedade. Dessa forma, as classes sociais com níveis superiores de capital cultural, social e económico procuram sobretudo chegar a patamares em que o acesso é mais trabalhoso, uma vez que é precisamente através desses que lhes é possível obter maior distinção, quanto às restantes classes as opções passam por *“estratégias de compensação a sua baixa estrutura de capital, através do acesso a consumos desportivos que lhes fornecem capacidade de identificação social. Bourdieu encontra, então, uma tendência para a generalização das modalidades, através da constituição de uma oferta menos elitista, facto que leva as classes sociais com níveis superiores de capital a procurarem novos desportos, de modo a ser-lhes restituída a distinção que procuram”* (Marivoet, 1997: 105). No caso de uma modalidade como o futsal, o acesso das classes inferiores é facilitado uma vez que consiste num desporto de baixos custos, logo a prática do mesmo é de fácil acesso.

A configuração do sistema de práticas desportivas é composta por diversos valores que têm fins e proveitos distintos. Em suma, é de ter em conta que a alusão aos envolvimento sociais em questões ligadas ao desporto se encontra à altura da apreciação feita pelos diferenciados grupos que compõem a sociedade, às habilidades de realização de atividades desportivas, que são o princípio de um capital específico, o capital

desportivo. Estes diferentes valores que são adotados pelos atores sociais, e que funcionam enquanto guias de diferentes práticas, manifestam-se nos díspares interesses que se encontram no seio do sistema. A forma como esses valores são estruturados resulta das relações que se instituem ao nível dos valores existentes nos diversos campos sociais onde os atletas se encaixam, como a família, que é socialmente estratificada, a escola, os amigos e o clube desportivo, tendo sempre presente as sociabilidades estimuladas (Marivoet, 1997). Através da participação desportiva desenvolvem-se e incutem-se valores como lealdade, cooperação, desportivismo, persistência, responsabilidade, espírito de equipa, disciplina, tolerância, humanismo, respeito, solidariedade e dedicação. Ou seja, trata-se de valores e princípios associados a uma cidadania ativa. Segundo Aranha (2000, cit. por Silva e Dallanol, 2008: 7) *“diversos são os valores, entre eles econômicos, vitais, lógicos, éticos, estéticos, religiosos, abraçando todos os níveis da vivência humana, o que nos leva a concluir que é impossível viver sem eles”*.

Em suma, o desporto poderá ser hoje apreciado enquanto fenómeno social de imensa importância e complexidade, não conseguindo dessa forma afastar-se dos vários setores da vida comum no que respeita ao domínio da indústria, da economia, da ciência ou da política. A Cultura Desportiva encontrou muitas das suas características no intitulado «desporto para todos», uma vez que se baseia nos mesmos pressupostos sociais e desportivos. O desporto quando ligado à cultura tem como primordial finalidade a diversão num meio em que cada indivíduo procura alcançar os seus próprios objetivos (saúde, relax, socialização, diversão, entre outros) (in <http://cerebro0.blogspot.pt/2008/04/problematizao-do-conceito-do-desporto.html>). Para além disto, possibilita ao indivíduo a sua inclusão na sociedade, sendo que o mesmo passa a fazer parte de um todo com objetivos comuns, funcionando, assim, enquanto processo de socialização e da própria construção de identidade do indivíduo.

Capítulo II – Socialização, Identidades, Inclusão e Mobilidade pelo Desporto

1) A socialização:

1.1 Construção das Identidades

No seguimento do capítulo anterior, aquilo que este pretende dar a conhecer está inteiramente relacionado com a questão do desporto enquanto agente de socialização, construção de identidades, inclusão e mobilidade social dos indivíduos. Nesse sentido, e em seguida, será dada a conhecer a perspetiva dos mais diversos autores da sociologia relativamente à questão da socialização que desencadeia todo um processo de construção de identidades.

Dubar (2006) realça o ponto de vista de alguns investigadores na área da sociologia, em que estes perspetivam a identidade social, primeiramente, enquanto sinónimo de pertença. Esta ideia traduz aquilo a que Durkheim intitulava de «maneiras de fazer, de sentir e de julgar» e aqui a tarefa do sociólogo é a de explicar os factos sociais, ou seja, de relacionar estas maneiras de fazer, sentir e julgar com as pertenças que são tidas como decisivas. Para outros investigadores, a identidade social é compreendida como algo mais amplo, no sentido em que consideram que as pertenças são múltiplas e nenhuma se pode decretar como principal. Para Dubar, essa pertença múltipla e inconstante dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, torna-se um problema sociológico aterrador. Contudo, *“não deixa de ser por isso que a noção da identidade se tornou claramente operatória num outro sentido que não só o de categoria de pertença. De facto, a identidade não é apenas social, ela é também pessoal. Ora «o indivíduo» não se transforma facilmente num objecto sociológico (...) «o ser social» dos indivíduos (a sua identidade social, sinónimo de pertença a uma categoria socialmente pertinente) é considerado como aquilo que eles herdaram sem o quererem e o que modela as suas condutas sem que eles tenham consciência disso”* (Dubar, 2006: 13). O surgimento de novas formas de individualidade é olhado enquanto produto, involuntário e não programado, de processos que transformam os modos de identificação dos indivíduos em resultado das transmutações mais consideráveis na organização económica, política e simbólica possível de se observar nas relações sociais.

Segundo Bernard Lahire (2005), o indivíduo, quando olhado como produto complexo de diferentes processos de socialização, faz com que seja inevitável observar a sua pluralidade interna. Neste sentido, o singular é inevitavelmente plural. Aquilo que acontece é que *“à coerência e homogeneidade das disposições individuais pensadas pelas sociologias à escala dos grupos ou das instituições, substitui-se uma visão mais complexa do indivíduo, menos unificado e portador de hábitos (de esquemas ou de disposições) heterogêneos e, em alguns casos, opostos, contraditórios. As ciências sociais (e nomeadamente a sociologia, a história e a antropologia) viveram durante demasiado tempo sob uma visão homogeneizante do indivíduo na sociedade”* (Lahire, 2005: 25). Os princípios de socialização aos quais o indivíduo foi sujeito são resultado de uma coesão dos hábitos ou disposições assimilados pelo mesmo. Ou seja, se o indivíduo tiver sido colocado num contexto social plural não homogêneo e contraditório, de forma sucessiva, estaremos perante um indivíduo com um património de disposições, hábitos e competências não unificado. Esta ideia de património de disposições *“permite rever em baixa as pretensões interpretativas de certos sociólogos disposicionalistas. Que o indivíduo não seja nem uma realidade “em migalhas” (versão pós-moderna do indivíduo “estilhaçado”, “disseminado”, sem “unidade” nem “coerência”...), nem uma pura adaptação sensível às exigências variáveis dos contextos (versão empirista da experiência), não deve conduzir a exagerar a coerência das experiências socializadoras e dos traços disposicionais que elas imprimem nos indivíduos”* (Lahire, 2005: 27).

A ideia ilusória de um eu homogêneo e coerente acaba por ter algum fundamento social. O indivíduo singular é reconhecido a partir do momento em que existe um “apelido” articulado a um “nome próprio”, que se traduz na sua assinatura própria, e acompanha alguns dos indivíduos durante toda a vida até ao momento em que termina em forma de discurso, em que há uma apresentação de si, da sua história, daquilo que é a sua vida (curriculum vitae, elogios fúnebres, biografias e autobiografias, história de vida...). Na maioria desses discursos, o postulado da unidade do sujeito é forte. O “eu” que é exposto pelo indivíduo ou o “ele” que é referido por outros garantem uma espécie de continuidade de uma identidade pessoal lógica e constante. Ainda assim, não podemos afirmar que os indivíduos são produto de um só pedaço, muito pelo contrário, eles são fruto de um conjunto de diversas colagens compostas por disposições fortes. Contudo, isso não indica que são indivíduos “sem coerência”, mas sim sem um princípio de

coerência único no que respeita às suas crenças e disposições para proceder. Tudo isto nos leva a afirmar “*que a ideia de um “si” ou de um “eu” (de uma “personalidade”...) único e unificado é, para utilizar uma expressão de Durkheim, uma ilusão socialmente bem fundada, e que não conseguimos ver muito bem por que milagre a realidade das inclinações, das disposições e dos hábitos individuais corresponderia a esse modelo social unificador de constituição do eu*” (Lahire, 2005: 32).

Para o autor Norbert Elias (1991) «Não há identidade do Eu sem identidade do Nós». A proposta do autor baseia-se na expressão «Identidade Nós-Eu» de forma a conseguir fazer uma interpretação do processo histórico que denomina como «processo de civilização». Esta teorização do autor dificilmente evita as armadilhas do evolucionismo e, em último caso, só se pode encontrar identidades dos «Eu» totalmente presas na identidade desses «Nós» considerados como «totalitários».

O processo de produção das identidades sociais, segundo Madureira Pinto (1991), acarreta dois procedimentos: o processo de identificação, ou seja, aquele através do qual os atores sociais se integram em conjuntos mais vastos, de pertença ou referência; e o processo através do qual os atores tendem a autonomizar-se e distinguir-se socialmente, mantendo distâncias e limites em relação aos seus semelhantes. O autor chama ainda a atenção para o facto de que é importante não se esquecer que as identidades sociais são construídas com base na incorporação e diferenciação, por inclusão e por exclusão, contradições e lutas, numa “*lógica de jogo de espelhos, as identidades impuras, sincréticas e ambivalentes*” (219). A construção das identidades sustenta-se sempre em “*alteridades (reais ou de referência) e por isso nunca exclui em absoluto convivências e infidelidades recíprocas – para desespero dos que nela querem ver o desenvolvimento harmonioso e coerente de umas tantas substâncias essenciais*” (219). A mesma é alimentada através de trajetos anexados aos agentes, através da posição ocupada por estes na estrutura social e também dos projetos socialmente formulados em cada momento. São diversos os setores sociais, em especial no âmbito das classes populares, “*que, por força de trajectos sociais de declínio específicos, incorporam operadores prático-simbólicos de auto-avaliação incompatíveis com autênticas estratégias de reinterpretção. Excluídos (por razões objectivas e subjectivas) dos processos mais dinâmicos e mobilizadores de recursos intelectuais, tais grupos acabam por interiorizar inibições e*

sentimentos de vergonha cultural que vão sobrepor-se às suas capacidades potenciais de criação e recriação de símbolos” (228).

Segundo Dubar (1997), a identidade de alguém é aquilo que se tem de mais precioso, ou seja, a perda de identidade é entendida enquanto sinónimo de alienação, de angústia, sofrimento ou mesmo morte. Essa identidade não é dada ao indivíduo no momento do seu nascimento, ou seja, ela é construída na infância e ao longo da vida vai-se reconstruindo e nunca é produzida somente pelo indivíduo, uma vez que depende de igual forma dos julgamentos produzidos pelos outros e das suas próprias orientações e autodefinições. Ela é produto de um conjunto de contínuas socializações.

No decorrer da história das ciências sociais o termo «socialização» foi usado em diversos sentidos e obteve compreensões consideradas ainda hoje como negativas ou antiquadas muitas vezes, como: *“inculcação das crianças, endoutrinação dos indivíduos, imposição de normas sociais, constrangimentos impostos pelos poderes tanto ameaçadores quanto anónimos”* (Dubar, 1997: 4). O termo, quando aplicado à criança, traduz-se enquanto objeto essencial da psicologia genética. As estruturas através das quais todas as crianças circulam são cognitivas, internas ao organismo, e relacionais, direcionadas para o exterior, de forma simultânea. Segundo Piaget, as estruturas evolutivas não são utilizadas com o único propósito de definir os estádios do desenvolvimento pelos quais a criança passa, elas *“são indissociáveis das condutas, já não são definidas em termos behavioristas como simples reações a estímulos externos (...) mas entendidas como respostas às necessidades resultantes da interação entre o organismo e o seu meio físico e social”* (Piaget, cit. por Dubar, 1997: 6). O autor fala em estádios, entre os quais a assimilação e a acomodação. O primeiro estádio consiste numa incorporação de coisas e pessoas externas às estruturas já existentes. Quando a criança progride, tornam-se juntamente imprescindíveis e exequíveis novas formas de assimilação. O segundo estádio refere-se a um reajustar das estruturas em função das transmutações exteriores. Nesse sentido, as mudanças de ambiente são perspectivadas enquanto fontes eternas de acertos. Estas variações possibilitam a existência de estruturações do espaço e do tempo, assim como a ocorrência de modalidades contínuas que identifiquem as relações de causalidade. Assim, a cada um dos estádios definidos pelo autor é possível fazer-se corresponder formas típicas de socialização que constituem modalidades da relação da criança com os outros seres humanos. Dessa forma, passa-se

do “egocentrismo inicial do recém-nascido caracterizado por “uma indistinção do Eu e do mundo” à inserção terminal do adolescente escolarizado no mundo profissional e na vida social do adulto” (Dubar, 1997: 7).

A socialização não depende somente da geração antecedente, mas também dos próprios indivíduos. Ou seja, “Cada geração deve socializar-se por si própria, tendo por base os “modelos culturais transmitidos pela geração precedente”” (Durkheim, 1902-1903, ed. 1963: 4). Piaget e Durkheim perspetivam a socialização enquanto «educação moral». Para Durkheim (1902-1903), a socialização consiste numa transmissão daquilo a que se chama «espírito de disciplina» que é garantido por constrangimentos, rematado com um vínculo aos grupos sociais e interiorizado de forma livre devido à independência da vontade. O autor fala da passagem da solidariedade mecânica através de “imitação exterior” para a solidariedade orgânica através de “cooperação e complementaridade”, que contribui para o aumento da individualização e da distinção das relações sociais (1993). Piaget (1932: 419, cit. por Dubar, 1997: 10) vê a socialização enquanto uma “construção, ativa e interativa, de novas “regras de jogo”, implicando o desenvolvimento autónomo da “noção de justiça” e a substituição de “regras de constrangimento” pelas “regras de cooperação””.

São dois os grandes paradigmas do social: o “holista” que encara a sociedade enquanto um todo, um organismo; e o “individualista” que a perspetiva como um conjunto de indivíduos independentes. A socialização pode ser definida enquanto processo descontínuo “de construção colectiva de condutas sociais que integra três aspectos complementares: o aspecto cognitivo representando a estrutura da conduta e traduzindo-se em “regras”; - o aspecto afectivo representando a energética da conduta e exprimindo-se em “valores”; - o aspecto expressivo (ou “conativo”) representando os significantes da conduta e simbolizando-se em “signos”” (Dubar, 1997: 12). É perspetivado enquanto processo interativo e multidirecional que antecipa uma transação entre o socializado e os socializadores, sendo que esse processo passa por renegociações ininterruptas no contexto de todos os subsistemas de socialização. A socialização não consiste somente num processo de transmissão de valores, regras e normas, é também um processo de desenvolvimento de uma determinada reprodução daquilo que é o mundo, sobretudo de “mundos especializados”. Esta reprodução não é estabelecida de uma forma finita pela família ou pela escola; o que acontece é que cada indivíduo “constrói-a

lentamente, utilizando imagens retiradas das diferentes representações existentes que ele reinterpreta para formar um todo original e novo” (Dubar, 1997: 17). Não se trata de um processo, resultado apenas de aprendizagens formalizadas, mas sim do produto, reestruturado de forma constante, das influências presentes ou passadas dos numerosos agentes de socialização (Dubar, 1997).

Em suma, a socialização é “essencialmente um processo de identificação, de construção de identidade, ou seja, de pertença e de relação. Socializar-se é assumir o sentimento de pertença a grupos (de pertença ou de referência), ou seja, “assumir pessoalmente as atitudes do grupo que, sem nos apercebermos, guiam as nossas condutas” (Dubar, 1997: 18).

1.2 Socialização no desporto

O processo de socialização do Homem passa pelo Desporto e pela Educação Física, confirmando-se dessa forma que as atividades desportivas estão relacionadas com o desenvolvimento social, uma vez que a prática do desporto contribui para um sentimento de coesão social. Todas as sociedades são definidas de acordo com o desporto que praticam, e este é definido de acordo com a cultura e a sociedade em que se insere. Os desportos podem ser diversos mas há algo de comum em todos eles: os seus valores. Enquanto fenómeno social que é, o desporto é caracterizado por um sistema que exhibe uma estrutura. E esse sistema é composto por um conjunto de indivíduos e grupos que se relacionam entre si e que partilham um mesmo objetivo: a promoção do desporto. Isto pode compreender o campo de jogo, a vida associativa, as áreas profissionais desportivas e as escolas. A partir do momento em que existe uma organização desportiva, podemos apreciar diversos grupos, entre os quais praticantes, dirigentes, técnicos, árbitros, associados, outros agentes desportivos (não estruturados), e massa de espectadores (não estruturada) (in [http://www.notapositiva.com/pt/trbestbs/educfisica/12 a funcao social do desporto d.htm](http://www.notapositiva.com/pt/trbestbs/educfisica/12_a_funcao_social_do_desporto_d.htm)).

São diversas as formas de interagirmos em sociedade e dentro dessas o desporto é a dominante. O desporto, quando praticado, pode conceber um ato de socialização. Exemplo disso são os eventos desportivos, em que os espectadores entram em interação uns com os outros, apoiando a mesma equipa ou o mesmo desportista, facto que nos

coloca perante o fenómeno de coesão social. O mesmo acontece quando uma atividade física é realizada em grupo, em que se torna possível fortalecer os laços entre as pessoas, sendo que se trata de um importante e saudável estilo de convívio. Para o bem-estar físico do indivíduo a prática de exercício físico é sempre recomendada, mas é sobretudo a interação entre os participantes e o convívio que estimula outros a praticarem desporto. Praticando-o ou não, a verdade é que o desporto mobiliza qualquer pessoa. Nesse sentido o desporto une todo o tipo de grupos sociais, raças, religiões etc., contribuindo dessa forma para uma coesão social. O desporto desperta nos indivíduos um conjunto de emoções, uma vez que aparecem sempre grandes ocasiões de convívio e união, e, por vezes, comemoram-se vitórias ou choram-se fracassos das equipas que se apoiam com indivíduos que na maioria das vezes mal se conhecem. Porque em momentos tão emocionantes como esses, esquece-se tudo e surge um sentimento de união. E é nesta magia que se traduz o desporto (in http://www.notapositiva.com/pt/trbestbs/educfisica/12_a_funcao_social_do_desporto_d.htm).

Dentro do leque dos desportos o futsal é, se não o mais, um dos mais praticados no contexto escolar. Esse facto deve-se sobretudo à grande semelhança desta modalidade com o futebol, que é tido como o desporto rei, ou seja, aquele que é mais praticado e seguido pelos indivíduos, devendo-se ainda ao fácil acesso aos recursos que ele requer e pela imensa capacidade de improvisar quando estes faltam. O futsal enquanto desporto pode ser perspectivado como potenciando um teor escolar onde se patenteia não só uma preparação técnica, caracterizada por uma imensa repetição dos movimentos, mas igualmente questões como a socialização e a cooperação entre os alunos, a afetividade e a compreensão da sua importância na conexão político-social (Silva, 2012).

O homem, em tudo aquilo que faz, é um ser social. Nesse sentido, é de elementar importância concretizar brincadeiras nas quais o foco principal seja a socialização do grupo. Segundo Freire (1992), as crianças da infância secundária deixam a característica individualista da primeira infância e passam a incorporar um espaço no qual elas não são mais o centro de tudo e iniciam o ato de interagir, em que há uma relação de dependência uns dos outros. Nesse sentido, é necessário que existam por parte dos educadores iniciativas baseadas em jogos e brincadeiras que possibilitem à criança socializar e interagir com os outros. É preciso dar a conhecer às crianças a necessidade de conviver

em sociedade, onde interajam entre si, independentemente da raça ou classe social que os caracterizam. Neste sentido, os desportos coletivos têm um papel muito importante, uma vez que contribuem para isso mesmo, tratam a questão do grupo e da necessidade de interação entre os seus elementos, necessidade essa que se evidencia não só nas modalidades desportivas, mas também noutras dimensões do quotidiano de cada indivíduo (Santos et al., 2010). O jogo simbólico seria perspectivado pela criança como um espaço onde *“pode-se fazer-de-conta aquilo que na realidade não foi possível.”* (Freire, 1992: 117). Segundo Claparede (1937, cit. por Silva, 2012), a participação da criança em jogos possibilita que a mesma construa uma formação de atitudes sociais, entre as quais se destacam solidariedade, cooperação, obediência às regras, iniciativa pessoal e grupal, senso de responsabilidade e respeito mútuo. Desta forma, a criança aprende a valorizar o trabalho em grupo e o sentido de competição saudável.

Hoje em dia, o desporto não está somente associado à ideia de lazer, mas também à de transformação da vida do indivíduo na sociedade, uma vez que é capaz de transformar diversas realidades sociais, entre as quais a marginalidade e o analfabetismo. E no que respeita ao futsal, esta modalidade *“está em pleno crescimento, modernizando-se e procurando suprir as necessidades dos praticantes, e, como todo o esporte de massa desempenha um papel importante nos aspectos psicológicos, físico e social”* (Melo, 2001: 165, cit. por Silva, 2012: 17).

2) Inclusão social pelo desporto

O estudo relativo aos processos de exclusão social, integração e inclusão, está a cargo das ciências sociais, em especial das áreas disciplinares da sociologia, da psicologia e da economia social e solidária, que detêm um saber consistente, sobretudo no estudo de problemáticas como as da pobreza, das desigualdades sociais, da educação, da deficiência, e da discriminação racial ou étnica. Contudo, de modo a ser possível contextualizar esta realidade no campo desportivo, é imprescindível problematizar as conceções teóricas já fundamentadas, apreciadas enquanto princípios explicativos da realidade destes campos de análise (Marivoet, 2014).

O estudo da exclusão e inclusão social supõe que exista um saber prévio do conceito. A conceção de exclusão e inclusão social progride de acordo com a época e situação definindo-se por um significado aberto e flexível (Lopes, 2006). A exclusão social consiste num processo *“através do qual certos indivíduos são empurrados para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza ou da falta de competências básicas e de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, ou ainda em resultado de discriminação”* (COM, 2003: 9, cit. por Borba e Lima, 2011: 221). Pode, ainda, ser definida enquanto *“uma violação das exigências da justiça social manifestada através de conflitos de oportunidades e associados com a incapacidade de participar efetivamente na política. É um fenómeno distinto da pobreza e da desigualdade económica”* (Barry, 1998: 1, cit. por Borba e Lima, 2011: 221). Exclusão social não é um conceito, mas sim uma nova questão social. Pode ainda ser interpretada enquanto *“processo dinâmico, multidimensional, por meio do qual se nega aos indivíduos — por motivos de raça, etnia, género e outras características que os definem — o acesso a oportunidades e serviços de qualidade que lhes permitam viver produtivamente fora da pobreza”* (Mazza, 2005: 183, cit. por Borba e Lima, 2011: 221). Assim, a inclusão consiste na adoção de políticas sociais atuais que procurem atingir os excluídos que se encontram no limite das privações, através de programas focados que suportem rótulos de “inclusão social” (Lopes, 2006). Consiste ainda numa *“questão de abertura e de gestão: abertura, entendida como sensibilidade para identificar e recolher as manifestações de insatisfação e dissensos sociais, para reconhecer a “diversidade” social e cultural; gestão, entendida como crença no carácter quantificável, operacionalizável, de tais demandas e questionamentos, administráveis por meio de*

técnicas gerenciais e da alocação de recursos em projetos e programas (as políticas públicas)” (Laclau, 2006: 28, cit. por Borba e Lima, 2011: 222). Em suma, a inclusão social está catalogada com a procura de solidez social através da cidadania social, ou seja, que todos os cidadãos tenham os mesmos direitos na sociedade. A preocupação central da cidadania social baseia-se na implementação do bem-estar das pessoas enquanto cidadãos (Borba e Lima, 2011).

Nos dias de hoje, em que o quotidiano é marcado pelo fenómeno da globalização, os muros culturais existentes entre as nações tendem a dissipar-se, tornando-se dessa forma perceptível a diversidade humana. No entanto, simultaneamente a esta tendência de dissipação, assiste-se a uma reafirmação das identidades e das culturas (Maffesoli, 1988; Friedman, 2000, cit. por Marivoet, 2010), e, em alguns casos, aquilo que se observa são formas de inflexibilidade e agressividade. Por isso, a relevância do valor da condescendência e da inclusão social aumentam. Atualmente, é consensual olhar o desporto enquanto manifesto cultural com colossais competências no que respeita à aproximação das pessoas, das culturas e das nações, quer seja através da dinamização de sociabilidades, quer no transmitir de sentidos identitários, de fazer parte, isto é, de inclusão. A ética do desporto transmite valores articulados ao princípio do fair play, em que a ação desportiva é direcionada sobretudo para a inclusão e o combate a todo tipo de discriminação (Marivoet, 2010).

A União Europeia tem adotado um papel ativo na definição de políticas de crescimento desportivo, sobretudo a partir da assinatura do Tratado de Lisboa em que o desporto se tornou matéria de benefício comum. Precisamente nesse mesmo ano, foi lançado o Livro Branco sobre o Desporto pela Comissão Europeia, onde é ostentada uma proposta de política desportiva europeia comum, na defesa daquilo que se apelida de Modelo de Desporto Europeu. Neste documento de política desportiva europeia é enfatizado o papel social do desporto, e, nesse sentido, estimula-se o uso das competências do desporto *“na promoção da inclusão social, no estabelecimento da igualdade de oportunidades, e na prevenção e luta contra o racismo e a violência e qualquer outra forma de discriminação”* (Marivoet, 2014: 5). Contudo, apesar do acordo geral referente às competências que o desporto apresenta para a inclusão, sobretudo na criação de redes de sociabilidade e ligação em zonas comunitárias ou territoriais, em que é possibilitada a experiência da interação social a jovens inseridos em famílias

desprotegidas ou subordinadas a qualquer tipo de isolamento, com base no respeito recíproco e na igualdade baseada no sentido de pertença ao grupo, combatendo dessa forma as experiências exclusivas a que as sociedades tendem a subjugá-las, a verdade é que ainda persistem e manifestam-se casos de exclusão no desporto, seguramente tanto mais quanto maiores forem, em cada sociedade, as disparidades sociais, assim como preconceitos étnicos, religiosos, de género, de carência e de orientação sexual em cada sociedade. Ou seja: se, por um lado, o desporto se patenteia enquanto configuração social no sentido que Elias e Dunning (1986, cit. por Marivoet, 2014) lhe atribuíram, configuração essa que se revela *“potenciadora da inclusão, da promoção da tolerância, do respeito pelo outro, da cooperação, lealdade e amizade, valores associados ao fairplay, princípio basilar da ética do desporto”* (Marivoet, 2014: 6); por outro, através dele também se podem manifestar inflexibilidades e exclusões, designadamente discriminações raciais e étnicas (Kassimeis, 2008; Hylton, 2009, cit. por Marivoet, 2014). É em resultado disso que surge *“a importância que tem vindo a ser dada pelas entidades ou órgãos da União Europeia, na promoção e divulgação de estudos e iniciativas consideradas positivas”* (Marivoet, 2014: 6).

Os clubes ou estruturas desportivas apresentam-se como espaços de produção de redes sociais geradoras de capital social, da mesma forma que acontece em outros domínios da vida social, como a família, a escola, a igreja e outros. É através destas redes sociais que *“o indivíduo adquire sentimentos de pertença, de fazer parte da sociedade, e por isso de inclusão geradora de empowerment”* (Pinto, 2011, cit. por Marivoet, 2014: 7). Bourdieu chamou a atenção para o facto de os indivíduos conseguirem obter benefícios mediante a participação em grupos ou redes sociais, existindo a capacidade do capital social ser transformado em capital cultural ou económico, sendo que, no caso das práticas desportivas, se poderia adicionar os capitais corporal e desportivo, promovendo o desporto enquanto espaço impulsor de recursos geradores de inclusão. Por inclusão social no desporto entende-se *“a existência real de igualdade de oportunidades no seu acesso, constituindo boas práticas a promoção da prática desportiva generalizada, e a presença de pessoas tendencialmente excluídas na sociedade no exercício das actividades dirigentes e técnicas, i.e., que não seja exercida discriminação no acesso a estes cargos por motivos raciais, étnicos, religiosos, deficiência, género, orientação sexual, classe social ou outros”* (Sherry, 2010, e Haudenhuyse, Theeboom e

Nols, 2012, cit. por Marivoet, 2014: 8). Por outro lado, a inclusão social através do desporto direciona-se a um *“desenvolvimento de competências pessoais, sociais, motoras ou outras, capazes de produzir empowerment junto dos grupos-alvo em intervenção, em que as boas práticas se dirigem à promoção do desporto formativo, isto é, privilegiando os princípios éticos do desporto e valores associados junto de crianças e jovens em meio escolar ou em situações de risco de discriminação”* (Sherry, 2010, e Haudenhuyse, Theeboom e Nols, 2012, cit. por Marivoet, 2014: 8). O desporto, além de ser uma forma de criar uma identidade desportiva para a inclusão social, é um dos indicadores do poder de um país fortalecendo a identidade nacional, regional ou local, permitindo ao cidadão comum ter uma sensação de pertença a um grupo. É um fenómeno que aproxima jogadores e públicos, sócios e não sócios, proporcionando-lhes dessa forma uma relação de pertença e igualdade de direitos.

Em suma, segundo Marivoet (2012), o desporto é imprescindível enquanto agente de inclusão, uma vez que o indivíduo vai passar por uma vivência onde irá sentir justamente o contrário da exclusão, ou seja, ele vai sentir que é aceite, que é útil, que faz parte. Segundo a autora, junta-se o gosto pela atividade ao facto de os indivíduos se tornarem mais pró-ativos, empreendedores e empenhados nos objetivos comuns. Os projetos que são desenvolvidos nas escolas ou clubes têm vindo a possibilitar a partilha de experiências entre crianças e jovens de distintas origens sociais e étnicas. Também os projetos aplicados em zonas residenciais mais desfavorecidas, como é o caso dos bairros sociais, possibilitam a sociabilidade entre crianças e jovens provenientes de diferentes etnias, ou ainda de comunidades ou grupos cujos relacionamentos podem ser conflituosos. O viver a inclusão em si mesma, o pertencer, o sentir a sua existência enquanto ser humano para além dos estigmas ou preconceitos sociais, de género, raciais, étnicos, religiosos, ou de orientação sexual, é perspectivado pela autora como uma das grandes vantagens, mas para além disso, considera igualmente importante o auto-controlo emocional na resolução de conflitos com base no diálogo, no respeito mutuo, no sentido da partilha e da amizade, e ainda na aquisição de hábitos saudáveis como os cuidados com o corpo, a atividade física, a higiene e a alimentação.

3) Mobilidade social pelo desporto

São duas as teorias utilizadas para clarificar aqueles que são os determinantes da mobilidade: a *Teoria do Capital Humano* (Schultz, 1964) e a *Teoria de Segmentação do Mercado de Trabalho* (Piore, 1970; Doeringer e Piore, 1971). A primeira engloba as variáveis referentes ao capital humano como determinadoras do êxito dos indivíduos no contexto do mercado de trabalho. Se for qualificado, mais elevada a produtividade e a sua empregabilidade são. A segunda teoria, por sua vez, apresenta a estrutura ocupacional como um todo segmentado e detém eleições de preferência no momento de seleção dos indivíduos ao preencherem cargos profissionais. Deste modo, subsiste o mercado de trabalho primário e o secundário: um com retorno positivo para o trabalhador e outro com baixo retorno (Biagioni, 2006).

Num sentido mais amplo, a Teoria do Capital Humano apresenta menos consideração pelos determinantes estruturais do mercado de trabalho e evidencia as capacidades individuais. Perante isto, a imobilidade e mobilidade descendente (insucesso na mobilidade social) enquanto desempenho individual seria de responsabilidade dos próprios indivíduos. No caso da mobilidade social, as oportunidades de mobilidade ascendente são maiores, segundo nos dá a conhecer a Teoria da Segmentação do Mercado de Trabalho, no contexto do mercado primário (Piore, 1970). No mercado de trabalho primário os cargos detêm melhores rendimentos, condições de trabalho, estabilidade e hipótese de ascensão. Quanto ao mercado secundário, as ocupações e as condições de trabalho não beneficiam a melhoria da posição do posto de trabalho já inferior. Em suma, o mercado de trabalho primário é melhor em termos de condições que o secundário e presenteia os indivíduos com melhores chances de ascensão (mobilidade ascendente) (Biagioni, 2006).

A mobilidade social é essencial para o entendimento daquilo que compõe o esquema de classes neoweberiano. Weber (1979) define classe social enquanto permanência do fluxo entre posições sociais e económicas que patenteia uma classe. Quanto à mobilidade social, funciona enquanto distintivo da estrutura ocupacional e divulga, por oposição, os canais de fluxo na sociedade. A estrutura é perspectivada como um todo móvel e as classes são as consequências desta. Giddens (1975, cit. por Biagioni, 2006) ao estudar as classes sociais no sentido weberiano sugeriu três hipóteses referentes às questões da mobilidade e da formação das classes sociais. A primeira hipótese diz respeito ao

fechamento social que “aponta que o maior fluxo de mobilidade é realizado em curta distância. Assim, a mobilidade de longa distância fica menos ocorrente e mantém uma certa estabilidade da condição de classe” (2006: 4). A segunda hipótese é a de zona de contenção. Esta “afirma que o maior fluxo de mobilidade se dá na fronteira manual e não-manual, impedindo mobilidade de grande distância das classes mais baixas para as mais altas” (2006: 4). Por fim, a hipótese de contramobilidade. Ou seja, “o incremento da mobilidade da primeira ocupação é compensado pelo decréscimo da mobilidade ao longo da vida. A mobilidade inicial é compensada pela contramobilidade posterior” (Biagioni, 2006: 4).

A mobilidade social é fundamental para se entender a estrutura e a natureza das classes ao longo do tempo. O conceito de uma estrutura social, não assinalada por uma divisão classista, e sim estratificada, foi aquilo que acabou por incitar e atribuir legitimidade aos estudos relativos à questão da mobilidade social (Grácio, 1997). Segundo Cuin (1993: 88-91, cit. por Grácio, 1997: 47), *“Quando a distribuição das posições tem lugar quase num continuum, é favorecida a circulação dos indivíduos de umas posições para as outras”*. Para Shumpeter (1984, cit. por Grácio, 1997), as estruturas são sempre produto da ação humana, de tal forma que a estrutura de classes, em último caso, corresponde a disparidades de competências. As posições foram criadas e conquistadas através de condutas sociais envolvendo competências distintas, naturais ou alcançadas (como por exemplo, a partir da herança familiar). Assim, a mobilidade social pode ser perspectivada enquanto *“constitutiva das classes porque pode estar associada à criação de posições (o negócio bem sucedido) e porque tem a ver com o recrutamento social das classes, logo com a maior ou menor homogeneidade cultural e ideológica no interior de cada uma delas”* (Grácio, 1993: 50). Já para Raymond Boudon, a mobilidade social não tem qualquer papel na estruturação das classes. Trata-se sobretudo de *“tentar esclarecer como tem lugar ao longo do tempo a aquisição de recursos para o acesso às posições, e o próprio acesso às posições, embora, claro, os indivíduos em competição tenham origens sociais diversas – que influenciam as suas oportunidades”* (Boudon, 1973, cit. por Grácio, 1997: 54).

Ainda segundo Grácio (1997: 51), o aumento da mobilidade social acarreta consigo um complexo conjunto de situações porquanto *“desenvolve o egoísmo dos pequenos grupos e das famílias, desvia da luta colectiva e incita à competição individual por um*

lugar ao sol, o que contraria a formação da consciência de classe. A esperança de que os filhos possam atingir as posições que se foi incapaz de alcançar é dos sentimentos mais difundidos nas sociedades pós-industriais". Para Giddens (1974), a inexistência ou o enfraquecimento da mobilidade fortalece a identidade daquilo que é a experiência social de geração para geração, contribuindo para a estruturação em classes. Para Daniel Bertaux (1978, cit. por Grácio, 1997) a mobilidade é perspectivada enquanto uma miragem, em que a regra é a herança social.

Neste sentido, o objetivo passa por perceber de que forma o fenómeno da mobilidade pode ou não se verificar através do desporto. O desporto, como inclusão social, não tem sido perspectivado apenas como agente emancipador e modificador, mas também como uma promessa de realização de um sonho para muitos indivíduos. Em muitos países, onde as chances de ascensão social são muito poucas, a maioria dos miúdos pobres sonham tornar-se jogadores de futebol. Existem exemplos, como os de Cristiano Ronaldo no futebol e Ricardinho no futsal, que vieram de comunidades pobres e que conseguiram alcançar um estilo de vida elevado, que fazem com que muitos miúdos se revejam nesses exemplos e queiram fazer carreira no desporto. Se olharmos o caso do Brasil, em que o futebol e o futsal são os desportos mais praticados, e em que a comunidade pobre é elevadíssima, essas modalidades, sobretudo o futebol, são uma das poucas formas de ascensão social. Segundo Marcos Alvito, antropólogo e professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, são as próprias famílias que incentivam os jovens a seguirem carreira no futebol porque acreditam ser uma das poucas portas para saírem da miséria. Aquilo que acontece é que *"Se o garoto tem talento, a família deposita nele toda a esperança de mudar sua situação financeira e social"*. Nesses casos, é muito comum o jovem abandonar a escola para se dedicar exclusivamente ao futebol, com o consentimento da própria família (Nunes, 2007). O mesmo acontece em casos de jogadores de futsal, que se dedicam totalmente à modalidade e deixam para trás a sua formação.

Quando perguntámos a uma criança (rapaz sobretudo), qual o sonho que a embala, uma das primeiras respostas é "ser jogador de futebol" e o objetivo desse sonho passa sobretudo por dar uma vida melhor aos pais e a si mesmo, sair do anonimato para a ribalta, onde se ocupa o centro. *"Garotos que ainda brincam de ser criança, enquanto esperam por uma chance de ser o adulto que sonham ser. Garotos nutridos pela esperança e que*

nutrem esperanças. Sonho que caminha com os passos de chuteiras coloridas e com o estilo emprestado dos ídolos, como uma brincadeira de: quem quero ser quando crescer? Sutil esperança que aparece no toque carinhoso em camisas mais famosas. O sonho que esbarra com a dura realidade. [...]. O melhor a que se permitem esses garotos: sonhar” (Giglio, 2007: 146).

Hoje em dia, os jogadores têm muito mais compromisso e responsabilidade do que tinham há uns anos atrás. Isso deve-se ao investimento feito pelos seus patrocinadores, em que grandes empresas privadas financiam milhões, em troca não apenas de um grande desempenho mas também de uma conduta de vida sem desonra e que sirva de exemplo para quem os segue, sobretudo para as crianças. Atualmente existe muito mais exigência física, no sentido em que o compromisso seja de entrega a cem por cento, ou seja, para além de aptidão, resistência física e treino diário, o jogador, para se profissionalizar e alcançar sucesso, precisa de ter grande obstinação e disciplina. Sendo através de sonho ou de estímulo de outros, o sucesso pode chegar como prémio do esforço, competência e profissionalismo (in <http://www.webartigos.com/artigos/futebol-perspectiva-de-inclusao-e-ascencao-social/10293/>).

Este tema da mobilidade social através do desporto, nomeadamente do futsal, é uma das questões abordadas junto do leque de jogadores entrevistados no decorrer desta pesquisa.

II - Estrutura Metodológica da Investigação

1) “Percursos biográficos de jogadores de futsal portugueses”

1.1 - O campo em Bourdieu: O futsal enquanto campo de forças

O espaço social é composto por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que detêm em si uma lógica exclusiva, não repetida e inflexível à coerência que orienta outros campos. O campo é tido tanto como “campo de forças”, uma estrutura que limita os agentes nele incluídos, quanto um “campo de lutas”, no qual os agentes atuam de acordo com as suas posições relativas no campo de forças, preservando ou modificando a sua estrutura (Bourdieu, 1996). Os campos não são perspectivados como estruturas fixas, mas sim enquanto produtos da história das suas posições fundamentais e das disposições que as beneficiam (Bourdieu, 2001). Aquilo que restringe a existência de um campo e circunscreve os seus limites são os interesses próprios, os investimentos a nível económico e psicológico que ele induz a agentes providos de um habitus e as instituições em que ele se insere. A vida num campo é determinada pela ação dos indivíduos e dos grupos, integrados e integrantes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é remunerado conforme a economia própria de cada campo (Bourdieu, 1987). Segundo o autor, para a constituição do mesmo é imprescindível a existência e a definição de objetos de interesse, providos de valores, de disputa, que por sua vez circunscrevem o campo como um espaço de lutas, competição e procura de poder. Ou seja, a teoria dos campos de Bourdieu foi produzida com o objetivo de expor uma estrutura que servisse de análise para distintas abordagens relativas à sociedade. Os campos podem ser, por exemplo, a produção científica, o ensino superior, a religião, ou, neste caso, o desporto. Os agentes que ocupam o lugar de dominantes são precisamente os que detêm um máximo de capital social, já aqueles que se situam no lugar de dominados definem-se pela carência ou escassez do capital social exclusivo que determina o campo (Ortiz, 1994).

Na perspectiva de Bourdieu, o limite de cada campo obedece às ações dos seus agentes e do poder que os mesmos detêm nas suas instituições. A relação entre a oferta e a procura é algo cada vez mais atual no interior do campo desportivo, sendo que o consumo do

produto desportivo consiste no fator decisivo desse campo. Nesse sentido, o autor alega que, para além das relações de consumo existentes no contexto desportivo, a independência das modalidades desportivas é determinada pelo desenrolamento das estruturas das entidades que as representam. E para que se torne possível a construção de uma sociologia do desporto é necessário, desde logo, perceber que não se pode analisar um desporto de forma particular. Ou seja, é necessário pensar o espaço das práticas desportivas enquanto um sistema no qual cada indivíduo vê reconhecido o seu valor distintivo. Em suma, para compreender um desporto é preciso reconhecer a posição que ele preenche no campo dos desportos (Bourdieu, 1983). Para o autor, o espaço dos desportos não consiste num universo fechado em si mesmo, mas sim introduzido num sistema de práticas e consumos, estabelecidos por eles próprios (Bourdieu, 1990). O desporto, em suma, pode apresentar duas formas distintas de leitura. Uma, tida como sincrónica, em que a modalidade está diretamente relacionada com as disposições patenteadas nos agentes de uma determinada posição social. Outra, de forma diacrónica, em que o desporto pode ser apropriado por agentes das mais variadas disposições, ou seja, os programas desportivos sociais, assim como uma determinada disposição, pode adaptar-se a qualquer prática (Bourdieu, 1990).

1.2 - O futsal no mundo: o caso português

Neste caso, o campo desportivo escolhido foi o futsal. O futebol de salão, ou futsal, surgiu no mundo por volta de 1934, através do professor Juan Carlos Ceriani Gravier, da ACM (Associação Cristã de Moços), de Montevidéu, Uruguai, dando-lhe o nome de *Indoor Football*. No ano de 1935, os professores João Lotufo e Asdrubal Monteiro introduziram no Brasil o *Indoor Football* que passou aí a ser chamado *Futebol de Salão*. A primeira iniciativa de se uniformizar as regras do desporto em causa aconteceu em 1957, através da criação do Conselho Técnico de Assessores de Futebol de Salão, pelas mãos de Sylvio Pacheco, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Devido à facilidade da sua prática, no que respeita ao número reduzido de jogadores necessários para que um jogo aconteça e também devido ao espaço menor que exige quando comparado com o futebol, o Futebol de Salão/Futsal rapidamente adquiriu uma elevada popularidade, estendendo-se a outras paragens, originando torneios e conquistando adeptos em todos os lugares onde se pratica. É considerado o desporto mais

praticado no Brasil, superando o futebol que é o mais popular no mundo. Em 1954 foi consolidada a primeira federação deste desporto no Brasil, a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, atual Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, tendo Ammy de Moraes como seu primeiro presidente. Nas décadas que se seguiram foram instituídas, progressivamente, federações em todos os estados do Brasil (in <http://onlinetudofacil.blogspot.pt/2013/04/futsal-futebol-de-salao.html>).

O termo *fut-sal* foi inicialmente criado pela FIFUSA, uma vez que a FIFA proibia a utilização do nome futebol por entidades que não ela própria. Contudo, posteriormente o termo acabou por ser usado sem o hífen pela própria FIFA e a partir daí passou a ser associado à forma que o desporto conquistou sob a autoridade desta entidade internacional. A partir do momento em que a FIFA iniciou as competições de futsal, o termo *futebol de salão* é deixado de parte e passou a designar-se apenas por *futsal*. Desde a criação da modalidade várias designações lhe eram atribuídas, bem como diversas eram as suas variantes, cujas regras diferiam em alguns aspetos. Desde a década de 1990 que a variante designada de *futsal* tem maior representatividade e mediatismo, sendo disputada segundo as leis e tutela da FIFA, enquanto a modalidade disputada de acordo com as leis da Associação Mundial de Futsal (AMF) é designada de *Futebol de Salão*. Existe ainda uma terceira variante da modalidade designada de *Showbol/Indoor Football*, sendo que das três é a que tem menor divulgação a nível mundial (in <http://www.livresportes.com.br>).

No que respeita ao caso português, apesar do futsal ter surgido por volta da década de 30 do século passado a nível internacional, com a designação de Futebol de Salão, como já tinha sido referido anteriormente, este só chegou ao nosso país no final da década de 70, com a organização de numerosos torneios, por parte de diversas coletividades, um pouco por todo o país. Contudo, teve maior incidência nos centros populacionais de superior dimensão, onde tudo começou. Todos esses torneios contavam com um grande número de equipas intervenientes que eram acompanhadas por uma impulsiva e numerosa assistência. “Era a época do “Café Central” contra o “Café Avenida, das tabelas nos recintos de jogo, da limitação da altura para jogar a bola, dos árbitros improvisados” (in “O Futsal em Portugal”, www.fpf.pt). Estes torneios tinham como principal objetivo a angariação de fundos pelas coletividades, para poderem suportar os custos das modalidades em que competiam. Era especialmente

no verão que esses torneios eram organizados, uma vez que era nessa altura que terminava a época de *Futebol 11*, permitindo assim a participação dos futebolistas e dessa forma atrair os seus adeptos. Talvez por isto, algumas pessoas fazem confusão com estas duas vertentes do futebol. Podemos então dizer que a origem do futsal em Portugal está intimamente ligada ao futebol 11. Estas competições de fim de época foram de tal forma bem-sucedidas que as organizações e os participantes viram aí a ocasião de alargar a competição ao longo de todo o ano. Tudo isto tornou imprescindível a uniformização de regras e procedimentos e, posteriormente, que as equipas se organizassem em estruturas mais amplas. Foi a partir de 1985 que se verificou um crescente desenvolvimento da modalidade, o que levou a que se concebessem as condições para que começassem a surgir as primeiras Associações de Futebol de Salão: Lisboa (1985); Porto, Ribatejo e Minho (1986) e Alcobaça (1987). Após a criação destas associações, é organizada a primeira competição de âmbito nacional e tendo tido como seu primeiro vencedor o “Grupo Desportivo Os Académicos”, uma equipa localizada na área do Porto. Tendo em conta as dimensões que o *Futebol de Salão* adquiriu no nosso país, foi necessário que as associações criassem um organismo que orientasse a modalidade a nível nacional, tendo-se então fundado a Federação Portuguesa de Futebol de Salão (FPFS) a 8 de Abril de 1988. Nesta altura continuam a surgir novas Associações distritais no país, nomeadamente as de Aveiro, Vila Real e Bragança (in <http://revistafutebolista.blogspot.pt/2010/07/o-futsal-chega-portugal.html>).

Entretanto, o rumo que a Federação Portuguesa de Futebol de Salão (FPFS) estava a conceder à modalidade começou a provocar um estado de insatisfação entre os seus associados. Por esse motivo, em 1991, as Associações de Futebol de Salão do Porto, Vila Real e Bragança decidiram deixar a FPFS e criar a Federação Portuguesa de Futsal (FP Futsal). A estas, posteriormente, juntaram-se as Associações de Braga, Algarve, Guarda e Aveiro. E foi na época de 91/92 que a nova Federação criou o seu primeiro campeonato nacional, sendo que o primeiro título foi conquistado pelo Miramar Futsal Clube. É a partir desta altura que começa a ser utilizado o termo *Futsal* devido ao facto de a FIFA ter adotado esse vocabulário (que resulta da contração das palavras “Futebol” e “Salão”), como já tinha acontecido no caso do Brasil, como já referido. As regras da modalidade foram então revistas e modificadas (in <http://revistafutebolista.blogspot.pt/2010/07/o-futsal-chega-portugal.html>).

O Campeonato Nacional da I Divisão de Futsal é constituído por duas fases: a primeira fase é constituída por 14 Clubes participantes, na qual todos os clubes jogam duas vezes entre si, uma no papel de visitante e outra no papel de visitado. Os oito clubes mais bem classificados na primeira fase são selecionados para a segunda fase, denominada por “Play-off”: Os clubes que na primeira fase acabam classificados em 13º e 14º descem automaticamente ao Campeonato Nacional da II Divisão de Futsal.

1.3 - Objeto de estudo

No que respeita ao objeto de estudo da pesquisa aqui apresentada, esse centrou-se na análise do futsal enquanto agente de inclusão, socialização, mobilidade e construção identitária, através da história de vida de seis jogadores de futsal portugueses, entre os quais o melhor do mundo na modalidade, Ricardinho. Neste leque de jogadores, dois são profissionais, Ricardinho e Cardinal, um é semi-profissional e os restantes três são amadores, sendo que dois destes foram outrora profissionais da modalidade e atualmente representam a I e II Divisão Nacional de Futsal.

1.4 - Questão de partida e objetivos

O principal intento da pesquisa consistiu em procurar respostas para a seguinte questão: “De que forma o futsal pode ser considerado enquanto agente de inclusão, socialização, mobilidade e de construção identitária do indivíduo?”. Relativamente aos objetivos desta pesquisa, esses passaram por:

- Conhecer as diferenças/semelhanças no que respeita a percursos/histórias de vida dos indivíduos;
- Conhecer de que forma é que os indivíduos encaram o futsal;
- Conhecer quais os impactos da vida de jogador de futsal noutras dimensões da vida do indivíduo;
- Conhecer quais os aspetos positivos e negativos que o futsal traz para a identidade psicossocial do indivíduo;
- Conhecer de que forma o futsal (no caso dos jogadores profissionais) possibilita a mobilidade social ascendente.

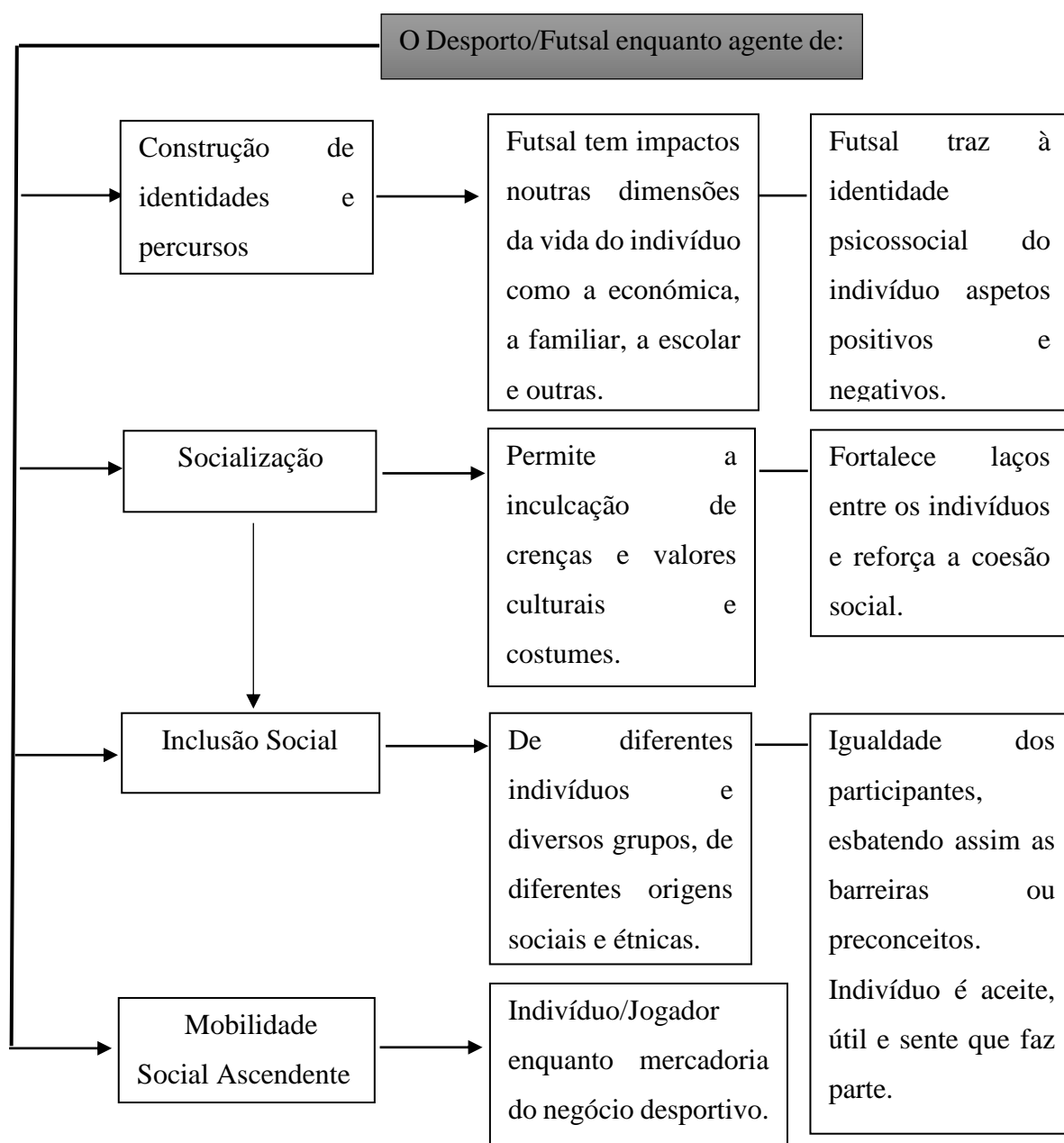
Neste sentido, a informação recolhida junto dos jogadores permite-nos, de alguma forma, confirmar e/ou refutar a questão de partida e dar respostas aos objetivos.

2) Escolhas metodológicas para recolha e tratamento de informação

Para a realização deste trabalho foram tomadas algumas opções ao nível da metodologia. Desta forma, aquilo que se pretende é que os métodos e técnicas utilizadas sejam os mais apropriados para o estudo empírico a realizar e traduzirão a forma como se deseja estudar o tema em questão.

Neste sentido, foi elaborado um modelo de análise no qual se descrevem as várias dimensões, variáveis, indicadores e questões.

Figura 1 – Modelo de Análise



2.1 – Métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação

A metodologia adotada na investigação assumiu um carácter eminentemente qualitativo, uma vez que, tendo em conta os objetivos considerou-se o método biográfico mais apropriado. Nesse sentido, foram realizadas duas sessões com os entrevistados de forma a chegarmos a retratos sociológicos, uma das formas do método biográfico.

Segundo Lalanda (1998), uma entrevista consiste sempre numa versão de uma história. Por um lado, *“sempre que alguém «se conta», conta-se a alguém em concreto e numa determinada circunstância”* (J.-L. Le Grand, 1988, 4, cit. por Lalanda, 1998: 874). O próprio discurso é sempre limitado por uma certa recordação. Ou seja, consiste numa construção seletiva fundamentada na recordação e nas representações. Por outro lado, a entrevista é guiada de acordo com os objetivos que a própria investigação define. Não se trata, então, *“de ouvir um qualquer relato ou uma história sem estrutura de sentido, mas de ouvir falar a realidade segundo um traçado que lhe é proposto e em relação ao qual o entrevistado se cola ou se desvia”* (Lalanda, 1998: 874). O sociólogo tem, posteriormente, de esclarecer os discursos que foi ouvindo, dando-lhes sentido, através da sua interpretação, aproximando a definição inicial do seu objeto ao verídico descoberto. Na verdade, *“a narrativa de uma vida revela uma sucessão de contextos interactivos e de personagens, onde as experiências relatadas não só afectam esses contextos, mas também transformam os próprios actores”* (Bertaux, 1979, cit. por Lalanda, 1998: 875). Num discurso corrente que se orienta por um fio condutor do tempo, o entrevistado é conduzido a posicionar-se em distintos contextos e a situar as diversas personagens que nesses contextos interagem. Ao contar a sua história, o sujeito está em simultâneo a olhar-se e a identificar momentos marcantes de mudança.

O estudo biográfico referente à relação Indivíduo-Sociedade tem uma extensa história, uma vez que foi utilizado de distintos modos em diversos momentos. A partir dos anos 80, ganhou destaque na pesquisa antropológica a abordagem conhecida como “história de vida” – em que há uma distinção entre “estória de vida” (a autobiografia oral) e “história da vida” (a subjetividade objetivada por documentos e pela narrativa externa do pesquisador)” (Gomes, 2008: 2). E o foco da pesquisa biográfica não pode, de forma alguma, nem minimizar nem supervalorizar a subjetividade individual em relação à dimensão coletiva (Gomes, 2008). A entrevista biográfica tem sido a ferramenta mais utilizada para ajudar nas análises à escala individual. Nesse sentido, o primeiro dilema

metodológico que é necessário resolver é a passagem do relato de vida do entrevistado para o retrato da sua história de vida. No contexto de uma análise sociológica à escala individual, geralmente são inferidas disposições de um sujeito de pesquisa a partir dos factos que ele mesmo descreve sobre sua vida. *“Até mesmo porque nenhuma narrativa se constrói sem tomar para si um ponto de vista particular, a narrativa autobiográfica do sujeito não poderia deixar de tentar vender, para o entrevistador, uma imagem mais ou menos acabada de si mesma. Na atenção diferenciada que dá aos contextos de prática, na ênfase que emprega neste ou naquele acontecimento, o entrevistado vai alimentando o entrevistador com os elementos que mais bem vendem sua versão de si”* (Junior e Massi, 2015: 565).

Foi com Thomas e Znaniecki, no estudo *The Polish Peasant (1918-1920)*, que se estreou o recurso à história de vida enquanto matéria-prima do trabalho sociológico. A história de vida *“faz parte de uma tradição que procura dar conta das influências socioculturais naquilo que o indivíduo é e faz, inserindo-se na linha das metodologias qualitativas de investigação social, sobretudo quando é usada como técnica principal de recolha de dados”* (Brandão, 2007: 1). Uma história de vida é sempre pessoal e única, ou seja, enquanto história de um indivíduo particular, é narrada a partir do seu ponto de vista e à luz da sua experiência. A mesma está, portanto, carregada da subjetividade própria do narrador. Uma história de vida pode ser definida como a história que alguém decidiu contar relativamente à vida que viveu, aquilo que esse alguém lembra desta e aquilo que quer que os outros conheçam acerca dela. É, em síntese, uma essência narrativa daquilo que lhe aconteceu (Atkinson, 2002, cit. por Brandão, 2007). Ou seja, o indivíduo ao narrar a sua história, irá sempre omitir, de forma voluntária ou involuntária, dimensões que poderiam ser significativas do ponto de vista sociológico (Brandão, 2007).

A necessidade de perceber de que forma pode a experiência individual e subjetiva servir de alicerce a uma teoria que se deseja universal é uma questão simplesmente retórica, uma vez que a experiência subjetiva nunca é somente individual, ou seja, ela traduz-se também numa experiência comum, conhecida enquanto social (Hoerning e Alheit, 1995, cit. por Brandão, 2007). Através do individual é possível a compreensão do modo como o universal se manifesta na singularidade, uma vez que, tal como nos dá a conhecer Lahire (2005), estudar o social de forma individual é estudar a realidade social na sua forma integrada, assimilada, possibilitando assim perceber como é que a realidade

que é exterior, através da experiência socializadora, se torna corpo. Este individual apresenta-se como um contributo para o coletivo. Neste sentido, *“a preocupação com o rigor e a objectividade científica não deveria levar o sociólogo a esquecer as características únicas do seu objecto de estudo, que não constitui uma tábua rasa onde o social inscreve os seus dados, mas é, pelo contrário, dotado de capacidade reflexiva e de vontade própria”* (Brandão, 2007: 5).

É através de uma história relativa à sua vida e do ato de a narrar que o indivíduo se assume enquanto sujeito da sua própria ação e vai readquirindo, de forma permanente, um sentimento de unidade, continuidade e singularidade. O que está em questão entre a vida vivida e a vida narrada é *“o Eu e esta possibilidade de dizer “Eu”, porque é através da organização da vida numa história que é possível, responder a três questões: Quem sou eu? Como é que eu sou? Por que é que eu sou?”* (Atkinson, 2002: 132-133, cit. por Brandão, 2007: 9). Assim, tal como a identidade que se insere entre particularidade e semelhança, a história de vida, de igual forma, transpõe a verdade subjetiva daquele que a narra e a forma como essa verdade é concebida em momentos e contextos históricos e sociais peculiares. É através dela que o ator se organiza e atribui sentido à sua experiência e existência, patenteando a sua pertença a uma determinada comunidade, a uma cultura, a grupos e/ ou a classes próprias (Atkinson, 2002; Bertaux, 1996; DeGaullejac, 1995, cit. por Brandão, 2007).

O ator pode *“saber pouco sobre as determinantes sociais da sua conduta e do seu ser, mas sabe alguma coisa acerca da sua vida e da realidade com que lida todos os dias, traduzindo nas suas respostas e nas suas narrativas, simultaneamente, aquelas determinantes e este conhecimento”* (Brandão, 2007: 9). A função do investigador passa por determinar ligações e lógicas que o próprio ator não vê, que na verdade não é da sua competência ver, a partir da informação que este lhe passa, colocando-a no complexo das relações sociais que a encorpam. Mas esta conduta *“implica também considerar a trajectória e a história de vida particular de cada actor porque é à luz destas que é possível dar conta das suas condutas e das suas representações do mundo”* (Brandão, 2007: 9). A história de vida pode, pois, ser considerada um desses procedimentos que podem ser utilizados de forma a ilustrar aquilo que são os casos «reais» maioritários, as disposições «médias», e o modo como a pluralidade interna do próprio ator, consecutiva da multideterminação social, e a sua pertença a diversos mundos, contextos ou situações,

concebem circunstâncias favoráveis à formação de “trajectórias improváveis” (Lahire, 2004).

Segundo Digneffe e Beckers (1997, cit. por Brandão, 2007), a história de vida possibilita alcançar aquilo que não é conseguido pelas estatísticas, pelas regularidades objetivas principais e pelos determinismos macrosociológicos, uma vez que torna alcançável aquilo que é particular, o marginal, as ruturas, componentes elementares da realidade social, que mostram o porquê de não existir somente reprodução e identifica o valor sociológico no saber individual. Neste caso, os erros metodológicos mais cometidos são dois: o primeiro ocorre ao nível da entrevista; o segundo, ao nível da análise. Durante a entrevista, é essencial que o entrevistador não se conduza totalmente pelas questões que o entrevistado coloca a si mesmo, pela seleção que ele produz na descrição de personagens e factos. É relevante tentar colocar-lhe questões que ele mesmo não colocaria, perguntas para as quais não existem respostas imediatas. E são estas que *“provavelmente darão material para saltar, na análise de uma mera reprodução do autorretrato que o entrevistado entrega, para um retrato mais genuinamente sociológico, que incorpora em si o que poderíamos chamar de princípio da não-consciência: que os atores sociais nem sempre têm consciência completa das razões que condicionam suas práticas”* (Junior e Massi, 2015: 565-566). Em segundo lugar, é necessário, no decorrer da análise, não desconsiderar os traços disposicionais que podem ser retirados de partes essenciais da entrevista que os próprios entrevistados desprezam. O sociólogo, por não poder antever que o entrevistado está o tempo todo ciente das razões das suas ações, deve investir forças em conseguir algum excesso de visão que lhe possibilite a realização de uma análise para além daquilo que o entrevistado sabe de si mesmo (Junior e Massi, 2015).

Estas histórias de vida vão traduzir-se em retratos sociológicos. A metodologia dos retratos sociológicos pode ser aplicada de modos e com intentos bastante distintos. Para João Teixeira Lopes (2012), os retratos sociológicos podem ser vistos tanto como uma técnica quanto uma metodologia, ou seja, podem ser olhados enquanto abordagem metodológica que agrega um mecanismo técnico fundamentado numa teoria da prática fundamentada na gênese plural e contextual das disposições. O mecanismo dos retratos sociológicos é usado por Lopes (2012) de forma aplicada, ou seja, gera respostas a problemas de pesquisa particulares. Atento a essa particularidade, o autor recomenda as

seguintes fases no momento de elaboração do retrato: (1) preparação de itinerário de entrevista biográfica apropriado aos objetivos que compõem a pesquisa, mas, ainda, debatendo com o ator o seu posicionamento em esferas da vida diferenciadas; (2) realização de duas a três sessões de entrevista, de preferência com interrupção de dias ou semanas entre as mesmas, procurando dessa forma promover a reflexividade do ator; (3) transcrição da entrevista; (4) edição das entrevistas de forma que o produto seja um discurso na primeira pessoa do entrevistado; (5) elaboração do retrato, articulando recursos teóricos e material empírico, ou seja, introduzindo uma perspectiva interpretativa de forma superficial; (6) produção de um título que evidencie a linha condutora explicativa do relato, um resumo do trajeto e um corpo pormenorizado. O esquema de apresentação do retrato, exposto na última fase de elaboração do mesmo, possibilita três formas de leitura: através do título, do resumo e do corpo principal, sendo que a primeira é ultrarrápida, a segunda rápida e a terceira mais demorada (Lopes, 2012).

Em suma, os argumentos de Lahire (2005) apresentam-se relevantes em, pelo menos, dois sentidos. O primeiro desses sentidos consiste em determinar uma relação mais crítica e uma distância desde as pesquisas macrossociológicas, que se baseiam sempre em generalizações e abstrações aterradoras relativas aos indivíduos que integram os grandes coletivos investigados. Por exemplo, se, a um nível macrossociológico, existe uma relação mais ou menos óbvia entre classes dominantes e cultura dominante, a uma escala individual essa relação não se valida de forma tão nítida. Relativamente ao segundo sentido das contribuições de Lahire, este consiste em determinar de forma rigorosamente sociológica para o tratamento da individualidade. A ideia de disposição expressa essas considerações do autor, a partir do momento em que estabelece uma relação entre o macro e o micro e entre o social e o individual. Neste sentido, os retratos sociológicos aparecem enquanto instrumentos ideais para reconhecer e analisar as disposições dos indivíduos. Através dos seus retratos, Lahire deseja demonstrar a contradição e oscilação dos entrevistados. Segundo ele, *“o que salta aos olhos é a configuração relativamente heterogênea que cada patrimônio individual de disposições constitui”* (Lahire, 2004: 323).

No que respeita ao tratamento da informação, no momento da recolha de dados foi utilizado gravador como recurso, pois é bastante prático para este método, uma vez que possibilita preservar e registrar todos os detalhes narrados pelos entrevistados. Essa

gravação foi autorizada pelos intervenientes e a mesma permite que exista uma apreensão de todo o discurso, o tom utilizado e as pausas efetuadas.

A transcrição da entrevista consiste numa tarefa árdua que necessita de tempo, mesmo quando se trata de alguém experiente na técnica. São necessárias horas para transcrever uma hora de entrevista. No momento em que acontece uma conversação entre duas pessoas, aquilo que é possível retirar dessa conversa passa por três meios simultâneos: a comunicação não-verbal (gestos, movimento dos olhos, expressões do rosto); o tom da voz e as palavras próprias semelhantes. A análise de uma entrevista biográfica tem por objetivo esclarecer as informações e interpretações que se encontram nela e que são pertinentes. A maioria dessas informações e interpretações não surge no momento em que é realizada a primeira leitura. Por isso, é necessário ouvir a entrevista mais do que uma vez (Bertaux, 2005). E no caso das entrevistas realizadas, foi exatamente isso que aconteceu, para que não fosse omitida informação relevante para dar respostas aos objetivos da investigação.

Na transcrição das entrevistas, o objetivo passou essencialmente por focar os pontos mais relevantes através de uma análise vertical, em que não serão apresentadas numa grelha as fases da vida do indivíduo (infância, adolescência e idade adulta), mas sim diversos aspetos incluídos dentro nessas fases.

2.2 - Procedimentos efetuados para recolha dos dados e principais constrangimentos na mesma

A investigação teve a duração de quase um ano, desde Setembro de 2015 a Junho de 2016 (correspondente ao ano letivo). Foi escolhido o leque dos seis jogadores, tendo o cuidado de serem jogadores com percursos distintos no futsal, de forma a perceber as semelhanças e diferenças entre eles. O acesso aos mesmos foi diferenciado, uma vez que dois deles jogam fora de Portugal tendo havido necessidade de efetuar duas deslocações a Madrid para a realização das entrevistas.

Os jogadores foram contactados inicialmente para que lhes fosse explicada a pertinência da pesquisa, assim como os objetivos da mesma. Nesse primeiro contacto foram marcadas as sessões de entrevista tendo corrido tudo da forma combinada entre as partes envolvidas. Foi apresentado aos entrevistados um guião no qual lhes foi dado a conhecer o intuito da pesquisa. O guião está dividido em nove temas: Nascimento e

Família (24 questões); Condições de vida (2 questões); Herança cultural/Tradições culturais (5 questões); Vida amorosa (6 questões); Participação social (3 questões); Educação/Formação (11 questões); Amizades e Tensões (4 questões); Trabalho (7 questões ao jogador profissional e 8 ao amador); e Crenças/ Grandes temas da vida/Futuro (6 questões). Tudo isto numa primeira sessão. Quanto à segunda sessão, de acordo com aquilo que cada entrevistado respondeu na primeira sessão, foram desenvolvidos alguns pontos e pistas fornecidas, de forma a não ficarem dúvidas sobre determinado aspeto que o entrevistado mencionou na primeira sessão.

No momento da recolha de dados ocorreram alguns constrangimentos, pois não é fácil “contar-nos” a alguém e também no facto de se notar alguma diferença no modo como o discurso é feito, e isto poderá estar relacionado com a questão da reflexividade individual. E, segundo Caetano (2011), ao conceito de reflexividade aparece geralmente articulado um conjunto de conceitos, como as noções de subjetividade, cognição, pensamento, perceção, mente e vida interior. *“A vida interior de cada sujeito encontra-se localizada na sua mente. É nesse espaço de interioridade que decorrem as conversas internas e os processos reflexivos. Apenas nesse sentido surge a referência à mente individual... Interessa fundamentalmente conceber a vida interior dos sujeitos na sua relação com a realidade social exterior na definição de um espaço de privacidade mental onde decorrem processos reflexivos”* (Caetano, 2011: 161). Os diálogos internos em que o indivíduo é o objeto são processos intelectuais, íntimos, conscientes, sem que exista obrigatoriamente algum tipo de exteriorização. Esses diálogos são expressos por recursos linguísticos, assim como por imagens e símbolos. A reflexividade é ainda sustentada, como afirma Pinto (2008: 200), por um conjunto de *“saberes, competências, referência a valores, disposições éticas e juízos morais, gostos, investimentos afectivos, expectativas, aspirações e projectos, representações e pulsões identitárias”*.

3) Apresentação e análise dos dados recolhidos e discussão dos resultados

Após a apresentação do modelo de análise utilizado neste estudo, dos métodos e técnicas de recolha e tratamento de informação, é agora altura de apresentar a pesquisa em si.

Analizadas todas estas questões e inaugurando a análise propriamente dita, é relevante começar com uma breve caracterização dos atletas. Esta análise vai ser realizada tendo em conta informação pessoal, familiar, escolar, profissional e desportiva.

3.1 - Dados de identificação/caracterização da amostra

Nesta pesquisa foram entrevistados seis atletas de futsal, masculinos, portugueses. As idades estão compreendidas entre os 21 e os 39 anos. No que respeita à escolaridade, somente um dos entrevistados tem como qualificação o ensino superior. Curiosamente, ou não, é o único jogador que nunca passou pela experiência de ser profissional tendo-se dedicado à modalidade enquanto amador. Os restantes jogadores apresentam-se com o ensino básico (quatro) e secundário (um). No que respeita ao estado civil, três são solteiros, dois divorciados e um casado. Todos têm em comum a paixão pelo futsal e anos dedicados à modalidade.

3.2 - Resultados e análise do estudo efetuado

Feita a caracterização dos entrevistados, serão agora dados a conhecer os resultados de diversos aspetos da pesquisa referentes à vida dos atletas. Foi atribuída ênfase só a alguns dos pontos desenvolvidos, uma vez que se trata de histórias de vida.

Neste sentido, serão desenvolvidos vinte subpontos referentes a determinados aspetos considerados fulcrais no que respeita aos percursos dos jogadores, e, assim, será feita uma análise através de uma linha temporal contínua, que irá desde o nascimento, infância e juventude até aos dias de hoje, já na idade adulta. Assim, a análise do estudo em questão inicia-se precisamente com o tema do nascimento, infância e juventude, que os entrevistados nos deram a conhecer através dos seus relatos.

3.2.1 – Nascimento, Infância e Juventude

Segundo Ferronato (2015), a família tem sofrido diversas transformações ao longo do tempo. Ainda assim, continua a ser o maior agente de socialização e desenvolvimento dos seus membros. Neste sentido, a família “*é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público*”(Losacco, 2007, cit. por Ferronato, 2015: 6). A família, uma vez que sofre influências da sociedade, muda, adapta-se e reestrutura-se de acordo com aquelas que são as circunstâncias históricas, para que exista uma continuidade e se reforce o crescimento psicossocial dos indivíduos.

No que respeita ao nascimento, todos os entrevistados nasceram no Porto, contudo em locais distintos uns dos outros:

“Sou natural de Perafita...” (Entrevistado A)

“Nasci em Fânzeres...” (Entrevistado B)

“Nasci em Massarelos...” (Entrevistado C)

“Nasci no Porto, no bairro do Falcão...” (Entrevistado D)

“Sou natural de Valbom...” (Entrevistado E)

“Nasci no Porto, e a minha infância foi passada no bairro do Aleixo...”
(Entrevistado F)

Relativamente à infância, aquilo que foi possível averiguar é que todos os entrevistados têm histórias distintas e muito particulares, no sentido em que as estruturas familiares não se apresentam semelhantes. Quanto ao **Entrevistado A**, a sua estrutura familiar revela-se “destruturada”, uma vez que só teve a figura parental masculina presente até aos seus três anos de idade e até hoje sempre viveu com a mãe, a avó materna e um irmão mais velho. Para além destes, teve ainda uma presença assídua feminina, a madrinha. Segundo o mesmo, foram essas pessoas que lhe deram as bases para ser quem hoje é. E assume a sua família como destruturada, quando nos diz que:

“Eu não tive uma infância tida como normal, não tive os meus dois pais, a minha família sempre foi monoparental (...) como todas as crianças gostava de ter tido o meu pai comigo, mas com o passar do tempo fui crescendo e deixei de sentir a falta dele porque ele nunca estava lá”.

Apesar de o único contributo económico ser o da mãe, revela que nunca passou por dificuldades que chegassem ao ponto de não haver comida e assume que:

“Podia não ter coisas de marca, não tinha tudo o que queria, mas sapatilhas e equipamento para jogar futsal, que é a minha verdadeira paixão, nunca me faltou”.

Para o entrevistado, a infância é a chave da identidade de cada indivíduo, uma vez que:

“...é aí que nos são dadas as bases para aquilo que somos, sendo que vamos sofrendo alterações na forma como agimos e pensamos. A socialização primária é muito importante e deixa marcas naquilo que seremos futuramente. Muito daquilo que tive na minha infância ainda hoje se faz sentir. Talvez me tenha tornado numa pessoa diferente porque não tinha aquela parte masculina de que precisava em miúdo. Sou o reflexo da minha infância hoje em dia.”.

Quanto ao **Entrevistado B**, refere que a sua família possui uma estrutura tida como normal (mãe, pai e dois irmãos, um mais novo e outro mais velho), mas a dada altura surgiram algumas complicações que fizeram com que essa estrutura se desmoronasse em parte. Para além dos pais existiram duas pessoas que ajudaram na sua infância, uma senhora no bairro do Cerco do Porto, onde o entrevistado tinha familiares, e a madrinha. No que respeita a dificuldades pelas quais o entrevistado passou na infância, aquilo que nos diz é que:

“Eu não tive tanta sorte como a maioria dos miúdos, uma família estável, pais com emprego, familiares que te apoiam...a minha vida foi um pouco atribulada. Quando eu tinha 10 anos perdemos a nossa casa em Fânzeres, num incêndio e foi isso que fez com que fosse viver para o bairro de Valbom”.

Com a chegada a esta nova casa, no bairro de Valbom, o irmão mais velho perdeu o rumo e optou por um caminho desviante, caminho esse que o entrevistado considera como o oposto ao trabalho, mais fácil, ou seja, o contrário daquilo que significava lutar para conquistar alguma coisa. Tratava-se de droga e trabalhar nesse tipo de negócios ilícitos, mesmo à frente dos olhos de todos, ao que o irmão não conseguiu fugir. Mas assume que a realidade de hoje é diferente naquele bairro. Assume, ainda, que poderia ter optado, a dada altura, também por esse mesmo caminho, uma vez que estava mesmo à face de todos essa realidade, mas a verdade é que conseguiu desviar-se disso e assume:

“Eu não sei se foi com a ajuda de algumas pessoas, se com a educação dos meus pais ou por uma questão de carácter, julgo que é sobretudo por esta última, porque os meus pais deram a mesma educação aos três e o meu irmão mais velho teve outras opções. Eu optei por outro caminho, um mais difícil. Fui atrás do futsal”. E assume: “(...) a tua identidade é resultado, mais do que da tua estrutura familiar, do teu carácter”.

No que respeita a dificuldades a nível económico, foram muitas. O entrevistado assume que o irmão mais velho foi quem mais sofreu com isso, chegando mesmo a passar fome. E foi no momento em que percebeu que o irmão mais novo não podia ter aquilo que os outros miúdos tinham que se apercebeu que tinha de fazer alguma coisa pelo futuro do irmão e decidiu apostar no futsal a sério, tal como nos dá a conhecer no seguinte testemunho:

“E felizmente ou infelizmente, eu ajudo muito os meus pais e sustento a minha família desde os meus 17 anos, o que não é normal, à partida funciona ao contrário (...) Fui para Lisboa sozinho, não queria, mas sabia que essa ida ia permitir-me ajudar a minha família. E hoje valorizo muito mais as coisas”.

Apesar destas escolhas, que hoje se refletem de forma positiva no entrevistado e naqueles que o rodeiam, a verdade é que sente que lhe faltou vivenciar a sua infância e juventude e assume que:

“É na infância que comesças a traçar o teu carácter. Eu gostava era de ter tido a oportunidade de aproveitar mais essa infância e a minha adolescência. Tive de me fazer à vida muito cedo. Tive de abdicar daqueles que eram os meus objetivos pessoais por aqueles que era coletivos, os da minha família. Não consegui passar por todos os níveis, tive de saltar alguns e tornei-me um chefe de família quando era adolescente e hoje a minha personalidade é resultado disso”.

Relativamente ao **Entrevistado C**, a estrutura familiar sempre foi estável e viviam na mesma casa sete pessoas (o entrevistado, os pais, dois irmãos, a avó e o tio). Estes dois últimos foram duas figuras constantes na sua infância. Os pais e os irmãos são os seus alicerces naquilo que foi e é hoje em dia. O entrevistado assume que:

“Não vou dizer que eramos uma família com problemas económicos, mas a verdade é que a minha infância não foi fácil, nunca me faltou o que comer mas também não existiu abundância”.

Tendo já 39 anos, já experienciou o que é ser pai e quando reflete sobre a sua infância, automaticamente surge uma comparação com a infância das filhas, afirmando:

“Quando comparo a minha infância à das minhas filhas noto muitas diferenças. Acho que a minha foi muito mais bem vivida, o sentido era outro, os tempos eram outros, a segurança também era outra e antes dávamos mais valor às coisas, as crianças agora não dão valor a quase nada. Hoje em dia é tudo muito fácil e quando é fácil não se dá valor”.

Quanto ao **Entrevistado D**, este também dá a conhecer uma estrutura familiar estável (pais e dois irmãos, um mais velho e outro mais novo). E segundo ele:

“Sempre fomos muito unidos. Sem dúvida alguma que quando a nossa estrutura familiar é estável isso vai ter implicações em nós positivas. Tive amigos meus que não eram apoiados pela família e a estrutura familiar deles não era a melhor e por causa disso seguiram caminhos pouco corretos. Eu graças a deus consegui desviar-me desses caminhos porque sempre fui muito apoiado pela minha família”.

Para além dos pais, foram os avós quem cuidou dele, no bairro do Falcão, pois os pais trabalhavam e a disponibilidade dos avós era total. No que respeita a dificuldades económicas, essas não se fizeram sentir.

Define a infância e juventude da seguinte forma:

“Durante a nossa infância e juventude aprendemos muito e é sobretudo daí que retiramos muitas ilações do que é a vida, aquilo por que passamos, seja bom ou mau, quando em adultos refletimos conseguimos perceber o que fizemos de bom e mau, o que mudávamos ou não”.

No que respeita ao **Entrevistado E**, estrutura familiar estável (pais e irmão mais novo) e até aos seus 10 anos de idade teve a presença constante da avó materna que vivia com ele. Para o entrevistado:

“A minha estrutura familiar sempre foi importante para a construção da minha identidade, uma vez que a educação que os meus pais me transmitiram e os valores foram sempre muito corretos e o ambiente no meu seio familiar foi sempre muito saudável”.

O entrevistado define a sua infância e juventude da seguinte maneira:

“Eu acho que a minha infância e adolescência foram muito importantes para aquilo que sou hoje. Se a minha adolescência tivesse sido muito atribulada isso refletia-se

certamente naquilo que sou hoje e nós somos produto daquilo que nos transmitem, claro que poderá existir um caso que fuja à regra mas no geral o procedimento é este”.

Por fim, o **Entrevistado F** fala de uma infância que não foi nada fácil e descreve-a da seguinte forma:

“Tenho três irmãos e eu sou o mais novo. Os meus pais faleceram infelizmente, e quando eles já estavam doentes a minha avó foi muito importante porque tomou conta de mim desde os meus 10 anos até aos 18, quando fui para Vizela para a Fundação Jorge Antunes jogar futsal. Desde 2004 sempre vivi sozinho. Eu passei muitas dificuldades, vivia num bairro muito problemático e depois os meus pais morreram e eu fiquei um pouco sem saber o que fazer (...) Os meus pais eram toxicodependentes e um dos meus irmãos já esteve três vezes preso. Tenho orgulho de onde vim, mas passei por muito, desde ver amigos a irem presos e outros a morrer. Eu sempre consegui ter juízo e sabia o que queria. (...) Mas foi uma infância complicada, sobretudo a partir do momento em que os meus pais faleceram. Mas sempre fui ambicioso e sabia que ia conseguir uma vida melhor com o meu trabalho”.

O entrevistado considera que tudo aquilo que passou na sua infância e juventude contribuiu para o que é hoje em dia enquanto pessoa e também para perceber verdadeiramente o que sempre quis para a sua vida. Considera ainda que a infância e juventude que vivenciou não é igual aquela que os filhos vivem e lamenta por isso:

“Para mim, a infância da minha altura era bem melhor que a infância de hoje em dia. Hoje não se vê as crianças e os jovens a brincar e a estar na rua como acontecia na minha altura. Sinto saudades dessa altura e desses momentos. Momentos que foram tristes mas também muito felizes. E tudo aquilo que passei, o que vivi naquele bairro e a situação dos meus pais e do meu irmão foi muito importante para a pessoa que sou hoje em dia, para aquilo que sou enquanto pai, irmão, amigo...O lema da minha vida é “desistir é para os fracos” e eu nunca desisti e hoje sou aquilo que sou por tudo o que passei e consegui ultrapassar”.

Constatou-se que, aquilo que os entrevistados foram dando a conhecer, vai de encontro ao que Ferronato (2015) nos diz quando afirma que a juventude é um período de desenvolvimento sócio histórico relacionado com fatores biológicos, psicológicos, jurídicos e sociais. É também um período, a par da infância, em que a identidade do indivíduo se vai modelando, tal como nos dizem os entrevistados, e esse processo de

formação de identidade, segundo o autor, “*emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam (...) do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele (...) A construção da identidade é pessoal e social, pois acontece de forma interativa por meio de trocas entre o indivíduo e o meio e está intimamente relacionada, com a cultura, com os valores e a sociedade e o contexto social em que está inserido*” (2015: 5).

E quando falamos em identidade não falamos em personalidade, uma vez que a personalidade é muitas vezes perspectivada enquanto algo imutável ou com mutações muito subtis, enquanto a identidade é algo mais flexível, corrente, construída através da subjetividade e pelas relações sociais (Silva & Dallanol, 2008).

3.2.2 – Relação com e entre os pais

A verdade é que, a partir do momento em que nascemos os nossos pais tornam-se nas pessoas mais próximas e com as quais surgem as nossas primeiras relações afetivas. Ainda assim, muitas vezes a relação que existe entre pai e filho, e mãe e filho, não é igual e isso deve-se a diversos fatores. Essas relações têm muita influência e impacto sobre o indivíduo enquanto criança, e todo esse impacto e influência se refletirá em adulto. Mas para além destas, a relação que existe entre os pais é também essencial para o indivíduo, uma vez que ele se tornará numa mistura do que lhe é transmitido através da sua estrutura familiar e, nesse sentido, quanto melhor for a relação entre os pais, melhor se refletirá no indivíduo.

Segundo Szymanski (cit. por Ferronato, 2015), a família, sobretudo a relação mãe-filho, “*tem aparecido como referencial explicativo para o desenvolvimento emocional da criança. A descoberta de que os anos iniciais de vida são cruciais para o desenvolvimento emocional posterior focalizou a família como o locus potencialmente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e a toda sorte de desvios de comportamento*” (7).

Como já foi referido anteriormente, o **Entrevistado A** não tem qualquer tipo de relação com o pai, mas do pouco que se lembra, era uma relação estabelecida nos seguintes parâmetros:

“Até aos 3 anos, a relação com o meu pai, daquilo que me lembro, era uma relação saudável de pai e filho, vivíamos juntos, era tudo normal. A partir do dia em que ele saiu de casa, quando se separou da minha mãe a relação mudou e tive alguns problemas porque foi uma separação conflituosa. Passados 8 anos, a minha relação com ele deixou quase de existir. Ele foi desaparecendo da minha vida e hoje não o vejo como pai, é uma pessoa normal para mim e não sinto a falta dele porque ele nunca esteve presente (...) Contudo, tenho pena que as coisas não sejam diferentes, porque gostava de ter uma base familiar sólida e consistente, mas aprendi a viver assim. Claro que se tivesse convivido com ele eu era uma pessoa diferente”.

Quanto à relação com a mãe o entrevistado descreve-a da seguinte forma:

“A minha mãe é quase tudo para mim. Criou-me a mim e ao meu irmão e foi sempre incansável, nunca deixou que nada nos faltasse. Se fosse preciso trabalhar 24 horas para nos comprar alguma coisa, ela fazia. Sempre fomos a prioridade dela e ela é mesmo importante na minha vida. Ainda hoje somos a prioridade dela e acabou por se esquecer dela para nosso benefício. Ela deixou a vida social e amorosa para segundo plano”.

No que respeita à relação entre os pais, o entrevistado lembra-se pouco, uma vez que era criança quando aconteceu a separação, acrescentando que hoje em dia não existe qualquer tipo de relação entre eles. Fala ainda numa relação conflituosa, uma vez que:

“O meu pai tinha problemas com álcool e exagerava muito e depois era a minha mãe quem pagava as consequências. Por isso, a relação nunca foi saudável. Eu lembro-me deles discutirem imenso, nunca vi uma agressão física mas desconfio que isso tenha acontecido, mesmo que a minha mãe nunca me tenha dito. Eu via que ele a maltratava por palavras, mas acredito que não foi só isso. A minha mãe tinha uma postura de submissão”.

Depois da separação, a relação foi-se deteriorando e ocorreram alguns conflitos entre eles. O entrevistado dá a conhecer um dos episódios ocorridos:

“Quando eu tinha 8 anos houve alguns conflitos, e um dos casos envolveu a polícia porque o meu pai sem autorização do tribunal levou-me com ele e a minha mãe teve de me ir buscar com a polícia. Depois disso eu mudei de casa e ele ficou sem saber onde eu

morava e nunca mais houve qualquer tipo de relação entre eles e quando se cruzam é como se fossem dois estranhos um para o outro”.

No que respeita ao **Entrevistado B**, a relação sempre foi muito agradável com ambos os progenitores. Descreve a relação com o pai da seguinte forma:

“A minha relação com o meu pai sempre foi um pouco estranha, ele olhou sempre para mim como o filho que mais desejou. Mesmo antes de ser um jogador de futsal ele sempre olhou para mim com um olhar diferente (...) Sempre foi um dos meus maiores conselheiros, mas nunca me disse para onde eu devia ir. Deixou tudo nas minhas mãos e ele estava lá para o que eu precisasse. Sempre tivemos um amor impressionante”.

Quanto à relação com a mãe descreve-a como sendo mais afetuosa:

“A relação com a minha mãe era mais afetuosa. É aquela coisa de mãe. Ela sempre quis estar em tudo o que me envolvia. Tinha mais tempo do que o meu pai para estar comigo. Sempre me tentou mostrar o caminho certo, mas deixando sempre a decisão nas minhas mãos. Eram relações diferentes, mas o mesmo amor”.

Uma vez que tem dois filhos, o entrevistado referiu-se à relação que tem com ambos, relação essa que é diferente da que sempre teve com os seus pais devido a diversos fatores:

“Infelizmente a minha relação com os meus filhos não é aquela que eu queria. Eu tinha muitos planos, sabia como queria fazer as coisas, mas infelizmente as coisas nem sempre correm como queremos. O meu filho mais velho é fruto de uma relação de cinco anos com uma rapariga de Valbom e a minha filha mais nova é fruto do meu casamento que terminou há cerca de um ano e meio, com uma rapariga de Lisboa. (...) Adorava que eles criassem entre eles uma boa relação de irmãos, mas infelizmente a distância espacial e o facto de as minhas relações não terem terminado da melhor forma não ajuda a que isso aconteça. Existe sempre um entrave”.

Relativamente à relação existente entre os pais, o entrevistado assegura que sempre foi uma relação positiva. Contudo, alguns fatores foram modificando esta realidade:

“Lembro-me que a relação dos meus pais sempre foi muito boa. Mas hoje em dia as coisas mudaram um pouco porque o meu pai perdeu uma perna e a minha mãe quer tomar conta dele, mas como sempre foi muito independente ele não aceita isso muito bem e geram-se alguns conflitos. Tirando este acontecimento e as opções de vida do meu irmão mais velho, esquecendo problemas financeiros, eramos a família perfeita”.

O **Entrevistado C** afirma que sempre teve uma relação “fabulosa” com ambos os pais:

“A minha relação com o meu pai sempre foi fabulosa, ele faleceu em 2013 e até ao último dia a nossa relação sempre foi incrível. Com a minha mãe acontece o mesmo, temos uma relação fabulosa e hoje em dia vivo com ela porque me divorciei”.

Tal como o entrevistado B, este também tem duas filhas e falou da relação que mantém com as mesmas e descrevendo-a como:

“Relação ótima, apesar de me ter divorciado estou com elas quase todos os dias e a minha relação com elas é ótima e sei que será sempre assim”.

No que respeita à relação entre os pais caracteriza-a da seguinte forma:

“Relação de muito respeito, sempre se deram muito bem e nunca discutiram à minha frente e dos meus irmãos”.

O **Entrevistado D** descreve a relação com os pais de forma muito positiva:

“A relação com os meus pais é muito boa, sempre foi ótima e a minha relação com eles é igual, dou-me com os dois de igual forma”.

Quanto à relação entre os pais, o entrevistado assume-a como muito boa.

No que respeita ao **Entrevistado E**, refere-se à sua relação com os pais com um olhar muito positivo e traça-a da seguinte forma:

“...foi sempre muito boa, não me lembro de qualquer atrito que tivesse ocorrido e acho que isso em parte se deve ao facto de eu nunca ter sido um miúdo que dava trabalho, nunca dei grandes problemas. Ainda hoje não tenho qualquer tipo de conflito com nenhum dos dois”.

Quanto à relação entre os pais:

“...foi sempre muito boa, com respeito acima de tudo”.

Por fim, o **Entrevistado F**, que já não tem os pais por perto uma vez que faleceram quando era ainda criança, resultado da toxicod dependência e descreve a relação com ambos da seguinte forma:

“A minha relação com o meu pai sempre foi muito boa. Ele sempre jogou comigo à bola e ele conseguia maravilhar todos à volta porque mesmo quando estava doente ele não largava a paixão pela bola e tenho muito orgulho no pai e na mãe que tive. Infelizmente hoje não os tenho comigo, mas sei que estão orgulhosos de mim e do meu

trajeto. A relação com a minha mãe era também muito boa. Eu tinha 12 anos quando ela morreu, mas lembro-me de ir com ela trabalhar para todo o lado”.

Quanto à relação entre os pais, o entrevistado assume que sempre se deram bem e que a ausência destas duas figuras na sua vida é uma dor que ainda hoje carrega consigo:

“...nunca os vi discutir e as lembranças que tenho deles são de estarem sempre bem um com o outro, apesar de que faz parte de todos os casais haver discussão. Mas fico feliz por isso e aquilo que me deixa muito triste dessa altura é o facto de não ter muitas fotografias ou vídeos com eles. Mas as recordações estão sempre no pensamento e no coração. A minha maior dor foi perdê-los”.

Sendo que já é pai de dois filhos, o entrevistado deu também a conhecer a forma como se relaciona com eles:

“Já sou pai desde os meus 16 anos. Tenho um filho com 13 anos e uma filha com 5 anos. A minha relação com eles é muito boa e amo-os de uma forma incondicional. É um amor diferente. Só tenho pena de não conseguir estar com eles mais tempo, porque estou em Madrid e eles no Porto por causa da escola. Tento ir ao fim de semana para o Porto para estar com eles e nas férias eles vêm para Madrid”.

Em suma, a relação com os pais, entre os pais e restantes familiares que fazem parte do núcleo de cada indivíduo é a base para aquilo que é a segurança e referência na vida do adolescente, uma vez que *“este vivencia intensamente o processo de construção de sua identidade, sendo fundamental a experiência vivida em família e a convivência com os pais, irmãos, avós e outras pessoas significativas. Uma atitude de oposição a seu modelo familiar e aos pais é parte inerente do processo de diferenciação em relação a estes e de construção de seu próprio eu. O desenvolvimento da autonomia se dará de modo crescente, mas o adolescente, em diversos momentos, precisará recorrer tanto a fontes sociais que lhe sirvam de referência (educadores, colegas e outras) quanto à referência e à segurança do ambiente familiar”* (PNCFC, 2006, cit. por Ferronato, 2015: 7).

3.2.3 - Importância da família na escolha pelo futsal

É do conhecimento geral que a família tem uma forte influência sobre as escolhas dos seus membros e, nesse sentido, aquilo que se procurou saber junto dos entrevistados foi

se, de alguma forma, a família teve alguma influência sobre as suas escolhas relativamente à modalidade.

Apesar de não ter uma relação com o pai, para o **Entrevistado A** a pessoa com maior influência sobre o seu interesse pelo desporto foi o pai, como é possível confirmar através da seguinte afirmação:

“Apesar de eu só ter estado 3 anos a viver com o meu pai, ele teve um papel importante porque sempre adorou futebol e foi passando esse gosto para mim e para o meu irmão, lembro-me de pequenas coisas com ele a assistir a futebol”.

Depois esse gosto foi passado ao entrevistado pelo irmão e o futsal surgiu na sua vida devido ao facto de quando mudou de casa em criança ter um pavilhão de futsal mesmo em frente. E aí o acompanhamento da família foi acontecendo, mas desmoronou-se com o tempo:

“Quando eu morava em frente ao pavilhão, nos primeiros 2 anos de modalidade, eu ia sozinho para os treinos, a minha mãe e o meu irmão não me seguiam tanto aí. A partir do momento em que fui para os infantis, andava na 3ª classe, e como mudei de casa e fui viver para Leça a minha mãe já me acompanhava e ia me levar e buscar aos treinos. Quando passei para os iniciados também me acompanhou nos jogos, mas desde há seis anos para cá esse acompanhamento deixou de existir da parte da minha mãe e do meu irmão mas tenho muitos amigos que me apoiam (...) Eu gostava que estivessem mais presentes e já lhes disse isso, mas também sei que eles têm orgulho e que dizem maravilhas de mim.”.

Para o **Entrevistado B**, a influência da família na escolha pelo futsal foi nula:

“A minha família não teve qualquer papel na minha escolha pelo futsal. Fui eu que cheguei a casa e disse à minha mãe que queria ir jogar futebol. Cheguei a casa pedi o b.i. e ela disse que eu era maluco porque os treinos eram muito tarde, eu tinha seis anos e ela tinha medo. Depois disseram-me que eu era muito pequeno para o futebol e foi a partir daí que decidi ir para o futsal. Inscrevia-me sozinho e só precisava da assinatura dos meus pais para poder jogar. Era eu que decidia tudo o que estava relacionado com isso”.

Tal como o entrevistado B, o **Entrevistado C** afirma que a família não teve qualquer tipo de influência sobre a sua escolha pelo futsal:

“A minha família não teve rigorosamente nenhuma influência na minha escolha pelo futsal. Os meus pais aquilo que queriam era que eu estudasse, mas chegou a uma altura em que eu já não conseguia conciliar a escola e o futsal. Optei por seguir aquilo que eu queria e não aquilo que os meus pais queriam. Apoiaram-me sempre mas não tiveram qualquer influência sobre a minha escolha pelo futsal”.

Quanto ao **Entrevistado D**, este revela que a família também não teve qualquer influência sobre a sua escolha, mas, tal como os restantes entrevistados, realça a importância da família no acompanhamento do seu percurso na modalidade:

“Eu comecei pelo futebol, não existia perto da casa dos meus avós futsal e a única coisa que havia era futebol. Mais tarde, com 16 anos, recebi uma proposta do Boavista e depois não larguei mais o futsal, fiquei viciado na modalidade. Sempre ganhei dinheiro a jogar futsal. E a minha família foi muito importante não na escolha, mas sim no caminho que percorri na modalidade, sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir da escola”.

Já o **Entrevistado E** confessa que existiu alguma influência por parte de um familiar, nomeadamente o tio, como se pode confirmar através da seguinte afirmação:

“Eu comecei pelo futebol aos 6 anos, no Inverno era muito complicado, com a chuva e o frio e depois um tio meu foi treinar uma equipa de futsal e arrastou-me com ele e a partir daí as coisas proporcionaram-se até hoje”.

Por fim, o **Entrevistado F** assume que a família não teve qualquer influência sobre a sua escolha:

“Fui eu que escolhi o futsal. A minha família não teve qualquer papel na minha escolha. Eu vejo muitos pais a obrigarem os filhos a ir para o futebol, mesmo quando os miúdos não têm grandes capacidades, para eles serem um Cristiano Ronaldo. A minha família deixou-me optar por aquilo que eu mais queria e o futsal foi sempre a minha opção”

3.2.3 - Condições de vida

Aqui procurou-se, sobretudo, perceber quais as condições em que os entrevistados sempre viveram, no sentido de compreender se existia ou não espaço para eles, se as condições eram as melhores e se o ambiente vivido no seio familiar era o adequado, perante os olhares distintos que caracterizam os entrevistados.

Neste sentido, o **Entrevistado A** deu a conhecer que foram várias as casas em que já viveu, e nem todas elas tinham as condições desejadas. Durante alguns anos sempre teve de partilhar quarto, realidade que é possível perceber através do seguinte excerto:

“Eu lembro-me de 5 ou 6 casas em que vivi. A primeira, onde vivi até aos 3 anos e até à separação dos meus pais, era do meu avô materno. Eu, a minha mãe e o meu pai partilhávamos o mesmo quarto. Era uma casa muito pequena e antiga. O meu irmão tinha um quarto só para ele. Depois a 2ª casa foi na mesma rua, em frente ao pavilhão de futsal em Freixieiro e aí a casa era enorme, mas nessa para além da minha mãe, do meu irmão e da minha avó, viviam também duas tias minhas e uma prima, mas a casa era enorme, com 5 pisos, e dava para todos. Mas mesmo assim eu partilhava quarto com a minha mãe. Depois, a 3ª casa foi em Leça, uma das minhas tias também foi e eu continuava a partilhar quarto com a minha mãe. A 4ª casa foi em Santa Cruz e aí eu já tinha um quarto só para mim. Depois vivi em mais duas casas e sempre tive o meu próprio espaço”.

Quanto ao **Entrevistado B**, este também nos dá a conhecer que as condições pelas quais passou em criança não eram as melhores:

“A casa em que vivi até aos 10 anos era da minha avó, em pedra, muito antiga e em que o frio passava. Tinha um caminho muito apertado para lá chegar e esse caminho era muito escuro. A minha mãe tinha de me ir buscar porque eu tinha medo de passar lá por causa dos drogados que lá paravam. A casa de banho ficava fora de casa e durante a noite não ia porque a minha mãe tinha medo. O telhado era daqueles em que se via as telhas todas. O meu pai cortou parte da cozinha para fazer um chuveiro. E na sala havia uma cama, onde eu dormia com o meu irmão mais velho. E os meus pais ficavam no único quarto que havia. As condições eram terríveis e depois aconteceu um incêndio e ficamos sem a casa. Durante uns tempos fomos viver para casa de uns tios. Depois a câmara ajudou-nos e deu-nos uma casa e aí as condições, quando comparadas com as da minha casa anterior, eram muito boas. Já tínhamos casa de banho dentro de casa e mais do que um quarto. Já parecia uma vida quase de rico”.

Tal como os entrevistados anteriores, o **Entrevistado C**, ao falar das suas condições de vida, refere que nem sempre teve um quarto só para ele:

“Nem sempre houve espaço para toda a gente que vivia no meu seio familiar. Eramos sete pessoas a viver até aos meus seis anos num t3, depois mudamos para um t4. Eu

sempre dividi quarto com a minha avó, os meus dois irmãos também partilhavam o mesmo quarto, depois era um quarto para o meu tio e outro para os meus pais. Depois um dos meus irmãos casou e eu juntei-me ao meu outro irmão, esse casou-se também e a partir daí já tive o meu próprio quarto”.

O **Entrevistado D**, também afirma que sempre teve de partilhar quarto:

“A minha casa era um t3 e eu tinha de partilhar quarto com o meu irmão mais pequenino. Mas sempre tivemos espaço e as condições eram boas”

Contrariamente aos entrevistados anteriores, o **Entrevistado E** nunca teve de partilhar quarto e sempre teve o seu próprio espaço:

“Nunca tive de partilhar quarto com ninguém, sempre tive o meu próprio espaço e a casa sempre teve espaço para todos mesmo quando a minha avó vivia connosco”.

Por fim, o **Entrevistado F** viveu durante muitos anos no bairro do Aleixo no Porto e as condições nem sempre foram as melhores tendo de partilhar o quarto. Depois dos pais falecerem mudou-se para a casa da avó e assume que mais uma vez teve de partilhar quarto, como se pode ler na seguinte afirmação:

“Quando os meus pais eram vivos, eramos seis pessoas (pais e mais três irmãos) e vivíamos num t3. Era um quarto para os meus pais, eu e os meus irmãos partilhávamos quartos, ficávamos dois em cada quarto. Depois dos meus pais morrerem, eu fui viver com a minha avó e dividia o quarto com uma prima minha, porque a minha avó vivia com os meus tios e depois eles saíram de lá e aí já tive um quarto só para mim”.

Em suma, a família afigura-se como fonte de segurança e referência para o indivíduo jovem, uma vez que *“este vivencia intensamente o processo de construção de sua identidade, sendo fundamental a experiência vivida em família e a convivência com os pais, irmãos, avós e outras pessoas significativas. Uma atitude de oposição a seu modelo familiar e aos pais é parte inerente do processo de diferenciação em relação a estes e de construção de seu próprio eu. O desenvolvimento da autonomia se dará de modo crescente, mas o adolescente, em diversos momentos, precisará recorrer tanto a fontes sociais que lhe sirvam de referência (educadores, colegas e outras) quanto à referência e à segurança do ambiente familiar”* (PNCFC, 2006, p.31, cit. por Ferronato, 2015: 7).

3.2.4 - Educação e Formação

Aqui procurou-se perceber qual o caminho percorrido pelos entrevistados nos seus percursos escolares, quais as memórias mais gratificantes, que momentos de indisciplina, quais as rotinas e sobretudo a vontade e o desejo de trabalhar na sua formação pessoal.

Segundo Silva e Dallanol (2008), a escola é uma das instituições mais importantes da sociedade, devido ao facto de a maioria dos indivíduos passar um determinado período de tempo inserido na instituição em questão. Para os autores *“É umas das principais bases para a formação social do indivíduo, além da educação das disciplinas e seus conteúdos, é através dela que também são repassados os valores sociais, morais e éticos”* (2008: 1). Neste sentido, sendo que a escola tem um papel de formação dos indivíduos, esta é perspectivada enquanto local de educação.

Desde criança que o **Entrevistado A** se assume como independente e o dia-a-dia era da sua total responsabilidade, acabando a escola por ser uma questão de obrigação e não opção. Segundo ele:

“Desde criança que sempre fui muito independente. Tudo o que fazia parte da minha rotina diária era de quase total minha responsabilidade. A minha mãe só quando eu andava no 1º ano é que me levava à escola. (...) Por exemplo, a minha mãe só me fez o saco para o futsal uma vez, no primeiro treino. Os trabalhos de casa eu fazia sozinho. Sempre fui muito independente. Essa independência acabou por ser uma obrigação, porque não tinha forma de não ser eu a desenrascar-me”.

O entrevistado fala da sua relação com os colegas de escola e assume que sempre foi uma criança rebelde e desinteressada pela instituição escolar, o que, em parte, se deveu às companhias. Fala ainda da importância da docência no seu percurso escolar:

“Com os rapazes sempre me dei bem e os intervalos eram passados a jogar futebol. Com as raparigas a relação era um pouco complicada, porque eu era rebelde e queria bater em toda a gente, mesmo em raparigas. (...) Eu não queria saber da escola e o meu comportamento era muito rebelde e essa rebeldia devia-se à minha instabilidade familiar, porque a minha mãe tentava acompanhar-me mas não o fazia, porque não conseguia, da melhor forma. A minha madrinha foi muito importante nesse sentido, estava mais em cima de mim e incentivava-me porque a minha mãe tinha tudo sobre ela, o trabalho, as preocupações, eu e o meu irmão, tudo, e por essa razão não conseguia

acompanhar-me da melhor forma. Outra das razões foi as más companhias na escola e fora. Andava muito com os amigos do meu irmão, mais velhos e que não davam valor à escola (...) A professora da primária foi importante para mim nessa fase da minha vida porque eu era uma criança muito complicada e ela ajudou-me nessa altura a não ser pior do que aquilo que eu já era. A minha caderneta era preenchida ao máximo com recados e faltas disciplinares não me faltaram. Ficava bem ser rebelde. (...) a minha professora de história. Foi aquela com quem consegui ter empatia e a disciplina dela era a que eu mais gostava. Ainda hoje adoro história e em grande parte isso deve-se a ela. Ela fez-me ver que eu podia ter sucesso. O outro professor que também me marcou foi o de filosofia e psicologia. Ainda hoje troco mensagens com ele. Foram estes dois e a professora da primária, que me fizeram perceber o que eu realmente queria para a minha vida, no que respeita à escola”.

Quanto ao **Entrevistado B**, a situação é semelhante:

“A minha personalidade mudou muito, eu antes era muito calado, era difícil falar com alguém e o recreio eu passava sempre sozinho. (...) Nunca tive nenhum amigo especial na escola quando era criança. Era um miúdo um pouco fechado e a minha relação era muito com o meu irmão. A minha professora de física química foi a que mais me marcou, foi ela que me chamou à razão quando eu estava a sair um pouco da linha e me fez perceber que aquele não era o melhor caminho. Ela sempre acreditou no meu potencial e quando eu lhe contei da proposta do Benfica foi das primeiras a dizer-me para nem olhar para trás e ir. Avisou-me que a escola era importante, mas que aquela oportunidade era única para mim e para a minha família. Ainda hoje falo com ela no facebook. Passei por vários casos de indisciplina. As companhias não eram as melhores e éramos muito rebeldes. Faltava à escola para jogar computador, ficava a jogar ping-pong em vez de ir para as aulas, pregávamos partidas dentro da sala para não haver aulas...depois era castigado e levava com processos. Eu gostava de ter estudado mais, na altura em que fui para o Benfica quis retomar os estudos. Eu ganhava 400 euros no Miramar e depois passei a ganhar 2000 no Benfica, foi isso que me fez aceitar a proposta. Eu tinha passado para o 11º ano e perguntei se podia continuar com os estudos mas disseram-me que não porque era um clube profissional e eu tinha de me concentrar só naquilo. (...) Decidi então dedicar-me ao futsal a 100%”.

Para este entrevistado, a escola foi muito importante no que respeita à construção da sua identidade, porque segundo o mesmo:

“...sempre lidei com pessoas muito diferentes em todas as turmas em que estive, vi um pouco de tudo”.

O **Entrevistado C** assume que foi um caso de indisciplina e fala da experiência vivida com os professores e de um amigo especial. Menciona ainda que sempre colocou a escola em segundo plano, mas, ainda assim, a mesma teve impacto sobre aquilo que é hoje:

“Recordo-me que tinha um amigo especial que andou comigo até ao sétimo ano e depois seguimos caminhos diferentes, era o meu melhor amigo e infelizmente já faleceu. Quanto à minha relação com os professores, até á quarta classe a professora foi sempre a mesma e marcou-me de forma positiva, depois houve um professor que me marcou negativamente e isso foi um dos motivos para o facto de eu não ter tido aproveitamento nesse ano. E recordo-me de ter vários casos de indisciplina, faltas disciplinares e fui expulso algumas vezes, porque brincava muito com os professores e não queria saber da escola, só vivia para o futebol. Contudo, mesmo não gostando da escola o meu objetivo sempre foi seguir a escola e não fazer do futsal profissão, até porque comecei tarde na modalidade, só aos 18 anos, e aquilo que eu queria era ser professor de educação física, mas depois surgiu a proposta de me tornar profissional no futsal e optei por seguir esse caminho. Passados todos estes anos reconheço que a escola teve influência naquilo que sou e aquilo que na altura eu fazia de mal, foi o que me tornou muito mais homem nos dias de hoje”.

O **Entrevistado D** fala-nos de alguns amigos de infância na escola, de uma professora que o marcou e da vontade de continuar um dia com os estudos:

“Ainda hoje tenho amigos de infância que são presentes porque passamos a nossa infância todos juntos na escola e onde os meus avós moravam. Saíamos da escola e íamos para o futebol, andávamos sempre nisto. Quanto aos professores, só uma me marcou. E marcou-me porque passava muito tempo com ela, foi com ela que aprendi as primeiras coisas, que vivi as primeiras visitas de estudo e ela algumas vezes levava coisas para nós às quais não tínhamos acesso e que também nos ajudavam a evoluir. Ela cativava-nos de uma forma diferente. Casos de indisciplina nunca ocorreram. Tirei o curso tecnológico de desporto, queria seguir para a faculdade mas era impossível. Queria ser professor de

educação física. Mas a faculdade é algo que ainda vou fazer, mas acho que agora faria algo mais relacionado com a fisioterapia”.

Já o **Entrevistado E** diz-nos que não houve um amigo que o tivesse marcado de alguma forma na escola, assim como professores. Fala ainda de um único caso de indisciplina e que a escola nunca foi uma paixão e algo que quisesse seguir.

“Quanto a algum colega que me tenha marcado na escola de alguma forma não me recordo porque acho que nenhum me marcou, tenho sim amigos que me marcaram que eu conheci no futsal em miúdo. Isso deve-se ao facto de já não existir o convívio diário, as coisas vão se perdendo, mas como o futsal permaneceu esses amigos e colegas também. Eu nunca liguei muito à escola, fiz o 9º ano e fui logo trabalhar com o meu pai porque ele tem um negócio próprio. Por isso nunca nenhum professor me marcou de alguma forma porque eu nunca quis saber daquilo como era suposto. Indisciplina só aconteceu uma vez em que escrevi numa parede do balneário e depois fui obrigado a pintar, mas nada mais que isso. Eu deixei a escola porque já tinha um trabalho garantido, fui pelo lado mais fácil, sabia que tinha ali qualquer coisa reservada. Depois surgiu o futsal de forma profissional e experimentei e durante 2/3 anos tentei fazer disso vida e sabia que tinha sempre aquele lugar na empresa do meu pai garantido para mim, então decidi arriscar e caso as coisas corressem mal havia outra solução. E as coisas não correram como eu esperava no futsal e preferi então ter como hobby, trabalho de dia, venho treinar à noite e depois dou treino aos miúdos. Acredito que a escola é um agente muito importante para a construção da nossa identidade, a diferença é que para uns é mais importante do que para outros. Há pessoas que dão mais importância e que são mais marcados pela escola do que aquilo que eu fui, mas claro que a escola teve efeitos naquilo que sou”.

O **Entrevistado F** deixou a escola muito cedo e depois, com o nascimento do filho aos 16 anos, teve mesmo de abdicar dos estudos. Hoje em dia arrepende-se disso e acredita que a escola foi importante para o que é hoje enquanto pessoa:

“Eu quando vivia com os meus pais tinha escola mesmo a dois minutos de casa e a minha rotina era muito normal. Depois de os meus pais falecerem, fui viver com a minha avó e só estudei até ao 7º ano. Não sei o que se passou comigo nessa altura, sei que não pensava, e hoje tenho pena de não ter continuado com os estudos. Ainda tentei fazer um curso, mas depois fui para o futsal e comecei a ganhar algum dinheiro com isso e aí

desisti mesmo dos estudos. Cheguei a faltar muitas vezes à escola para jogar à bola. Lembro-me de alguns professores que me marcaram, alguns pela positiva, outros pela negativa. Lembro-me sobretudo da primária em que fui muito apoiado e em que sentia que o professor gostava de mim e me ajudava muito. Quando vou buscar os meus filhos à escola, por vezes reencontro alguns desses professores e dizem-me muitas vezes “este nem parece teu filho, é uma paz de alma e tu só querias jogar à bola e partir vidros”. (...) E sempre fui um aluno com alguma indisciplina. Faltava muito para jogar à bola, partia vidros. Sempre me arrependi por não ter estudado mais, mas depois tive o meu filho com 16 anos e tinha de trabalhar, ainda pensei em estudar à noite mas não foi possível. (...) Mas a escola foi muito importante naquilo que sou hoje em dia, transmitiu-me muita coisa que hoje quando penso percebo a importância do que me foi transmitido. Na altura não percebia porque não dava valor nenhum à escola”.

3.2.6 - Conciliar a escola e o futsal

Para os entrevistados nem sempre foi fácil conciliar a escola com o futsal e muitas vezes a escola ficou para segundo plano.

O **Entrevistado A** diz-nos que:

“Quando eu era criança achava que ia ser o melhor do mundo. Com 8 anos era bom naquilo que fazia e achava que ia conseguir isso. Sempre me valorizaram muito e acho que foi isso que em parte fez com que eu não trabalhasse mais. Podia ter crescido e estar num patamar acima daquele em que estou hoje. A escola sempre foi segundo plano para mim. Eu via aquilo como uma obrigação. Tinha de fazer o 12º ano, para mim na altura isso era o limite, e depois disso ia ser jogador profissional. Mas isso, com o tempo fui percebendo que era algo irreal e que eu tinha de trabalhar na minha formação e procurar alternativas. Mas ainda hoje ponho o futsal em pé de igualdade com a escola, contudo sei da importância que a mesma tem. A escola não teve qualquer influência sobre a minha escolha pelo futsal, ela foi uma continuidade da minha escolha”.

Quanto ao **Entrevistado B**, a verdade é que era difícil conciliar as duas coisas, uma vez que se dedicou à modalidade a 100% desde muito cedo, tal como se pode verificar a partir da seguinte afirmação:

“Era muito difícil conciliar. Eu pedia sempre para ser de tarde na escola porque os meus treinos no Miramar eram sempre das 20h às 24h, eu saía de casa às 18:30h e depois ia a correr até ao Freixo, porque não havia dinheiro para autocarros, porque eu treinava pelos juniores das 20h às 22h e pelos séniores das 22h às 24h. Depois deixavam-me em casa por volta da 1h30 e às 8h lá tinha eu de ir para a escola. Era muito complicado. Eu chegava a adormecer nas aulas e muitas vezes faltava, a minha mãe tentou que me mudassem o horário mas nada feito. Não era fácil conciliar, mas quando se corre por gosto...”

No caso do **Entrevistado C** isso não aconteceu porque, tal como o mesmo explica:

“...quando o futsal surge na minha vida eu já não estava na escola”.

Para o **Entrevistado D** a escola tinha de ser a prioridade. Só assim podia estar envolvido no futsal:

“Para os meus pais a escola tinha de ser a minha prioridade, eu tinha de estudar e ter boas notas e sempre fui bom aluno. E como sabia que para ter o futsal tinha de ser bom na escola, conseguia sempre conciliar as duas coisas. A escola foi muito importante na construção da minha identidade, aquilo que lá aprendi e vi ainda hoje se reflete em mim, muito do que sou à escola se deve e mesmo em relação ao desporto, foi na escola que aprendi muito do que sei hoje”.

Quanto ao **Entrevistado E** era fácil conciliar a escola com o futsal, porque segundo o mesmo:

“Comecei no futsal por volta dos 12/13 anos e conseguia conciliar a escola muito bem com o futsal, porque os treinos eram à noite e na altura eram poucos, só treinávamos uma vez por semana porque as condições assim o exigiam. Por isso era fácil conciliar. A escola não teve qualquer influência na minha escolha pelo futsal, foi o meu tio”.

Por fim, o **Entrevistado F** assume que a bola sempre foi mais importante que o livro ou o caderno, ou seja, para ele o futsal era prioritário mas hoje tem uma opinião bem diferente daquilo que fez na altura, como se pode verificar através do seguinte excerto:

“Hoje em dia eu penso que a escola deve ser a prioridade, ela deve estar à frente do desporto e é isso que quero passar ao meu filho. Infelizmente eu não estudei mais e talvez hoje nem fosse jogador de futsal se tivesse estudado, mas há sempre os prós e os contras. O futsal foi sempre a minha prioridade. Eu entrava na escola às 8:30h e só saía de lá às

18:30h, depois ia logo direto para o treino, mas às vezes a minha avó não me deixava ir e eu sofria muito com isso”.

3.2.7 - Celebrações culturais

As celebrações culturais são, segundo os entrevistados, momentos em que a família se junta. A ênfase é colocada sobretudo no Natal, a celebração mais apreciada, mas que com o passar do tempo o espírito foi-se desmoronando, apenas voltando a ser mais apreciado com a chegada de alguns elementos à família.

No caso do **Entrevistado A**, em que sempre faltou a figura paternal, essa ausência não teve qualquer impacto como se verifica na seguinte afirmação:

“Não me lembro de nenhum Natal com o meu pai. E nunca senti falta disso porque não estava habituado à presença dele, logo não seria só em datas especiais que essa ausência se fazia sentir. Quando vivia em Freixieiro e como a casa era enorme os Natais eram sempre cheios de gente, havia o verdadeiro espírito natalício. A partir do momento em que me mudei para Leça essa celebração começou a desvanecer-se um pouco. Não me lembro de um dia de Natal em que a minha mãe não tenha trabalhado. Ela trabalha das três da manhã até às seis da tarde, chega a casa prepara o jantar e às 22.30h já está cansada, e como somos poucos, eu a minha mãe, a minha avó que já tem uma idade e o meu irmão, acaba por se esfumar um pouco o espírito. Só no dia 25 é que temos crianças, o meu sobrinho, e nessa tarde abrimos as prendas. Ainda assim é uma das festas mais importantes. Nós fazemos as celebrações de cariz religioso mas não levamos isso como uma regra”.

O **Entrevistado B**, tal como o entrevistado A, fala da importância do Natal na sua infância e hoje em dia vê isso como uma mera data devido a diversos fatores:

“Eu sempre adorei o Natal. Era fenomenal e nessa altura os problemas não existiam. A minha família era muito unida e juntávamo-nos sempre todos, mas com a crise que se fez sentir no nosso país muita da minha família teve de emigrar. Depois o meu irmão também foi preso e isso não ajudou. O Natal perdeu um pouco do encanto. E depois o facto de eu ter um filho de um lado e outro do outro, aí é que o Natal deixa de fazer sentido. Hoje em dia é um dia normal, viajo sempre para não pensar que não posso estar com eles. Antes o Natal era tudo, agora não é nada. Assim como o meu aniversário. São meras datas”.

Quanto ao **Entrevistado C**, este também dá ênfase ao Natal e fala do espírito que se vive em família:

“Fundamentalmente o Natal. Sempre foi a celebração cultural a que dei maior importância e depois do nascimento das minhas filhas mais importância passou a ter. É uma festa para as crianças e que junta as pessoas”.

Tal como os anteriores, o **Entrevistado D** realça o Natal como a celebração cultural mais importante:

“Festejo tudo, mas sem dúvida alguma que o Natal tem um sabor diferente do carnaval, da páscoa... é um momento de união da família”.

O **Entrevistado E** diz-nos que:

“Talvez o Natal seja a celebração cultural à qual dou mais importância porque é um momento em que a família se junta e o convívio é uma coisa a que dou muito valor”.

Quanto ao **Entrevistado F**, tal como os anteriores, realça a importância do Natal e fala ainda de uma celebração muito importante e característica da cidade do Porto, o São João. Sendo que joga fora do país, são dois dos poucos momentos em que consegue reunir com a família, daí a importância das datas:

“Eu amo o Natal, é a minha festa preferida. Mas também aprecio muito o São João, festa típica da minha cidade. São momentos em que estou em família. Gosto muito de comer e beber e são dois dos poucos momentos em que consigo reunir com a família toda. Adoro dar presentes aos meus”.

3.2.8- Como perspetiva uma relação amorosa?

São diversas as formas de perspetivar uma relação. Quando falamos de seres humanos, temos sempre em conta das diferenças de cada um e nesse sentido são diversas também as formas de olhar para si e para o outro enquanto par. Nesse sentido, e tendo sempre aspetos que são comuns mas que talvez se distingam por aquilo a que dão primazia numa relação, os entrevistados descrevem da seguinte forma o modo como perspetivam uma relação:

Para o **Entrevistado A** a situação é a seguinte:

“Para mim as coisas mais importantes num relacionamento são o amor, amizade, compromisso, dedicação, respeito e companheirismo. Acho que isso é o essencial. (...)”

Acho importante colocar que estamos numa relação nas redes sociais quando se trata de uma relação séria, neste caso como a minha, caso sejam coisas momentâneas não faz sentido entrar numa relação, muito menos colocar no facebook”.

No que respeita ao **Entrevistado B**, sendo que se trata de uma figura pública, a situação amorosa nem sempre é fácil de gerir, sendo necessário que a pessoa que está a seu lado compreenda a sua profissão:

“Para mim, e no meu estilo de vida, aquilo que mais aprecio numa relação amorosa é o respeito, a honestidade e o acreditar na palavra do outro. Sendo eu uma figura conhecida estou sempre mais disposto a que me sejam arranjadas histórias que não são verdade, e nesse sentido eu preciso de alguém que acredite em mim e na minha palavra. (...) Eu sendo uma figura pública, chega uma altura em que a exposição já é tanta, o que é bom para mim profissionalmente, mas a nível amoroso é mesmo aquele ditado “quando não se sabe, não se estraga”. E eu já tive uma relação que foi muito conhecida pelo público e muitos dos problemas que existiram no meu casamento foi sobretudo por isso, porque eram inventadas histórias e claro que com a distância como é que se pode não duvidar? É muito complicado e hoje em dia eu reservo muito mais a minha intimidade e quando me exponho é a nível profissional. Uma das coisas que mais aprecio numa mulher é que ela me conheça pelo que eu sou e não pelo que tenho, ou seja, gosto de uma mulher que não esteja dentro do conhecimento do futsal e que desconheça quem sou, porque assim sei que o interesse não é pelo que tenho. Aprecio uma pessoa que saiba estar, falar e que consiga entender o meu trabalho”

O **Entrevistado C** está divorciado e para ele aquilo que realmente importa num relacionamento é o seguinte:

“Para mim a confiança e a lealdade são as coisas mais importantes num relacionamento. Neste momento estou solteiro, não existe nenhuma relação de que possa falar neste momento”.

Para o **Entrevistado D** a situação é esta:

“Para mim para uma relação se iniciar é preciso existir uma relação de amizade entre as pessoas. Depois acho que as coisas mais importantes são a confiança e o respeito são as bases mais importantes para se manter um relacionamento. A minha relação atual já é longa, desde os meus 16 anos, vivemos juntos e acho que tem durado todo este tempo porque as bases mais importantes existem”.

No que respeita ao **Entrevistado E**, uma relação amorosa tem de assentar nos seguintes parâmetros:

“A amizade e o tentar sempre entender o outro e o porquê de se pensar de determinada forma, para mim é o mais importante num relacionamento. Sou casado, e admiro um pouco de tudo que a minha esposa tem, com os defeitos dela, mas as qualidades sobressaem e é isso que acaba por fazer com que a nossa relação seja uma coisa boa”.

Por fim, para o **Entrevistado F**, e sendo que se trata também de uma figura pública, a base para uma relação amorosa é a confiança, como se pode comprovar através da seguinte manifestação:

“Para mim a coisa mais importante num relacionamento é a confiança, sem isso não existe mais nada. Sendo uma figura conhecida, não gosto de partilhar muita coisa da minha vida privada com a minha namorada. Posso partilhar uma ou outra foto mas escrever algo sobre a minha relação nas redes sociais, isso não faço porque é algo que só a nós diz respeito”.

3.2.9 - Importância da cara-metade no futsal

Ter alguém do nosso lado é essencial e nesse sentido foi questionado aos entrevistados qual a importância que a pessoa que está ou já esteve com eles, de alguma forma foi imprescindível no acompanhamento na modalidade. Segundo os entrevistados:

“No futsal é a pessoa mais importante para mim. Sempre que pode vai ver os meus jogos, tenta acompanhar-me sempre. É o meu pilar, tanto na minha vida, como no futsal. Acredita em mim e dá-me sempre força para eu continuar a tentar” (**Entrevistado A**).

“Eu aqui vou ter de ser muito sincero e abrir um pouco da minha privacidade. Uma das razões que contribuiu para o fim do meu casamento foi mesmo a falta de apoio da pessoa que estava a meu lado. Eu estava com uma lesão e queria recuperar e mostrar ao meu clube que estava empenhado na recuperação e disse à pessoa em questão que durante uns meses não podia ir para Portugal, e eu ia muitas vezes lá, porque tinha de me concentrar na minha recuperação e a pessoa achou logo que aquilo era uma desculpa e que eu ia andar a fazer outras coisas. Nesse espaço de tempo, em que foram meses, a pessoa não me visitou uma única vez, não esteve para mim naquele momento em que eu

precisava e isso foi uma coisa que não pensei que fosse acontecer. É nos momentos maus que percebemos quem realmente está conosco e se já estava mal a relação há uns meses, e a decisão da separação já estava a ser ponderada isso contribuiu ainda mais“ **(Entrevistado B)**.

“Neste momento estou solteiro, mas a pessoa com quem fui casado foi sempre um grande apoio para mim, apoiou-me sempre a 100% e acabou por ser o meu porto de abrigo. E isso eu tenho de lhe agradecer porque joguei fora do país alguns anos e apoiou-me e acompanhou-me sempre. Mas não foi essa distância que acabou por influenciar o fim da relação, porque eu regressiei a Portugal em 2011 e só em 2015 é que me separei. Foi o desgaste” **(Entrevistado C)**.

“É uma pessoa muito importante. Preocupa-se sempre muito comigo, com as refeições antes dos jogos e ela está sempre preocupada com essas coisas. Dá-me dicas que me ajudam a melhorar e que são importantes para mim. Já tem paixão também pelo futsal e falamos muito sobre os jogos. É uma pessoa muito crítica comigo, mas que também me elogia muito” **(Entrevistado D)**.

“É a pessoa mais importante, é a minha perna direita. É ela que me ouve quando chego a casa chateado do treino e me apoia quando eu jogo. Tenta estar sempre presente nos jogos para me apoiar e o papel dela é super importante” **(Entrevistado E)**.

“Sinceramente, a minha namorada é dos meus maiores pilares. Ela apoia-me muito e quando é preciso, quando erro é a primeira a apontar-me o dedo. Ajuda-me a melhorar naquilo que está menos bem e é muito atenta às questões do meu bem-estar, como a alimentação. É um grande pilar e se sou quem sou hoje ela foi muito importante nisso porque me ajudou muito” **(Entrevistado F)**.

3.2.10 - Futsal português na atualidade

A verdade é que desde há uns anos o futsal português tem tido um crescimento visível, contudo ainda existem questões que devem ser objeto de reflexão e mudança para que a modalidade cresça e arraste multidões como acontece com o futebol.

Segundo o **Entrevistado A**, o futsal português viveu um crescimento, mas com a crise económica que se fez sentir no país isso inverteu-se. Considera, por isso, que existem

ainda muitas questões a melhorar, como podemos verificar na seguinte afirmação do mesmo:

“Infelizmente o futsal português desde a crise de 2008 tem vindo a decrescer. Conheceu um período fantástico em 2000 com o 3º lugar no mundial na Guatemala. Até 2008 existiam talvez cinco equipas profissionais na primeira divisão, atualmente só existem duas, o Sporting e o Benfica, e duas semiprofissionais, o Braga e o Fundão. Antes era uma modalidade completamente amadora e sem grande importância social, mas com o aparecimento do Benfica na época de 2001/2002 começou a ganhar mais destaque pela comunicação social e isso fez com que a modalidade crescesse. Na seleção infelizmente estamos sempre no “quase”. Quando surgem jogadores como o Ricardinho o futsal português cresce. A nível europeu somos a 4ª potência. Nos últimos anos é que as coisas se foram convertendo. Existe menos competitividade, na primeira divisão, hoje é só Sporting e Benfica e são poucas as equipas que conseguem rivalizar com estas. E tudo isso é consequência do desinvestimento que a modalidade tem vindo a sofrer. São poucos os patrocínios e os apoios das Câmaras Municipais ao futsal”.

O **Entrevistado B** conhece melhor do que ninguém a realidade do futsal, uma vez que é jogador profissional e já jogou em vários países para além de Portugal. Neste sentido, para o entrevistado:

“Acho que o crescimento do futsal no nosso país é fantástico, sobretudo porque eu pratico a modalidade e é bom existir esse reconhecimento. É bom quando não se olha para o desporto só como o futebol. Se fizermos uma análise do mundo desportivo, quase todas as modalidades treinam mais que o futebol, em que normalmente só treinam uma vez por dia. Eu treino segunda, quarta e sexta de manhã e de tarde, terça e quinta de tarde. Não devemos desvalorizar todas as modalidades e só dar ênfase ao futebol. Eu lembro-me que uma vez vi um jogador de futebol e fiz um comentário com um amigo a elogiar esse mesmo jogador, fiquei tipo encantado por o estar a ver ali e esse meu amigo disse-me que ele é que devia de olhar assim para mim porque eu sou o melhor da minha área e ele é mais um no futebol aí eu comecei a olhar para as coisas de outra forma. Eu pensei que tenho de valorizar a área em que estou e quem está nela. Hoje em dia as pessoas olham para mim de forma diferente, assim como para a modalidade, nota mais admiração pelo meu trabalho”.

Para o **Entrevistado C**, sendo que é o mais velho dos entrevistados, o desejo era o de ter nascido mais tarde:

“Eu costumo dizer que devia ter nascido dez anos mais tarde. Já há uns anos atrás que o futsal tem vindo a crescer, mas atualmente é cada vez maior a ênfase que se dá ao futsal. Mas ainda continuam a existir pessoas que querem dar passos maiores que as pernas e há pessoas que querem ganhar dinheiro à custa do futsal e assim sendo isso torna-se num dos principais entraves a que o futsal não cresça ainda mais em Portugal. Eu acredito que o futsal possa ser olhado como tradição e herança cultural, uma vez que é o desporto mais praticado nas escolas, é preciso é saber levar as coisas no rumo certo, ter as bases necessárias e fazer do futsal um desporto e não um meio de se conseguir fabricar dinheiro, como acontece com o futebol”.

O **Entrevistado D** foca a sua análise no crescimento registado na modalidade:

“O futsal tem registado um crescimento enorme nos últimos tempos, foi um salto enorme e a junção à federação portuguesa de futebol também ajudou muito a esse salto. Acho que o futsal hoje tem um papel que não tinha e acredito que pode ter ainda mais. Eu acredito que o futsal possa ser olhado como tradição e herança cultural, mas eu não vou impor a prática aos meus filhos, acho que tem de partir deles”.

Já o **Entrevistado E**, apesar de mencionar que existiu um crescimento, a verdade é que já existiram melhores condições, tal como se observa na seguinte afirmação:

“Eu acho que já existiram melhores condições para o futsal em Portugal, já houve mais dinheiro investido na modalidade e no entanto não existia tanto interesse pela modalidade, e hoje em dia é mais atrativa e mais conhecida, mas tal como o país no geral as verbas não são tantas e as condições pioraram um pouco. Mas há mais qualidade agora, no que respeita a treinadores e jogadores. Mas tudo isto sem dinheiro é um pouco complicado, dificulta mais as coisas. O futsal assemelha-se muito ao futebol no sentido em que é algo de que muita gente gosta e por aí pode ser visto enquanto tradição e herança cultural de um país”.

O **Entrevistado F** é um dos nomes mais importantes do futsal nacional e europeu e nesse sentido, sendo que conhece bem a realidade da modalidade, através da seguinte afirmação é possível perceber qual a sua opinião relativamente ao crescimento da modalidade em Portugal:

“O futsal hoje em dia já é uma referência a nível mundial. No que respeita ao crescimento do futsal português, acho que é preciso dar os parabéns à Federação Portuguesa de Futebol pelo excelente trabalho que tem feito na modalidade e também a jogadores como o Ricardinho que é o melhor do mundo, que fez com que o futsal fosse elevado ao mais alto nível. Os clubes também têm feito um excelente trabalho com as camadas mais jovens. E acredito que o futsal é visto como tradição e herança cultural de muitos países, como é no nosso”.

3.2.11 - Participação social: fazer parte de um clube

Uma instituição desportiva pode ser perspectiva enquanto espaço de socialização para aqueles que dela fazem parte. Nesse sentido, procurou-se perceber junto dos entrevistados, de que forma o clube em que estão inseridos é importante para as suas vidas, enquanto agente de socialização através do qual se incutem valores, hábitos, normas e práticas sociais.

A socialização, segundo Plaisance (2016), é designada enquanto *“uma integração dos indivíduos na sociedade, uma aquisição de “bons” hábitos sociais, uma aprendizagem de vida em coletividade no centro dos grupos constituídos no interior de estabelecimentos. (...) A socialização se estende, assim, como um processo geral que engloba toda a vida humana, constituído os seres humanos como seres sociais”* (1-2). O associativismo é perspectivado enquanto agente que caracteriza a condição humana, fazendo dessa forma parte da vida em sociedade, e tudo isso é perceptível na criação de grupos que se ligam em torno de gostos e objetivos idênticos. Esta união no mundo do desporto tem facultado o surgimento de associações desportivas e apresenta-se relacionada com a necessidade de participar e partilhar experiências. Neste sentido, o associativismo *“é um direito pleno dos cidadãos que serve para unir a vontade de um grupo de indivíduos em defesa de um interesse comum. No fundo é uma forma de expressão da liberdade baseada no direito de partilha e comunicação de cada indivíduo na sociedade. (...) Pertencer a um clube é parte da vivência de cada um dos seus membros e a conjugação dos interesses pessoais, das capacidades e estilos comportamentais por um lado, e das circunstâncias, organização e estrutura do clube por outro, desenvolvem uma prática social com formas de trabalho, valorização coletiva, formação de grupos e*

cooperação, que dão especificidade a este tipo particular de organizações desportivas” (Heinemann, 1999, cit. por Sousa, 2012: 5-6).

Para além de funcionar enquanto agente de socialização, através do associativismo, tal como já foi referido anteriormente, é possível a inculcação de determinados valores. Segundo Silva e Dallanol (2008) o valor é *“resultado do ato de valorizar, ou seja, o sentido de atração ou repulsa que se atribui a algo, sejam situações, características pessoais e sociais ou ações em geral. Alguns desses valores podem ter uma carga genética, outros aprendidos no convívio social, mas o que importa é que eles estão intimamente ligados ao homem, não como algo que os controla, mas sim que está “ali”, contribuindo passivamente para uma determinada escolha”* (7). A verdade é que é impossível viver sem valores, e esses valores fazem parte da cultura que é modificada pelo homem, assim como ele é modificado por ela. Neste sentido, *“cada cultura ou grupo social é diferente entre si, por valorizarem diferentes atributos, mas o que importa são as interpretações que seus integrantes aplicam a experiências observadas, para então formarem os valores. Assim, os conceitos de valores são interpretados de diferentes formas de acordo com a cultura que a pessoa está inserida e de sua identidade pessoal, assim os valores sociais e pessoais são formados, continuando o ciclo”* (Silva e Dallanol, 2008: 7).

Tal pode de alguma forma ser comprovado através do contributo dos entrevistados, uma vez que, para os mesmos, comprova-se que a associação desportiva em que estão ou em que já estiveram, funciona enquanto agente de socialização através do qual adquiriram valores importantes que hoje se revelam essenciais para aquela que é a identidade de cada um.

Quando questionado sobre a importância da pertença a uma instituição desportiva, o **Entrevistado A** realçou que é uma pertença essencial e importante na vida pessoal, social e desportiva do indivíduo:

“É muito importante, é um agente de socialização secundária tal como a escola. A partir do momento em que fazemos parte de um clube nós vamos aprendendo e incorporando os seus valores, normas, formas de agir, pensar e vamos modelando os nossos comportamentos com base naquilo que temos no nosso clube. É muito importante para os miúdos que chegam a um clube com oito anos terem bases para além da escola e da família, porque são lhe inculcidos valores e formas de estar na sociedade e o desporto

acaba por ser também um reflexo daquilo que se passa na sociedade. No que respeita à construção da nossa identidade, esta pertença é muito importante porque quando estamos inseridos num grupo, todos os nossos comportamentos, atitudes e formas de estar vão mudando e isso faz com que a nossa identidade esteja constantemente a ser modelada. O meu clube, onde faço o que mais gosto é muitas vezes um espaço de refúgio e de libertação. O futsal ajuda a esquecer e a entrar numa realidade diferente, de diversão e de competição. São mais os aspetos positivos do que os negativos. Ainda hoje se alguns problemas ocorrerem na minha vida eu vejo ali uma bolha de tranquilidade onde por momentos é possível esquecer o que é menos bom”.

O **Entrevistado B**, como já passou por vários clubes, deu ênfase aquele que para ele foi o clube que teve mais impacto na sua vida pessoal e enquanto jogador:

“Tenho de falar principalmente do Benfica, foi o clube em que estive mais tempo, 10 anos e na altura em que se começa a traçar a nossa personalidade. Era um miúdo de 16 anos que saiu do bairro para a capital, para um clube de alta dimensão. Tive a sorte de estar rodeado de pessoas incríveis, tive as pessoas certas comigo. Tive pessoas que desde cedo me disseram o que eu devia e não devia de fazer, eu só queria sair à noite e o rendimento se isso acontecesse não era o mesmo. E o Benfica foi importante nisso, e lembrara-me sempre de onde é que eu vim, das minhas origens, eu não podia esquecer nunca isso. Eles diziam-me que eu tinha de ser um exemplo para aqueles miúdos de 6/7 anos que me iam ver aos jogos e aos poucos fui-me moldando. O carácter já estava lá, a vontade de jogar também e eles deram-me o resto que eu precisava para ser eu (...) Sendo o melhor eu estou sujeito a muitos elogios, mas também a muitas críticas e existe uma necessidade de alimentar as redes sociais, porque aquelas pessoas que me seguem merecem isso”.

Sendo que conheceu a realidade do que é viver num bairro social e tudo o que este pode trazer de mau, o entrevistado decidiu criar escolas de futsal para as crianças desses contextos sociais não enveredarem por outros caminhos, como o da toxicodependência e o roubo, percursos comuns na realidade que ele vivenciou. E neste sentido ele fala dos seus objetivos com a criação dessas mesmas escolas:

“Decidi criar as escolinhas de futsal para miúdos com o objetivo de ajudar, mas depois percebi rapidamente que não poderia ser só uma forma de ajuda solidária. No início nenhum dos miúdos pagava, mas depois as despesas começaram a ser imensas e

percebi que aquilo só me estava a prejudicar porque era mais uma coisa para eu sustentar. Ou seja, atualmente o nosso objetivo passa por ajudar esses miúdos mas de uma forma em que a própria academia também consiga autossustentar-se. Era muita coisa para mim. Tenho dois filhos para sustentar, os meus pais, os meus dois irmãos e as minhas duas casas, uma no Porto e outra em Madrid. Infelizmente não consigo ajudar os miúdos da forma que eu queria. Ajudo 4/5 este ano com sapatilhas de marcas que eles gostam, equipamentos e coisas assim, 4/5 no próximo e é assim que vou gerindo as coisas. Aqueles miúdos querem ir para a minha academia porque acreditam que se eu consegui chegar onde estou eles também conseguem. Os meus objetivos com a academia são esses e os de conseguir tirar esses miúdos do bairro, da rua, para que eles fujam da droga, do crime e de tudo o que é negativo”.

Quanto ao **Entrevistado C**, que já foi profissional e conta com 100 internacionalizações, fala da realidade que é distinta de clube para clube:

“É normal o facto de se fazer parte de um clube ter influência naquilo que somos e nos nossos valores e princípios. Eu já joguei em vários sítios e posso dizer que não é igual jogar no Sporting e jogar no Pinheiroense. O ego é outro, mas eu acredito que não é isso que muda a nossa maneira de ser, eu não mudei em nada, aquilo que fui no Sporting eu sou no Pinheiroense. Até há dois anos atrás eu era jogador profissional, e noto é diferença nas pessoas, na forma como agem connosco caso sejamos ou não profissionais. (...) Acredito mesmo que a pertença a um clube nos molda e que nos faz trazer valores cá para fora e para o resto da nossa vida”.

O **Entrevistado D** dedica-se ao futsal a 100%, é um semiprofissional a jogar na II Divisão e, dessa forma, segundo aquilo que nos diz:

“Eu não olho para o futsal como um hobby, vejo-o como a minha profissão, é naquele sítio que ganho dinheiro e para mim é um espaço laboral, em que vou aos treinos e regresso no fim para casa. Já passei por todo o tipo de situações, umas em que existia uma ligação com o clube em que estava e outras em que olhava para aquilo apenas como um trabalho que tinha de cumprir. Aqui no Pinheiroense é tudo uma família, somos todos muito ligados, desde o presidente aos jogadores e isso é uma das vantagens que permite o nosso sucesso”.

Uma vez que já vivenciou o que é ser jogador profissional da modalidade e atualmente amador, o **Entrevistado E** considera relevante a pertença a um clube, tal como se pode perspetivar na seguinte afirmação:

“Eu acho que fazer parte de um clube é muito importante. Eu já passei por vários e é sempre diferente. Nunca se senti tão bem como me sinto neste momento, no que clube em que estou. Se calhar já estive em clubes melhores, em que se ganhava mais dinheiro, mas aqui onde estou existe muita amizade e cumplicidade, somos todos uma família e sinto-me bem aqui. E acredito que um clube consegue fazer com que exista inclusão das pessoas. Eu conheço a realidade de alguns bairros e para além de jogador sou treinador e vejo que o futsal é um escape para estes miúdos, enquanto estão a jogar não estão a fazer asneiras e a ir por outros caminhos. Eu treino há 3 anos miúdos com 17/18 anos e nesses 3 anos já me passaram cerca de 30 miúdos pelas mãos e desses 30 cerca de 25 são de origens sociais desfavorecidas, vêm de bairros sociais do Porto, Ribeira, Valbom. São miúdos com alguns problemas mas é isso que me dá um certo gosto em treinar, e em parte eu e a equipa em geral vamos educando aos poucos os miúdos, no sentido de lhes transmitir o que é certo e errado e valores que temos. E isso para mim é muito gratificante e o futsal traz isso”.

Para alguém como o **Entrevistado F**, que conhece a realidade de um dos bairros mais problemáticos da cidade do Porto, torna-se fácil reconhecer a importância que o futsal traz aos percursos de cada um:

“Eu joguei em vários clubes quando era miúdo e todos os clubes nos transmitem coisas muito boas, mas ao mesmo tempo muito diferentes porque uns clubes passam umas coisas, outros clubes passam outras. Coisas boas, coisas menos boas, mas há sempre algo que nos é transmitido e em todos os clubes que passei eu consegui aproveitar o bom que eles tinham para me dar e em todos os clubes me foram transmitidas coisas que ainda hoje são importantes, uns clubes mais que os outros, mas todos eles foram importantes nisso. Todos os clubes por onde passei eram espaços de socialização. E o futsal, tal como todos os desportos, funciona como um espaço de refugio, principalmente para miúdos de bairros sociais, porque o facto de retirarmos os miúdos desses contextos, nem que seja apenas por uma hora já é uma grande coisa porque podemos evitar que se envolvam no crime, na toxicod dependência, em brigas e também em rugas, tiroteios e tantas outras

coisas negativas, como eu vi muitas vezes acontecer no bairro onde morava. O futsal faz com que se esqueça tudo isso e se opte por outros caminhos mais positivos”.

3.2.12 - Paixão pelo futsal

Todos os entrevistados partilham a convicção de que o futsal é uma modalidade que suscita paixões e, nesse sentido, foi-lhes solicitado que descrevessem essa mesma paixão. Os seus testemunhos foram os seguintes:

“O futsal será sempre uma paixão. Com o tempo a essência acaba por se perder um pouco porque já não é completamente livre, ou seja, até aos 14 anos não existem muitas preocupações e é tudo muito baseado na despreocupação. A partir daí surgem responsabilidades sociais e preocupações que acabam por ter influência no momento em que estamos em campo, o momento do jogo já não é um momento em que se esquece tudo. Aquilo de que eu tenho mais saudades é do tempo em que eu tinha 8/9 anos. Nessa altura era correr atrás de uma bola e não existia mais nada para além daquilo. Mas passados estes anos ainda existe a mesma paixão, o espírito é que é outro” (Entrevistado A).

“É fácil explicar a minha paixão pelo futsal. Tudo aquilo que eu tenho, incluindo a minha personalidade, foi tudo resultado da modalidade. Foi o futsal que me deu tudo aquilo que hoje, casa, carro, visibilidade e a capacidade de poder ajudar aqueles que mais amo. Eu sem o futsal seria uma pessoa como uma outra qualquer. Foi pela paixão que dediquei ao futsal que hoje sou o Ricardinho” (Entrevistado B).

“O futsal apareceu na minha vida tarde e foi através de um amigo que me levou a fazer um treino, eu nem sabia sequer o que era o futsal. Eu antes de ser profissional fui amador e só mesmo quem ama o futsal é que se sujeita a jogar de forma gratuita, é uma forma de poder jogar e estar com os amigos. É amor à camisola, porque só dá dinheiro a meia dúzia de praticantes, a maioria é pura paixão pela modalidade. Tenho colegas meus que pagam para jogar, isto é gostar. Sem ser profissional é muito complicado” (Entrevistado C).

“Quem está por dentro do futsal sabe que é algo difícil de explicar. Quem não conhece, basta assistir um bocado e tem logo interesse em experimentar. É um desporto que nunca pára, por isso é que entusiasmo tanto e faz com que as pessoas vibrem e vivam

o jogo. Não era um desporto muito conhecido e agora o pavilhão está sempre cheio, está a crescer cada vez mais” (Entrevistado D).

“O futsal é um desporto apaixonante para toda a gente, é muito didático porque num momento estás a ganhar por uma diferença grande mas no momento a seguir o jogo já está empatado, a bola anda sempre perto da baliza e depois o facto de ser um desporto em grupo é um ponto a favor. O futsal é muito fácil de se gostar e distingue-se do futebol por ser mais dinâmico em que não há bola parada. O futsal traz aquilo que as pessoas gostam de ver, golos, lances de perigo e bola no pé” (Entrevistado E).

“Tirando o meu amor pela família, o futsal é a minha maior paixão. Acho que não conseguia deixar o futsal e quando vejo alguns jogadores mais velhos a abandonarem a modalidade, apesar de ter ainda alguns anos pela frente, penso quando isso acontecer comigo, acho que não vou conseguir deixar o futsal. Sei que vou ter de deixar de jogar, mas quero estar sempre ligado à modalidade porque é sem dúvida a minha paixão” (Entrevistado F).

3.2.13 - Amizades e Tensões

Para além da família e da escola, os entrevistados descrevem o grupo desportivo como um importante e imprescindível agente com diversas implicações nas suas vidas. E uma das mais e melhores implicações é precisamente os laços de amizade que se criam. Mas, como em tudo, têm os seus momentos de tensão.

Segundo o **Entrevistado A** o futsal consegue fazer com que se criem fortes laços de amizade e tensões existem sempre:

“O futsal consegue criar laços muito fortes que são difíceis de romper. Depois há o lado negativo, a questão da competitividade excessiva em que muitas vezes existe um incitar de violência e desrespeito e o desporto não é isso (...) Tensões e conflitos existe sempre. E quando somos mais novos isso nota-se mais porque o espírito competitivo está mais à flor da pele. Infelizmente vários clubes incitam à deslealdade e ao conflito dentro de campo de forma a conseguirem beneficiar disso, ou seja, para condicionar o jogo. E depois há os clubes que funcionam de forma oposta. Há de tudo um pouco. Depende sempre de quem está por trás e daquilo que é passado aos atletas”.

Para o **Entrevistado B** as coisas com o passar do tempo foram mudando e o olhar dele também:

“Nos últimos 5 anos da minha carreira vejo as coisas de uma forma muito diferente. Antes eu era muito competitivo, demasiado. Se me chateasse com alguém em campo eu levava para fora de campo, ou a pessoa pedia-me desculpa ou eu stressava muito. Com o tempo fui amadurecendo. Foi sobretudo no campeonato japonês em que joguei que aprendi a levar as coisas com mais fairplay e calma. Eu fui gerindo tudo da melhor forma, durante o jogo era insultado e no fim queriam fotos comigo. É preciso saber gerir. Temos de saber adaptar-nos. Já tive muitos conflitos. Mas hoje em dia tenho grandes amigos que criei no futsal. E o que fica é os títulos que se conquistam e as amizades”.

Quanto ao **Entrevistado C**, o futsal permite ganhar e guardar amizades para o resto da vida:

“Felizmente são mais as amizades que as inimizades, estas consigo contá-las pelos dedos de uma mão. As amizades são aquilo que fica desta modalidade, ficam para a vida. Tenho amigos desde Bragança a Portimão, devido ao facto de ter jogado em muitos sítios. São amizades que ficam para o resto da vida (...) Quanto às tensões que se criam em campo, sempre que ocorrem para mim ficam sempre em campo, nunca as trago cá para fora. Dentro de campo sou complicado, mas cá fora já está tudo bem”.

Para o **Entrevistado D**:

“Não me lembro de ter existido alguma inimizade no meu percurso, mas amizades tenho muitas. Muitos dos meus amigos surgiram do convívio no futsal e uma das melhores coisas que se retira do futsal é isso mesmo, e ao contrário do futebol não existe tanto aquela picardia. Não vou dizer que não existe picardia em campo, porque existe, mas são coisas ligeiras e que passam logo. Mas não existe ninguém por quem eu tenha ganho qualquer tipo de ódio (...) Quanto às tensões, antes de entrarmos em campo, entre equipa falamos que às vezes podem ser ditas coisas em campo que não são para levar muito a sério nem fazer disso um problema, o objetivo não passa nunca por criticar o colega de equipa, mas sim por o ajudar de forma construtiva. Acontece muitas vezes algumas discussões entre nós, mas no fim já está tudo bem porque aquilo que pretendíamos era um bom resultado e por isso fora do campo já não se passa nada. Quando é com os adversários já é diferente, se tiver de me chatear chateio e não existe tanto aquela necessidade de resolver como quando é com os colegas de equipa”.

Tal como os entrevistados anteriores, o **Entrevistado E** diz que são muitas as amizades que se fazem no seio desportivo, neste caso no futsal. Mas foca sobretudo a questão das tensões, cujas ocorrências são, para ele, normais:

“Inimizades são muito poucas aquelas de que me recordo, há sempre picardias e isso é normal porque toda a gente gosta de ganhar e disputar os lances com um pouco de agressividade. São muitas mais as amizades. Quando acontecem situações de conflito, se for uma pessoa que eu conheço as coisas acabam sempre por passar logo, quando são pessoas que não conheço acaba sempre por ficar uma certa mágoa e que se nos voltarmos a encontrar depois disso há sempre algum desejo em dar o troco. Mas acaba por acontecer em todo o tipo de desportos, não só no futsal”.

O **Entrevistado F** fala em muitas amizades, contudo assume que isso é um extra, uma vez que vê o futsal como a sua profissão:

“Inimigos penso que não tenho, amizades tenho muitas. Mas eu estou no futsal não pelas amizades, apesar de que é sempre bom, mas o futsal para mim é a minha profissão e a minha paixão. Vivo disto e estou aqui para fazer o meu trabalho, e bem feito, e não para fazer amizades, mas claro que se fazem e ficam para a vida. Conflitos e tensões existem sempre, faz parte do desporto, é preciso é saber lidar com isso e perceber que fora de campo acabou tudo o que é conflito”.

No que respeita à questão do espírito de união entre equipa a opinião dos entrevistados é a seguinte:

“O espírito de equipa é essencial, se ele não existir não se faz nada em campo. E no meu caso, foram poucos os anos em que existiu realmente espírito de equipa. Nunca senti um espírito de equipa tão forte e verdadeiro como aquele que vivo atualmente na minha equipa. Ali somos amigos para além de equipa, fora de campo e do balneário existe amizade entre nós. Existe união, entrega e compromisso. Só somos melhores quando somos um, quando somos uma equipa” (Entrevistado A).

“Eu sou apologista de que para sermos melhores temos de ter uma boa equipa à nossa volta. Os egos são muito grandes, mas é preciso saber lidar com isso. Eu sou o mais falado, o que recebe melhor, o que tira mais fotos, mas também sou o que procura dar o exemplo, chego mais cedo aos treinos e sou o último a sair. E mostro sempre à minha equipa que ali somos um só. O espírito de grupo só se conseguem quando todos dão o melhor de si. Não adianta de nada eu ser o melhor do mundo e não ganhar títulos,

porque eu sou bom porque existe toda uma equipa por trás. E o líder, ou a cara da equipa, é que tem de chegar lá e dizer “eu sou a cara, mas o trabalho é de todos”” (Entrevistado B).

“Acho essencial numa equipa existir espírito de grupo, mas acima de tudo tem de existir respeito. É fundamental remarmos todos para o mesmo lado. Muitas vezes não é respeitado esse espírito de grupo, mas é essencial para que as coisas funcionem” (Entrevistado C).

“Acho que o espírito de equipa é uma das coisas mais importantes numa equipa. Sem isso a equipa não consegue ir a lado nenhum. Já passei pelos dois tipos de experiências, algumas em que o balneário não estava a remar para o mesmo lado e outras em que aconteceu o oposto” (Entrevistado D).

“O espírito de equipa é essencial, como costume dizer aos miúdos que treino, ninguém consegue nada sozinho, ou ganham todos ou perdem todos. É normal existir sempre um que joga melhor que o outro, mas mesmo esse que não joga tanto vai ganhar da mesma forma que ganha aquele que joga muito” (Entrevistado E).

“O espírito de grupo do balneário é muito importante, é meio caminho andado para conseguirmos sucesso. No caso do meu clube, o Inter Movistar, esse espírito existe. É um balneário cheio de campeões com uma humildade incrível em que somos todos iguais. Todos ganhamos, todos perdemos” (Entrevistado F).

Tal como podemos observar através dos depoimentos dos entrevistados, a existência de bom ambiente numa equipa ao longo de uma época depende muito das relações interpessoais existentes dentro do balneário, do chamado espírito de grupo que se cria. O espírito de grupo é *“elemento essencial para a união e força de uma equipa e para o sucesso da mesma durante a época. É algo que se ganha quando cada elemento da equipa sente que faz parte de um grupo de pessoas que partilham dos mesmos objectivos, e quando sente vontade de fazer o seu melhor a favor do conjunto (equipa), é quando colocamos a nossa individualidade ao serviço do colectivo”* (in www.portal-futebol.blogspot.pt). Uma equipa só pode ser entendida como uma unidade, onde o todo é infindavelmente superior à soma daquelas que são as partes e o “eu” surge, de forma inevitável, depois do “nós”. Ou seja, o segredo passa pela aptidão de colocar tudo ao encargo do coletivo. A questão aqui muito importante e que acaba por funcionar como um pilar que sustenta aquilo a que se chama “espírito de grupo” é a capacidade de

altruísmo do indivíduo, ideia de que o “espírito de sacrifício” se treina. A ideia do altruísmo foi “*Desenvolvida em meados do século XIX por Augusto Comte – filósofo francês – a ideia aparece para caracterizar as predisposições humanas que nos motivam na dedicação ao próximo. Não é solidariedade. É também isso, mas muito mais. Qualificamos de altruísta aquele que está disposto a “colocar-se ao serviço”, mesmo que isso acarrete sacrifício ou prejuízo pessoal*” (in www.tomazmorais.pt). É ainda essencial a noção de compromisso, conhecido como “o contrato invisível”. Compromisso é a “*palavra-chave num grupo, mas esse mesmo compromisso começa precisamente na relação que o jogador deve ser capaz de estabelecer consigo mesmo. A primeira coisa a fazer é tomar consciência do comprometimento individual - cada pessoa deve assumir a obrigatoriedade de ser rigorosa e exigente consigo própria. Se está a trabalhar numa equipa e assume esse ‘pacto’ com o grupo, então tem que estar presente, ‘vestir a camisola’, ser solidária, não desistir, aceitar as regras e o resultado final como o produto de um trabalho em equipa*” (in www.tomazmorais.pt).

3.2.14 - Jogadores enquanto mercadoria e mobilidade social através do futsal

Uma vez que o **Entrevistado A** nunca passou pela experiência de ser jogador profissional, esta questão da mercadoria não se aplica no seu caso. Contudo nos restantes entrevistados aplica-se e para o **Entrevistado B**:

“Sim, tenho perfeita noção de que sou olhado enquanto mercadoria. Eu costumo dizer que tenho de aproveitar o momento em que estou na ribalta, porque chega um dia em que simplesmente acaba, e nesse sentido eu enquanto estou bem, em forma, tenho de tirar benefício disso, se eu dou o máximo ao clube e estou no auge, em termos económicos tenho de ser compensado, porque um dia deixo de estar no meu auge e aí já não posso exigir nada. Eu quero ter os meus próprios negócios quando a minha carreira de jogador terminar e nesse sentido eu preciso de ter uma vida economicamente estável. Sou uma mercadoria, mas quero ter a minha linha de continuidade”.

Para o **Entrevistado C**:

“No caso dos jogadores profissionais já não existe aquilo a que chamamos de “amor à camisola”, eles acabam por ser uma mercadoria, mas isso é algo que não depende só

do jogador, há muita coisa por trás disso, sobretudo quando existem jogadores em que os valores que os envolvem são de milhares”.

Quanto ao **Entrevistado D:**

“E sim, somos perspetivados enquanto mercadoria, como um objeto. Mas isso é geral, ou seja, acontece em todos os desportos em que há dinheiro envolvido. Contudo em Portugal como ainda é uma modalidade pouco profissionalizada ainda não acontece tanto como noutros países em que os jogadores são pura mercadoria, que quando se lesionam deixam de ter interesse”.

No que respeita ao **Entrevistado E:**

“E quando olho para alguns jogadores profissionais acredito que eles são olhados enquanto mercadoria, mas também ficam outras coisas como os feitos que eles fazem na modalidade e o Ricardinho acabou por ser uma espécie de abre-latas do futsal, acabou por ser ele que fez com que a modalidade crescesse (...) Mas ninguém joga a vida toda e existe um limite para estar no futsal, quando deixa de ser rentável o jogador é dispensado porque caso contrário seria dinheiro mal gerido, e nesse sentido, sim são olhados como mercadoria muitas vezes. É uma situação complicada”.

Segundo o **Entrevistado F:**

“Infelizmente muitas das vezes somos olhados dessa forma, enquanto mercadoria, é como tudo na vida, penso que acontece em tantas outras profissões, não só no desporto. Aquilo que temos de fazer é estar focados no nosso trabalho e esquecer essa ideia do que querem ou não fazer connosco, ou seja, se somos tratados como objeto. Porque a verdade é que tudo é uma mercadoria, seja qual desporto for”.

No caso da questão da mobilidade social através do futsal, as opiniões dos entrevistados dividem-se, sendo resultado das realidades distintas pelas quais cada um passou e nas quais se inserem atualmente.

Neste sentido, para o **Entrevistado A** a situação é a seguinte:

“O futsal permite mobilidade social ascendente, contudo ao contrário do futebol, é algo mais restrito. O Ricardinho é um em milhares. No futsal é muito difícil atingir um nível económico como aquele que ele tem. O futsal um espaço muito reduzido de ascensão. É uma mobilidade social ascendente temporária. É preciso criar vias alternativas”.

Para o **Entrevistado B**, e sendo que é o mais bem pago da modalidade, é possível mobilidade social ascendente, uma vez que ele próprio experienciou isso:

“Eu sou a prova de que o futsal possibilita a mobilidade social ascendente. Se hoje tenho as condições de vida que tenho é devido ao Futsal. Eu agora ganho bem, mas não vou jogar a vida toda, infelizmente, e aquilo que é preciso fazer é uma boa gestão das coisas, para depois ter como investir na minha vida pós futsal. Tenho de apostar por exemplo num curso de treinador, nas minhas academias, num restaurante, o que quer que seja, para quando o futsal terminar eu ter outras alternativas, porque se assim não for o dinheiro que ganhei em dez anos voa. E aí faz me regressar à minha origem”.

Já o **Entrevistado C** não acredita nessa ideia de mobilidade social ascendente:

“Não acredito na ideia de que o futsal possibilita ascensão social, acredito sim na ideia de que aqueles que trabalham muito e aproveitam aquilo que têm e as oportunidades conseguem”.

Para o **Entrevistado D**:

“Quanto à possibilidade de ascensão social, aquilo em que eu acredito é que depende muito do nível em que se está enquanto jogador, porque em Portugal é complicado, mas acredito que é mais possível do que aquilo que já foi. Alguns jogadores de algumas equipas de futsal portuguesas já conseguem ter um nível de vida médio alto, a diferença é que após futsal as coisas são mais complicadas, porque o futsal não é tão rentável quanto o futebol. Não há a possibilidade de se juntar tanto quanto o desejado”.

No que respeita ao **Entrevistado E**:

“Em Portugal a mobilidade social ascendente através do futsal é muito complicado, porque ou se é mesmo muito bom e se consegue chegar ao Benfica e Sporting ou então só indo para fora do país”.

Por fim, para o **Entrevistado F**:

“Quanto à questão da mobilidade acho que o futsal permite que isso exista, sou a prova de tal situação. Claro que no plano financeiro o futsal compensa, mas é preciso ter muita cabeça e pensar no futuro porque isto não dura para sempre e não ganhamos o dinheiro que ganha um jogador de futebol de 11. Mas dá para ter um vida boa e para juntar algum dinheiro para quando deixar o futsal conseguir apostar noutras coisas, fazer outra vida fora do futsal, apostando em negócios. Mas repito, é preciso ter muita cabeça”.

3.2.15 - Porquê o futsal?

Para os entrevistados o futsal é uma modalidade diferente e que apaixona não só quem pratica como quem assiste. E nesse sentido, para o **Entrevistado A** a escolha pelo futsal e não por outra modalidade deve-se aos seguintes factos:

“Eu sempre gostei de futebol e sempre pratiquei futebol de rua. O futebol dá mais oportunidades, mas o futsal sempre foi a minha escolha porque comecei desde criança. (...) Considero o futsal um desporto muito mais dinâmico e bonito que o futebol, ele exige mais concentração e capacidade de resposta por parte dos atletas. O futebol apesar de ser o desporto rei, o desporto espetáculo, para mim não é tão bonito. Mas sei que se tivesse enveredado pelo futebol, o meu campo de possibilidades seria bem maior. Para mim o futsal é a modalidade mais bonita que existe”.

Quanto ao **Entrevistado B**, esse diz que foi o futsal quem o escolheu:

“Foi o futsal que me escolheu a mim. Aquilo que eu queria mesmo era o futebol, mas disseram-me que não tinha altura suficiente. Nunca quis o futsal, não tinha interesse, mas houve um dia em que fui convidado para um treino de futsal e a forma como se joga, ou seja, o existir mais contacto com a bola e a possibilidade de mostrar mais habilidade e dar mais nas vistas fez com que o futsal despertasse mais interesse em mim e a partir daí dediquei-me à modalidade. Para chegar a valores económicos a que eu já cheguei é preciso trabalhar muito na modalidade, ganhar títulos coletivos e individuais. Já fui duas vezes considerado o melhor do mundo e isso tem de ser compensado de alguma forma, ou seja, a mercadoria tem de ser paga de acordo com a sua utilidade e qualidade. Eu fui criando um nome, uma marca, e isso tem de ser pago e eu tenho a sorte de estar acima da média daquilo que se paga a um jogador de futsal. Mas um jogador bom e que esteja numa equipa igualmente boa consegue ter um nível de vida bom”.

Para o **Entrevistado C**, tratou-se de juntar o útil ao agradável:

“Uma das razões que me levaram ao futsal foi o facto de eu detestar chuva, mas a principal razão foi o meu amigo que me motivou e gostei tanto da modalidade que nem quis experimentar outras coisas, o bichinho surgiu cá dentro e foi isso que me levou a ficar”.

Para o **Entrevistado D** o futsal não foi primeira opção, mas a partir do momento em que surge na sua vida não existe modalidade que consiga superar o gosto em praticá-la:

“Eu gostava muito de futebol, mas depois muitos colegas meus incentivaram-me a experimentar o futsal e eu fui, até porque nessa altura eu jogava num clube de futebol que não me deixava sair para outros clubes e eu enchi-me e mudei de modalidade. E ainda bem que tomei essa decisão”.

No caso do **Entrevistado E** a situação é semelhante à exposta pelo entrevistado C:

“Porque como já disse não gosto de frio e chuva e quis evitar isso e depois o meu tio fez com que o bichinho surgisse e pronto no futsal permaneci e também porque é um desporto apaixonante”.

O **Entrevistado F** foi arrastado para o futsal, porque aquilo que o bairro onde cresceu lhe dava diariamente era um campo de futsal, como podemos perceber através da seguinte afirmação:

“Quando somos pequenos todos nós queremos ser jogadores de futebol. É o sonho de qualquer criança e eu tive esse sonho. Depois com o passar do tempo surgiu o futsal e quando percebi que era o futsal que eu amava então escolhi a modalidade e percebi que era isso que queria para a minha vida e fui atrás do sonho tentando sempre ser o mais profissional possível. E outra situação foi o facto de no bairro em que vivia existir um campo de futsal, porque se o campo fosse de futebol de 11 talvez eu até tivesse ido por aí. Depois a paixão surgiu e desde pequenino que amo isto”.

3.2.16 - Conciliação entre futsal e trabalho

Sendo que dois jogadores são profissionais e um semiprofissional, não existe esta conciliação porque o futsal é o trabalho deles. Neste sentido, para o **Entrevistado A**, que ainda estuda, a situação é a seguinte:

“Sendo atleta amador, treino três vezes por semana, sendo que os treinos são à noite, e tenho jogo ao fim-de-semana. Nesse sentido, se a minha profissão tiver que ser desempenhada durante o dia é totalmente possível conciliar com o futsal. Nem sequer me passa pela cabeça deixar de praticar a modalidade e o meu objetivo ainda continua a ser o de querer ser profissional e não quero hipotecar isso de forma alguma”.

Para o **Entrevistado C**, que já foi profissional durante alguns anos, atualmente a situação é:

“Eu trabalho por turnos no Aeroporto Francisco Sá Carneiro e é muito complicado conciliar o trabalho com os treinos. Tenho muitos colegas no trabalho que chegam a fazer trocas de horários comigo, mas não é fácil sair do trabalho, ir a casa e ir direto para o treino e só chego a casa perto das 23h. Treino quatro vezes por semana e depois tenho jogo ao fim-de-semana”.

Por último, no que respeita ao **Entrevistado E**:

“É complicado porque os treinos são muito tarde e depois de um dia de trabalho aquilo que apetece é jantar e não sair mais de casa. É preciso gostar mesmo”.

3.2.17 - Crenças antes dos jogos

Todos os entrevistados revelaram que antes dos jogos têm sempre rituais, mas a verdade é que muitas vezes esses rituais se transformam em aspetos negativos, como podemos ver mais à frente.

No que respeita ao **Entrevistado A**, o ritual é o seguinte:

“Não tenho crenças religiosas no meu dia-a-dia. Mas em dias de jogo essa vertente verifica-se. Procuo algo que me inspire. No dia anterior a um jogo não faço saídas noturnas. No próprio dia a minha alimentação é muito equilibrada e leve. Procuo inspiração em músicas e vídeos. Há coisas que só uso mesmo nos jogos”.

No caso do **Entrevistado B**, ao longo dos anos teve de mudar os seus rituais antes dos jogos:

“Eu fui mudando muito as minhas crenças, sobretudo desde que fui para o Japão. Antes eu não conseguia ir para um jogo sem antes ligar para a minha mãe, precisava de ouvir a voz dela e aconteceu uma ou duas vezes ela não atender as chamadas e isso não me ajudava em campo. Depois falei com um psicólogo desportivo e ele aconselhou-me, disse-me para deixar de o fazer, porque era algo que me prejudicava em campo, ou seja, tinha deixado de ser uma crença porque não me fazia bem. Hoje em dia a única crença que tenho é dar um beijo nas tatuagens que tenho dos meus filhos antes de entrar em campo. Depois tenho aquelas manias de jogador como estar sempre a limpar as sapatinhas e a puxar os calções e as meias”.

Quanto ao **Entrevistado C**, a situação é a seguinte:

“O único ritual que tenho antes dos jogos é ligar às minhas filhas, de resto é uma coisa normal entre todos, o ouvir música e cantar e depois o benzer antes do jogo. Mas falar com as minhas filhas é fundamental”.

No que respeita ao **Entrevistado D**:

“A minha alimentação antes dos jogos é sempre a mesma, esparguete, bife e salada, seja em casa, restaurantes, estágios...sempre o fiz e vou continuar a fazer, não que seja uma superstição, mas corre sempre bem. Entro sempre em campo com o pé direito e benzo-me antes dos jogos à minha maneira”.

Para o **Entrevistado E** o ritual é o seguinte:

“Gosto de almoçar sempre a horas antes dos jogos, se passar dessa hora já como menos. Gosto de acordar cedo nesses dias”.

O **Entrevistado F** revela um lado mais religioso nas suas crenças:

“As minhas crenças são falar com a minha namorada e os meus filhos antes dos jogos. E antes de entrar para o campo dou um beijo numa foto dos meus pais e da nossa Senhora de Fátima. Isto e ouvir música é o que faço sempre antes dos jogos”.

3.2.18 – Lesões

Para todos os entrevistados, os momentos de lesão são os mais difíceis e aqueles que mais custam a ultrapassar enquanto jogadores, uma vez que ficam impedidos de fazer aquilo de que mais gostam. No caso dos jogadores profissionais a situação acaba por se tornar ainda mais problemática, uma vez que aquela é a sua profissão. E através das seguintes afirmações é possível perceber o impacto que uma lesão tem nos entrevistados:

“Eu infelizmente tenho tido várias. Quase todos os anos tenho uma lesão. Aquilo que um jogador mais quer é poder jogar, e quando estamos de fora é a pior coisa que existe, não poder contribuir para a equipa. Estive, há um ano, três meses de fora por causa de uma lesão, andava a fazer fisioterapia e faltavam 4 pontos à minha equipa para ser campeã. E esses momentos são poucos, em 15 anos de modalidade só consegui experienciar dois, e queria ver a minha equipa ser campeã, então pedi alta ao fisioterapeuta e joguei 10 minutos completamente condicionado. Mas o importante é que fomos campeões e eu estava lá dentro do campo. Não há nada pior para um jogador como estar de fora, sobretudo por lesão. Mas os meus colegas de equipa foram

importantes e sempre me fizeram ver que eu era importante para a equipa”
(Entrevistado A).

“É daqueles momentos com que nunca consigo lidar. Tudo me irrita. Já tive duas lesões muito graves na minha carreira, uma com 17 anos, em que fiquei quatro meses sem jogar, e outra com 29, em que fiquei outra vez quatro meses sem jogar. É o único momento em que não me consigo mesmo controlar, a lesão traz-me muita energia negativa” **(Entrevistado B).**

“Lida-se pessimamente, estou numa dessas alturas, há cerca de 3 semanas que não jogo e é super complicado. E quando se é amador custa muito mais recuperar, do que quando se é profissional, porque o descanso não é o mesmo, assim como os cuidados que se tem. As lesões são a pior parte de se ser atleta, mas felizmente nunca tive nenhuma lesão grave, só que agora com a idade as coisas são diferentes. E quando vemos que a nossa equipa precisa de nós e nós estamos cá fora, essa é a pior parte” **(Entrevistado C).**

“É sempre uma situação complicada e difícil, mas acho que nos fortalece mais e para ver a nossa vontade de seguir aquilo. É um obstáculo, mas temos sempre de trabalhar para evoluir” **(Entrevistado D).**

“Nunca tive nenhuma lesão muito grave graças a deus. Mas é uma situação muito complicada porque não conseguir fazer aquilo de que se gosta porque algo que não conseguimos controlar nos impede é complicado” **(Entrevistado E).**

Segundo o **Entrevistado F** este é o pior momento nas vidas dos desportistas:

“É a pior altura na vida de um desportista. Não existe nada pior do que isso, porque é obrigar-nos a parar de fazer aquilo que amamos”.

3.2.19 - O que falta fazer no futsal

Para os entrevistados ainda é preciso mudar alguns aspetos no futsal, entre os quais:

“Ainda falta fazer muita coisa no mundo do futsal. Em Portugal ainda existe muito aquela ideia do Futebol e os outros. Falta divulgação e apoios. Falta ainda muita coisa”
(Entrevistado A).

“Eu jogo futsal espanhol e na seleção portuguesa e a diferença é muito grande. O futsal espanhol é muito profissional, é muito mais competitivo, tem mais adeptos, mais

organizado, é mais valorizado e em Portugal há uns tempos atrás era para aqueles que deixavam o futebol. Hoje em dia já é olhado de outra forma. O campeonato português ainda precisa de melhorar muito quando comparado com o espanhol, apesar de todas as conquistas que já se têm observado em Portugal” (Entrevistado B).

“Acho que é preciso desde logo deixar de associar o futsal à liga portuguesa de futebol, tem de existir essa distinção, uma federação para o futsal. Tem de existir a possibilidade de o futsal se autogerir. Para além disso, é preciso que pelo menos a 1ª divisão seja toda profissional, como acontece em países como a Espanha e Itália. Quanto ao meu percurso claro que mudava sempre alguma coisa, mas no geral estou satisfeito com as minhas escolhas, e graças ao futsal consegui conhecer um pouco do mundo e um dos meus sonhos era participar num mundial, consegui participar em 2 mundiais e 3 europeus, logo consegui alcançar os meus objetivos” (Entrevistado C).

“Acho que é preciso sobretudo profissionalizar a 1ª divisão, para que isso também fortaleça a nossa seleção. É preciso mais competição, o título em Portugal é restringido a duas equipas, Sporting e Benfica, a luta é sempre estes dois e as restantes equipas acabam por desistir um pouco e se fossem todos profissionais existiria mais luta e disputa. Quanto ao meu percurso claro que mudava sempre alguma coisa, mas estou satisfeito. Pensei que a minha ida para o Boavista ia mudar, mas isso não aconteceu e esperava muito mais e foi tudo ao contrário, desde treinos, organização, salários etc” (Entrevistado D).

“É preciso profissionalizar toda a 1ª divisão, esse passo é muito importante. Quanto ao meu percurso, estou satisfeito com as minhas escolhas no geral, no que respeita à minha vida social, familiar, mas quanto ao futsal deveria ter feito mais sacrifício na altura em que o devia ter feito e ter aproveitado as minhas qualidades que provavelmente me deixavam chegar a outro patamar, mas nunca aproveitei como devia” (Entrevistado E).

“Vou falar a nível pessoal, porque a nível geral são muitas as coisas ainda a mudar. Quero ganhar mais títulos, sou uma pessoa muito ambiciosa. Quero sempre cada vez mais. Falta sobretudo ganharmos um título pela seleção nacional. Quanto ao meu percurso, estou bastante satisfeito. Sinto-me muito realizado por tudo aquilo que fui conquistando nos últimos anos” (Entrevistado F).

3.2.20 - Um momento vivido no futsal

Por fim, foi pedido a cada entrevistado que mencionasse qual ou quais os momentos mais importantes que viveram no futsal, tendo as suas escolhas recaído sobre:

“Quando fui campeão. É a melhor sensação que existe, de dever cumprido em que vês coroadado todo o teu esforço” (Entrevistado A).

“Um que gostava, mas que acho muito difícil de conquistar era ser campeão do mundo por Portugal (...). Dos momentos que já vivi o que mais me marcou foi quando fui campeão da Europa pelo Benfica, num dia muito importante para Portugal, 25/04/2010, contra a equipa em que jogo hoje, o Inter. Tinha a minha família lá e foi muito especial” (Entrevistado B).

“O momento que escolho como o mais marcante foi a minha ida para o Sporting em 2004 e o mundial da China em que atingi a centésima internacionalização e consegui deixar o meu nome no futsal” (Entrevistado C).

“Foi a minha chamada à seleção sub-21 ao europeu na Rússia quando eu tinha 20 anos” (Entrevistado D).

“Sem dúvida alguma que foi quando o Pinhirense subiu à 1ª divisão. Foi o momento alto para mim” (Entrevistado E).

“É difícil escolher só um momento. Não consigo porque todos os prémios que conquistei são muito importantes e por isso escolho todos aqueles em que ganhei. Todos me mercaram para o resto da minha vida. É mesmo difícil escolher um” (Entrevistado F).

Os entrevistados revelaram estar satisfeitos com todas as suas escolhas, sentindo-se realizados, mas com objetivos ainda por cumprir e produzir dia após dia.

III) Considerações Finais e Propostas Futuras

1) Principais conclusões

Chegando ao final deste trabalho, torna-se essencial ressaltar as principais conclusões que através do mesmo se foram extraindo.

Uma vez que a questão de partida se prendia com o interesse em perceber “*De que forma o futsal pode ser considerado enquanto agente de inclusão, socialização, mobilidade e de construção identitária do indivíduo?*”, a verdade é que podemos responder a esta questão de forma afirmativa. De acordo com os dados recolhidos, não podemos refutar a questão de partida, uma vez que, segundo os entrevistados, o futsal funciona sim enquanto agente de inclusão, socialização, mobilidade e de construção identitária do indivíduo. A questão da mobilidade, todavia, é um pouco complexa, pois as opiniões dividem-se e são poucos aqueles que acreditam numa mobilidade social ascendente estável.

Quando questionados, todos os entrevistados deram a conhecer a sua própria realidade e aquilo que conseguimos retirar de todos os depoimentos permite-nos dizer que o futsal foi e continua a ser um importante agente para todos eles, no que respeita ao facto de sentirem que fazem parte, que são aceites e que são úteis, independentemente das suas origens sociais. Dessa forma, acreditam que o futsal esbate barreiras ou preconceitos e trabalha na união, na inclusão e na socialização do indivíduo. No futsal, apesar das diferenças de cada um, todos são iguais, e o todo é a base do sucesso. E neste sentido, todos os entrevistados consideram o espírito de grupo essencial.

Segundo eles, através do futsal é possível a inculcação de crenças e valores culturais e costumes, sendo igualmente possível fortalecer laços entre os indivíduos e dessa forma estamos perante um fenómeno de coesão social.

Podemos ainda acrescentar que, segundo os entrevistados, o futsal trabalha naquela que é a construção identitária de cada um, uma vez que tem impactos em dimensões como a família, a escola, a vida amorosa, a questão económica, a vida social, etc. Ou seja, dentro desses impactos que o futsal acarreta estão incluídos aspetos muito positivos e alguns negativos, sendo que os positivos conseguem sempre superar os menos bons. Exemplo disso é o facto de alguns dos jogadores, em determinada altura, terem abdicado das suas formações pessoais para se dedicarem à modalidade e também o facto de muitas vezes

terem de deixar a família para segundo plano. Mas a verdade é que tudo isto consegue ser superado com a ideia de que estão a lutar por algo que sempre quiseram e que os deixa com um sentimento de satisfação e realização pessoal, uma vez que todos eles admitiram estar realizados com as escolhas que fizeram.

Quando questionámos sobre a influência de outros agentes socializadores na escolha pelo futsal, as opiniões dividem-se entre a escola e a família. Esta última foi aquela que maior influência teve. Contudo, todos os entrevistados consideram que o futsal pode ser perspetivado enquanto tradição e herança cultural, uma vez que é o desporto mais praticado nas escolas e um dos mais praticados enquanto atividade extra curricular e pós laboral, esta última no caso atual de alguns dos entrevistados.

Por fim, relativamente à questão de serem muitas vezes olhados enquanto mercadoria (no caso dos jogadores profissionais), os entrevistados admitem que sim, que é uma realidade, mas que, no entanto, é isso que lhes possibilita muitas vezes vivenciar a experiência de mobilidade social ascendente.

O que se pretendia sobretudo com esta pesquisa, não era tanto um estudo generalista e extensivo, mas sim aprofundado, de alguns casos de jogadores com histórias de vida distintas, situações perante o futsal diversas, mas com os mesmos olhares perante uma modalidade que possibilita ao indivíduo um espaço de socialização e inclusão, através do qual são desenvolvidas competências desportivas, pessoais e sociais.

Em suma, todos consideram que as suas identidades são produto de um conjunto de influências que tiveram nas suas vidas, desde a família, à escola e ao clube de futsal em que já jogaram e jogam atualmente. Para além disso, segundo eles o clube em que estão ou já estiveram é perspetivado enquanto espaço de socialização através do qual conseguiram criar laços de amizade fortes. E existe ainda em comum a paixão pela modalidade.

Assim, podemos afirmar que, para estes entrevistados, o desporto é um lugar privilegiado para a realização de laços de amizade sociais, permitindo a partilha de experiências e sentimentos. Permite também perceber qual o valor da cooperação, o valor da justiça, o valor do respeito pelo outro, o valor da derrota, o Fair-Play, assim como a sensação de pertença a um determinado grupo, deixando dessa forma de parte tudo aquilo que possa parecer marcar de alguma forma a diferença, como as etnias e as classes sociais.

2) Recomendações

Os resultados da investigação sugerem que se continue a investigar sobre a importância do desporto na e para a sociedade e a forma como é suscitado pela ação das instituições socializadoras. Contudo, deve-se fazê-lo com outros agentes para além dos desportistas, ou seja, através de agentes socializadores como a escola de modo a aprofundar o conhecimento da instituição sobre a importância do desporto escolar para a identidade dos indivíduos e para o impacto que poderá ter na sociedade; com a instituição familiar, de maneira a perceber qual a percepção que têm da importância que o desporto tem na vida daqueles que o praticam; e por fim, através de crianças que praticam desporto, neste caso futsal, para percebermos de que forma o desporto tem implicações nas suas vidas presentes e projeções futuras, através de testemunhos ainda inexperientes, mas que à partida conteriam a sinceridade e a veracidade próprias das crianças.

Poderia ainda ser feita uma análise quantitativa, de forma a conseguirmos resultados mais representativos do universo dos jogadores de futsal.

Por fim, considero que um estudo desta natureza poderá ser um contributo para incitar o conhecimento em Portugal sobre esta área sociocultural, uma vez que são poucas as pesquisas neste âmbito e nem sempre se tem a verdadeira noção da importância do desporto para o Homem saber ser, estar e fazer em sociedade.

BIBLIOGRAFIA

1) Referências bibliográficas

ARAÚJO, Amadeu Gomes de (2000) – *Desporto e Sociedade*. Administração. N°49, vol. XII, p. 977-981. [em linha]. [consultado a 01.OUT.2015]. Disponível em http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004266.

BATISTA, João e PIRES, Rui (1989) – *O desporto nas sociedades modernas*. Sociologia, n°6, pp. 11-21. [em linha]. [consultado a 01.OUT.2015]. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/978>.

BERTAUX, Daniel (2005) – *Los relatos de vida*. Barcelona: Bellaterra. [em linha]. [consultado a 03.MAR.2016]. Disponível em <https://periferiaactiva.files.wordpress.com/2014/09/bertaux-d.pdf>.

BIAGIONI, Daniel (2006) - *Determinantes da Mobilidade por Classes Sociais: Teoria do Capital Humano e a Teoria da Segmentação do Mercado de Trabalho*. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Brasil. [em linha]. [consultado a 16.SET.2016]. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_652.pdf

BORBA, A. e LIMA, H. (2011) - *Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia*. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n° 106, pp. 219-240, [em linha]. [consultado a 12.JAN.2016]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n106/n106a03.pdf>.

BOURDIEU, Pierre (1983) - *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. Pp. 136-153. [em linha]. [consultado a 02.DEZ.2015]. Disponível em <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202015/ELS/WM-Como%20C3%A9%20poss%C3%ADvel%20ser%20esportivo%20P.%20Bourdieu.pdf>.

BOURDIEU, Pierre (1987) - *Choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit. [em linha]. [consultado a 26.NOV.2015]. Disponível em <http://docslide.com.br/documents/bourdieu-pierre-coisas-ditas.html>

BOURDIEU, Pierre (1979) - *La distinction; critique social du jugement*. Paris: Ed. Minuit. [em linha]. [consultado a 10.NOV.2015]. Disponível em <http://madagascar-interculturel.e-monsite.com/medias/files/bourdieu-critique-sociale-du-jugement.pdf>.

BOURDIEU, Pierre (1990) – *The Logic of Practice*. Standford University Press. ISBN 0-8047-2011-8. [em linha]. [consultado a 24.OUT.2015]. Disponível em [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=YHN8uW49l7AC&oi=fnd&pg=PA1&dq=Bourdieu,+P.+\(1990b\).+The+Logic+of+Practice.+Cambridge:+Polity+Press&ots=0eXmLrBr5Y&sig=0Ppp23D50hJ1SrZBW93R4Fymc-w&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=YHN8uW49l7AC&oi=fnd&pg=PA1&dq=Bourdieu,+P.+(1990b).+The+Logic+of+Practice.+Cambridge:+Polity+Press&ots=0eXmLrBr5Y&sig=0Ppp23D50hJ1SrZBW93R4Fymc-w&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false).

BOURDIEU, Pierre (1996) - *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.

BOURDIEU, Pierre (2001) - *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. [em linha]. [consultado a 12.JAN.2016]. Disponível em <http://gavitex.com/share/j0csaxqyg>.

BRANDÃO, A. M. (2007) - *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Configurações, n.º 3, pp. 83-106. [em linha]. [consultado a 03. DEZ. 2015]. Disponível em [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520\(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520(2).pdf).

CAETANO, Ana (2011) - *Para uma análise sociológica da reflexividade individual*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 66, pp. 157-174. [em linha]. [consultado a 15.MAR.2016]. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n66/n66a08.pdf>.

CALDEIRA, L. M. C. (2011) - *O Papel do Desporto na Promoção da Inclusão Social de Crianças e Jovens: o caso do programa Judo na Alta de Lisboa*. Tese de Mestrado em Economia Social e Solidária, Lisboa, ISCTE, Escola de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Economia Política. [em linha]. [consultado a 16.JAN.2016]. Disponível em https://grupocomunitarioalta.files.wordpress.com/2010/03/tese-de-mestrado_luc3adsa-caldeira_mess.pdf.

COSTA, António da Silva (1992) – *Desporto e análise social*. Sociologia. Série I, vol. 02, pp. 101-109. Local: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [em linha]. [consultado a 03.OUT.2015]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf>.

DUBAR, Claude (2006) - *A crise das identidades: A interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-0835-9.

DUBAR, Claude (1997) - *A Socialização: Construção das Identidades Sociais*. Porto: Porto Editora. ISBN 2-200-21620-3.

DURKHEIM, E. (1902-1903) - *L'éducation morale*. Nouvelle éd. Paris. PUF, 1963. [em linha]. [consultado a 10.JAN.2016]. Disponível em http://philosophie.ac-creteil.fr/IMG/pdf/education_morale.pdf.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992) – *A busca da excitação*. Lisboa: Difel. ISBN 972-29-0203-2.

ELIAS, Norbert (1991) - *Les transformations de l'équilibre Je-Nous, La société des individus* (1^a ed. 1938). [em linha]. [consultado a 26.NOV.2015]. Disponível em <http://www.etudier.com/dissertations/La-Soci%C3%A9t%C3%A9-Des-Individus-Norbert-Elias/45757.html>.

FERRONATO, Vivian (2015) - *A Importância da Família na Formação Social do Adolescente*. Rev. Educ., v.18, n° 24, pp.3-9. [em linha]. [consultado a 13.MAIO.2016]. Disponível em www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/3341/3008.

FREIRE, João Batista (1992) - *Educação de Corpo Inteiro*. 3^a Ed. São Paulo: Scipione.

GIDDENS, Anthony (1974) – *The Class Structure of the Advanced Societies*, Londres, Hutchinson.

GIGLIO, Sergio Settani (2007) - *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas,SP: 2007. [em linha]. [consultado a 02.MAR.2016]. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/futebol-perspectiva-de-inclusao-e-ascencao-social/10293/#ixzz4AstsZVay>.

GOMES, M. B. (2008) - *Entrevista Biográfica*. III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica. [em linha]. [consultado em 22.DEZ.2015]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-gomes-entrevista.pdf>.

GRÁCIO, Sérgio (1997) – *A mobilidade social revisitada*. Sociologia Problemas e Práticas, n° 24, pp. 45-69. [em linha]. [consultado em 13.MAIO.2016]. Disponível em <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/16/156.pdf>.

JARVIE, Grant (2006) – *Sport, Culture and Society*. [em linha]. [consultado a 30.SET.2015]. Disponível em

<http://basijcsc.ir/sites/default/files/Sport,%20Culture%20and%20Society%20An%20Introduction.pdf>.

JUNIOR, P. L. e MASSI, L. – *Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação*. Nº 3, vol. 21, pp. 559-574. [em linha]. [consultado a 13.NOV.2015]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v21n3/1516-7313-ciedu-21-03-0559.pdf>.

LAHIRE, B. (2004) – *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. [em linha]. [consultado 27.NOV.2015]. Disponível em <http://manguevirtual.blogspot.pt/2012/10/retratos-sociologicos-disposicoes-e.html>.

LAHIRE, Bernard (2005) - *Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual*. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº 49, pp. 11-42. [em linha]. [consultado a 02.DEZ.2015]. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n49/n49a02.pdf>.

LALANDA, Piedade (1998) - *Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica*. *Análise Social*, vol. XXXIII (148), pp. 871-883. [em linha]. [consultado em 10.DEZ.2015]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>.

LOPES, J. T. (Org.) (2012) - *Registos do actor plural: Bernard Lahire na sociologia portuguesa*. Porto: Afrontamento. ISBN 987-972-36-1224-0.

LOPES, José Rogério (2006) - *Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitividade*. *Psicologia & Sociedade*. Florianópolis, v. 18, nº 2, pp. 13-24. [em linha]. [consultado a 12.JAN.2016]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/02.pdf>.

MARIVOET, Salomé (1997) – *Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 23, pp. 101-113. [em linha]. [consultado a 10. OUT.2015]. Disponível em <https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/858/1/8.pdf>.

MARIVOET, Salomé (2010) - *Sociological Approach on Sports Ethics in a Context of Social Change*. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, vol. XLIX, 39-52.

MARIVOET, Salomé (2012) - *Inclusão Social no e pelo Desporto*. Um Desafio do Século XXI. In P. M. Pinto (Coord.) *Olímpico. Os Jogos num Percurso de Valores e de Significados* (pp. 89-96). Porto: Edições Afrontamento.

MARIVOET, Salomé (2014) – *Inclusão social no desporto. Contributos para uma nova área de investigação*. VIII Congresso Português de Sociologia. [em linha]. [consultado a 12.DEZ.2015]. Disponível em http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0684.pdf.

NETO, Carlos – *Mudanças sociais, desporto e desenvolvimento humano*. pp. 1-9. [em linha]. [consultado a 03.OUT.2015]. Disponível em <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/mudancassociais.pdf>.

NUNES, João Sedas (2007), *Culturas Adeptas do Futebol. O espaço plural da condição adepta: práticas e identidades* (policopiado), Dissertação de Doutoramento (346 pp.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007.

ORTIZ, Renato (1994) - *Pierre Bourdieu: Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática. [em linha]. [consultado a 16.DEZ.2015]. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0BxOYJ-xQU9kxQnppSFFVMEJBMIU/view>.

PINTO, José Madureira (1991) – *Considerações sobre a produção social de identidade*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Nº 32, pp. 217-231. [em linha]. [consultado a 18.NOV.2015]. Disponível em <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/Jose%20Madureira%20Pinto%20-%20Consideracoes%20Sobre%20a%20Producao%20Social%20de%20Identidade.pdf>.

PINTO, José Madureira (2008) - *Sociologia e sociedade: reflexividade e acção*. Anália Torres e Luís Baptista (orgs.), Sociedades Contemporâneas. Reflexividade e Acção, Porto, Edições Afrontamento, pp. 195-206.

PLAISANCE, Éric (2016) – *Socialização: Modelo de inclusão ou modelo de interação?*. [em linha]. [consultado a 13.MAIO.2016]. Disponível em www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1464/1236.

SANTOS, L. F. et al.; (2010) - *O futsal como forma de socialização: um relato de experiência*. Brasília, IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte; I Congresso Distrital de Ciências do Esporte. Pp. 245-252. [em linha]. [consultado a 22.NOV.2015]. Disponível em <http://congressos.cbce.org.br/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2177/1172>.

SILVA, Ediana (2012) - *O futsal no contexto escolar e os mecanismos necessários para a sua prática no ensino fundamental primeiro ciclo da escola Marechal Rondon*.

Porto Velho. [em linha]. [consultado a 05.JAN.2016]. Disponível em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4570/1/2012_EdianaLacerdadeSouzadaSilva.pdf.

SILVA e DALLANOL (2008) - *A educação como processo da formação social do indivíduo*. 1º Simpósio Nacional de Educação. XX Semana da Pedagogia. [em linha]. [consultado a 13.MAIO.2016]. Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/2/Artigo%2007.pdf>.

SOUSA, Ana Margarida (2012) – *O papel e uso social das casas do Benfica para o seu desenvolvimento enquanto organização desportiva*. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. [em linha]. [consultado a 13.MAIO.2016]. Disponível em <http://livrozilla.com/doc/275693/%C3%A1rea-tem%C3%A1tica--sociologia-do-desporto-sousa--ana-margarida>.

2) Sites consultados

A função social do desporto. Página consultada em 27 de Setembro de 2015, <[http://www.notapositiva.com/pt/trbestbs/educfisica/12 a funcao social do desporto d.htm](http://www.notapositiva.com/pt/trbestbs/educfisica/12_a_funcao_social_do_desporto_d.htm)>.

A importância do desporto (2009). Página consultada em 28 de Setembro de 2015, <<http://futebol-formacao.blogspot.pt/2009/08/importancia-do-desporto-parte-i.html>>.

Alexandra (2010) - *O futsal chega a PORTUGAL*. Página consultada em 4 de Janeiro de 2016, <<http://revistafutebolista.blogspot.pt/2010/07/o-futsal-chega-portugal.html>>.

Futebol: Perspectiva de Inclusão e Ascensão Social. Página consultada em 12 de Dezembro de 2015, <<http://www.webartigos.com/artigos/futebol-perspectiva-de-inclusao-e-ascencao-social/10293/>>.

Futsal (futebol de salao). Página consultada em 15 de Dezembro de 2015, <<http://onlinetudofacil.blogspot.pt/2013/04/futsal-futebol-de-salao.html>>.

João Prates (2009), *Espírito de equipa*. Página consultada em 6 de Janeiro de 2016, <<http://portal-futebol.blogspot.pt/2009/04/espírito-de-equipa.html>>.

LivrEsportes - Campinas/SP (2010), *Futebol de salão ou futsal?*. Página consultada em 15 de Outubro de 2015, <<http://www.livresportes.com.br/reportagem/futebol-de-salao-ou-futsal>>.

O Futsal em Portugal. Página consultada a 17 de Outubro de 2015, <<http://www.fpf.pt/pt-pt/>>.

Problematização do conceito do desporto (2008). Página consultada em 30 de Novembro de 2015, <<http://cerebro0.blogspot.pt/2008/04/problematizao-do-conceito-do-desporto.html>>.

Tomáz Morais, retirado do livro compromisso: *Nunca Desistir*, com a colaboração de Carlos Mendonça (2004), *Espírito de grupo*. Página consultada em 6 de Janeiro de 2016, <<http://www.tomazmorais.pt/content/content.asp?idcat=TEMAS&idCatM=temas&idContent=D7EDCB0B-2B71-411B-B89A-DB79ABCFDB04>>.

Anexos

Anexo I – Guião Entrevista Jogador Profissional

Guião de entrevista Biográfica:

Percursos Biográficos de Jogadores de Futsal Portugueses

Estou a contactá-lo no sentido de me conceder uma entrevista sobre a sua história de vida e a importância do futsal na mesma, na circunstância da realização de uma dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Através desta entrevista é meu principal intento contruir uma trajetória e perceber qual a importância social e cultural do desporto, nomeadamente do futsal, para o indivíduo. Ou seja, até que ponto o futsal funciona enquanto agente de inclusão, interação social, de construção da própria identidade e percursos, de que forma transforma o indivíduo em mercadoria no caso dos jogadores profissionais, enquanto agente que proporciona mobilidade social ascendente. Para além disso, procuro ainda, saber qual o impacto que o estatuto de jogador de futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo: escolar, familiar, profissional e económica.

Guião Entrevista – Jogador profissional

Nascimento e Família:

- Fale-me do seu nascimento e do local em que isso ocorreu;
- O que faziam os seus pais?
- Quantos irmãos tinha e de que idades?
- Houve alguém, além dos seus pais, que o criou ou tomou conta de si, durante a sua infância? Se sim: Quem?
- Fale-me da sua estrutura familiar e a importância da mesma no seu percurso e na construção da sua identidade;

- Lembra-se de alguma vez ter tido muitos encargos e obrigações em sua casa, quando era criança? Se sim: Gostava que me descrevesse as maiores obrigações que teve que executar e porque é que as coisas funcionavam dessa forma (cuidar de irmãos mais novos; arrumar a casa...);
- De que modo é que essas obrigações afetavam a sua vida? (trabalhos escolares, convívio com amigos...);
- A sua família teve alguma vez problemas de dinheiro durante a sua infância? Se Sim: Lembra-se de qual foi a pior fase desses problemas? É capaz de me dizer quais eram as vossas principais dificuldades?
- É capaz de me dar alguns exemplos de coisas que não podia ter? (roupas novas, presentes, viagens...)
- Lembra-se de alguma vez ter passado fome por os seus pais não terem dinheiro para comprar comida?
- Fale-me dos cuidados que os seus pais tinham consigo?
- Como era a sua relação com o seu pai quando era criança?
- Como era a sua relação com a sua mãe quando era criança?
- Alguma vez algum deles sofreu de alguma doença? Se sim: Que doença era? Que idade tinha quando isso se sucedeu? Como é que a doença afetou a vossa vida familiar?
- Lembra-se de alguma situação em que tenha sido corrigido/repreendido pelos seus pais?
- Qual foi a pior situação de repreensão de que se lembra?
- Quais era os seus pensamentos, em criança, sobre a forma como era tratado?
- Como é que era a relação dos seus pais?
- Como é que os seus pais expressavam afeto um pelo outro?
- Lembra-se de qual foi o pior momento da sua infância?
- Para si, qual é o verdadeiro sentido e valor da Infância/Juventude;
- Como é que avalia, hoje, a educação e as condições de vida que teve durante a sua infância e juventude?
- Que importância lhes atribui hoje em dia?
- Fale-me do papel da sua família na sua escolha pelo futsal;

Condições de Vida

- Descreva-me o local onde morava. O que havia em volta? Como era a sua casa? Como era o seu quarto?
- A casa em que habitava esteve, alguma vez, com pouco espaço para as pessoas que lá habitavam? Se sim: Partilhava o seu quarto com alguém? Alguma vez teve que partilhar a cama? Em que medida se sentiu afetado por isso?;

Herança Cultural/ Tradições Culturais:

- Que tipo de celebrações culturais são mais importantes para si;
- Em que tradições culturais a sua comunidade está envolvida;
- O que acha do crescimento a que o futsal português tem assistido nos últimos anos?
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto tradição cultural;
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto herança cultural;

Vida amorosa:

- Qual foi o relacionamento mais longo que teve?
- Para si, qual é a coisa mais importante num relacionamento?
- Como se sabe que está na altura de terminar um relacionamento?
- Considera importante pôr “em uma relação” no facebook?
- Como é a sua relação atual? Como se conheceram? Como a descreve? Quais as qualidades que mais aprecia na pessoa que tem a seu lado? É casado/vive em união de facto? Como descreve o dia do seu casamento?
- De que forma a pessoa que está/esteve a seu lado o apoia/apoiava no futsal?

Participação Social:

- Alguma vez fez voluntariado? Se sim: Fale-me dessa experiência;
- Enquanto jogador de futsal fazer parte de um clube é essencial, fale-me da experiência dessa pertença e em que ponto é que a mesma contribui para a sua identidade, a sua inclusão, a própria socialização e todo o seu percurso de vida;
- Considera que a nível social o futsal tem influência;

Educação/Formação:

- Fale-me do seu primeiro dia de escola, quais as sensações de que se recorda desse dia e de todo o processo escolar;
- Será que é capaz de se lembrar de quando ainda andava na escola primária, e tentar descrever como era a sua rotina diária? Por exemplo, quem é que lhe preparava o pequeno-almoço? Como é que ia para a escola? Era longe de casa? Ia com os seus irmãos? Almoçava na escola? Como é que se dava com os seus colegas de escola? Tinha algum amigo especial? Como voltava para casa? Alguém lhe preparava o lanche? Como era a sua relação com os professores? Houve algum professor que o tivesse marcado mais? Se sim: Porquê?
- E casos de indisciplina alguma vez ocorreram no seu percurso escolar? Se sim: Conte-me um episódio em que tenha acontecido.
- O que fazia no fim da escola?
- Até que ano andou na escola?
- Quem o ajudava nos trabalhos escolares?
- Depois de acabar a escola quais eram os seus projetos? Que profissão desejava vir a ter e porquê?
- Depois de acabar a escola quais eram as ideias dos seus pais para o seu futuro?
- E o papel da entidade escolar na formação da sua identidade;
- Fale-me de que forma se concilia a escola com o futsal;
- A escola teve alguma influência na escolha pelo futsal;

Amizades e Tensões:

- Fale-me da paixão que é o futsal;
- Fale-me das amizades e inimizades que se criam no seio desportista;
- Fale-me da essência do espírito de equipa;
- Fale-me das tensões que se vivem e criam entre jogadores em campo;

Trabalho:

- Fale-me da experiência de ter como profissão o futsal;

- Acredita que um jogador profissional é olhado enquanto mercadoria muitas das vezes? Fale-me sobre essa questão;
- Esta sempre foi a profissão que idealizou/desejou?
- Alguma vez ponderou ser possível fazer daquilo que se ama profissão?
- O futsal permite ou não mobilidade social?
- O que o fez escolher o futsal e não o futebol de 11 ou outro desporto?
- No plano financeiro, já compensa ser profissional de futsal?

Crenças/ Grandes temas da vida/ Futuro:

- Fale-me das suas crenças, com quem fala antes dos jogos, quais os seus rituais e onde se arranjam forças em alturas menos boas como quando ocorrem lesões;
- Fale-me de como idealiza a sua vida após futsal;
- Fale-me das suas expectativas futuras e se se sente uma pessoa realizada;
- O que considera que falta fazer no mundo do futsal;
- Vou pedir-lhe que olhe para a sua vida como um todo e me diga se está satisfeito com as escolhas que fez até os dias de hoje;
- Se tivesse de escolher um momento que vivenciou enquanto jogador de futsal qual seria?

Anexo II – Guião Entrevista Jogador Amador

Guião de entrevista Biográfica:

Percursos Biográficos de Jogadores de Futsal Portugueses

Estou a contactá-lo no sentido de me conceder uma entrevista sobre a sua história de vida e a importância do futsal na mesma, na circunstância da realização de uma dissertação no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Através desta entrevista é meu principal intento contruir uma trajetória e perceber qual a importância social e cultural do desporto, nomeadamente do futsal, para o indivíduo. Ou seja, até que ponto o futsal funciona enquanto agente de inclusão, interação social, de construção da própria identidade e percursos, de que forma transforma o indivíduo em mercadoria no caso dos jogadores profissionais, enquanto agente que proporciona mobilidade social ascendente. Para além disso, procuro ainda, saber qual o impacto que o estatuto de jogador de futsal tem nas restantes dimensões da vida do indivíduo: escolar, familiar, profissional e económica.

Guião Entrevista – Jogador Amador

Nascimento e Família:

- Fale-me do seu nascimento e do local em que isso ocorreu;
- O que faziam os seus pais?
- Quantos irmãos tinha e de que idades?
- Houve alguém, além dos seus pais, que o criou ou tomou conta de si, durante a sua infância? Se sim: Quem?
- Fale-me da sua estrutura familiar e a importância da mesma no seu percurso e na construção da sua identidade;
- Lembra-se de alguma vez ter tido muitos encargos e obrigações em sua casa, quando era criança? Se sim: Gostava que me descrevesse as maiores obrigações

que teve que executar e porque é que as coisas funcionavam dessa forma (cuidar de irmãos mais novos; arrumar a casa...);

- De que modo é que essas obrigações afetavam a sua vida? (trabalhos escolares, convívio com amigos...);
- A sua família teve alguma vez problemas de dinheiro durante a sua infância? Se Sim: Lembra-se de qual foi a pior fase desses problemas? É capaz de me dizer quais eram as vossas principais dificuldades?
- É capaz de me dar alguns exemplos de coisas que não podia ter? (roupas novas, presentes, viagens...)
- Lembra-se de alguma vez ter passado fome por os seus pais não terem dinheiro para comprar comida?
- Fale-me dos cuidados que os seus pais tinham consigo?
- Como era a sua relação com o seu pai quando era criança?
- Como era a sua relação com a sua mãe quando era criança?
- Alguma vez algum deles sofreu de alguma doença? Se sim: Que doença era? Que idade tinha quando isso se sucedeu? Como é que a doença afetou a vossa vida familiar?
- Lembra-se de alguma situação em que tenha sido corrigido/repreendido pelos seus pais?
- Qual foi a pior situação de repreensão de que se lembra?
- Quais era os seus pensamentos, em criança, sobre a forma como era tratado?
- Como é que era a relação dos seus pais?
- Como é que os seus pais expressavam afeto um pelo outro?
- Lembra-se de qual foi o pior momento da sua infância?
- Para si, qual é o verdadeiro sentido e valor da Infância/Juventude;
- Como é que avalia, hoje, a educação e as condições de vida que teve durante a sua infância e juventude?
- Que importância lhes atribui hoje em dia?
- Fale-me do papel da sua família na sua escolha pelo futsal;

Condições de Vida

- Descreva-me o local onde morava. O que havia em volta? Como era a sua casa? Como era o seu quarto?
- A casa em que habitava esteve, alguma vez, com pouco espaço para as pessoas que lá habitavam? Se sim: Partilhava o seu quarto com alguém? Alguma vez teve que partilhar a cama? Em que medida se sentiu afetado por isso?;

Herança Cultural/ Tradições Culturais:

- Que tipo de celebrações culturais são mais importantes para si;
- Em que tradições culturais a sua comunidade está envolvida;
- O que acha do crescimento a que o futsal português tem assistido nos últimos anos?
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto tradição cultural;
- Acha que o futsal pode ser visto enquanto herança cultural;

Vida amorosa:

- Qual foi o relacionamento mais longo que teve?
- Para si, qual é a coisa mais importante num relacionamento?
- Como se sabe que está na altura de terminar um relacionamento?
- Considera importante pôr “em uma relação” no facebook?
- Como é a sua relação atual? Como se conheceram? Como a descreve? Quais as qualidades que mais aprecia na pessoa que tem a seu lado? É casado/vive em união de facto? Como descreve o dia do seu casamento?
- De que forma a pessoa que está/estive a seu lado o apoia/apoiava no futsal?

Participação Social:

- Alguma vez fez voluntariado? Se sim: Fale-me dessa experiência;
- Enquanto jogador de futsal fazer parte de um clube é essencial, fale-me da experiência dessa pertença e em que ponto é que a mesma contribui para a sua identidade, a sua inclusão, a própria socialização e todo o seu percurso de vida;
- Considera que a nível social o futsal tem influência;

Educação/Formação:

- Fale-me do seu primeiro dia de escola, quais as sensações de que se recorda desse dia e de todo o processo escolar;
- Será que é capaz de se lembrar de quando ainda andava na escola primária, e tentar descrever como era a sua rotina diária? Por exemplo, quem é que lhe preparava o pequeno-almoço? Como é que ia para a escola? Era longe de casa? Ia com os seus irmãos? Almoçava na escola? Como é que se dava com os seus colegas de escola? Tinha algum amigo especial? Como voltava para casa? Alguém lhe preparava o lanche? Como era a sua relação com os professores? Houve algum professor que o tivesse marcado mais? Se sim: Porquê?
- E casos de indisciplina alguma vez ocorreram no seu percurso escolar? Se sim: Conte-me um episódio em que tenha acontecido.
- O que fazia no fim da escola?
- Até que ano andou na escola?
- Quem o ajudava nos trabalhos escolares?
- Depois de acabar a escola quais eram os seus projetos? Que profissão desejava vir a ter e porquê?
- Depois de acabar a escola quais eram as ideias dos seus pais para o seu futuro?
- E o papel da entidade escolar na formação da sua identidade;
- Fale-me de que forma se concilia a escola com o futsal;
- A escola teve alguma influência na escolha pelo futsal;

Amizades e Tensões:

- Fale-me da paixão que é o futsal;
- Fale-me das amizades e inimizades que se criam no seio desportista;
- Fale-me da essência do espírito de equipa;
- Fale-me das tensões que se vivem e criam entre jogadores em campo;

Trabalho:

- Fale-me de como é ter o futsal enquanto “hobby” e se a aspiração alguma vez foi a de o ter como profissão;
- Enquanto amador olhando para aqueles que estão envolvidos num mecanismo económico, ou seja, que fazem do futsal profissão, acredita que um jogador profissional é olhado enquanto mercadoria muitas das vezes? Fale-me sobre essa questão mostrando o seu ponto de vista enquanto jogador que o faz sem nada receber a nível económico;
- Olhando para o futsal enquanto profissão alguma vez foi isso que desejou e acredita que é possível fazer daquilo que se ama profissão?
- Fale-me de que forma o futsal permite ou não mobilidade social ascendente quando olha para o exemplo dos jogadores profissionais?
- O que o fez escolher o futsal e não o futebol de 11 ou outro desporto?
- Fale-me de como se concilia o futsal com outra atividade profissional fora da área do desporto;
- Sente ou alguma vez sentiu que um jogador amador se sente inferiorizado por parte dos profissionais?
- Considera que outras divisões deveriam ser consideradas como profissionais?

Crenças/Grandes temas da vida/Futuro:

- Fale-me das suas crenças, com quem fala antes dos jogos, quais os seus rituais e onde se arranjam forças em alturas menos boas como quando ocorrem lesões;
- Fale-me de como idealiza a sua vida após futsal;
- Fale-me das suas expectativas futuras e se se sente uma pessoa realizada;
- O que considera que falta fazer no mundo do futsal;
- Vou pedir-lhe que olhe para a sua vida como um todo e me diga se está satisfeito com as escolhas que fez até os dias de hoje;
- Se tivesse de escolher um momento que vivenciou enquanto jogador de futsal qual seria;

Anexo III – Transcrição das entrevistas

Entrevista número 1 – **Jogador de Futsal Amador.**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 21 anos - Estado Civil: Solteiro

Grau de instrução: Licenciatura

Entrevista número 2 – **Jogador de Futsal Profissional.**

Local: Madrid

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 30 anos - Estado Civil: Divorciado

Grau de instrução: Ensino Básico

Tema de vida	Texto Original	Texto Original
	Entrevistado A	Entrevistado B
Nascimento, Infância e Juventude	“Sou natural de Perafita, nasci no Hospital de Matosinhos, vivia em Freixieiro com a minha avó, o meu irmão e os meus pais. Os meus primeiros anos de vida até aos 8/9 anos foram em Freixieiro. Sempre vivi com essas pessoas. O meu pai saiu de casa, separou-se da minha mãe quando eu tinha 3 anos. Só tenho um irmão, mais velho, 5 anos mais velho. Depois vivi sempre com a minha mãe, o meu irmão e a minha avó. Até aos 12 anos a minha madrinha aos fins-de-semana tomava conta de mim. A minha madrinha, tal como a minha mãe e a minha avó deu-me as bases para ser quem sou hoje. Eu não tive uma infância tida como normal, não tive os meus dois pais, a minha família sempre foi	“Nasci em Fânzeres. Morei aqui durante 10 anos e depois mudei-me para Valbom, onde vivi até começar no mundo do futsal que me fez andar pelo mundo. O meu pai trabalhou durante 22 anos no mercado abastecedor e a minha mãe era empregada doméstica, fazia limpezas em casas de pessoas e atualmente trabalha no hospital de São João do Porto. Eu tenho dois irmãos, um com 18 anos e outro com 35. Para além dos meus pais houve uma senhora que me criou no cerco do Porto, onde eu tinha familiares, mas não sei se ainda é viva porque infelizmente perdi o contacto com ela. A minha madrinha também ajudou nesse sentido. Eu não tive tanta sorte como

	<p>monoparental. A minha mãe fez o papel dos dois. Hoje em dia essa questão da monoparentalidade é comum e há uns anos atrás eu como todas as crianças gostava de ter tido o meu pai comigo, mas com o passar do tempo fui crescendo e deixei de sentir a falta dele porque ele nunca estava lá. Mas nunca me faltou o essencial, a minha mãe sempre lutou por mim e pelo meu irmão, nunca deixou de nada nos faltasse. Podia não ter coisas de marca, não tinha tudo o que queria, mas sapatilhas e equipamento para futsal, que é a minha verdadeira paixão, nunca me faltou.</p> <p>A infância é a chave da nossa identidade porque é aí que nos são dadas as bases para aquilo que somos, sendo que vamos sofrendo alterações na forma como agimos e pensamos. A socialização primária é muito importante e deixa marcas naquilo que seremos futuramente. Muito daquilo que tive na minha infância ainda hoje se faz sentir. Eu não sou pessoa de criar logo laços fortes, sou desconfiado e tenho dificuldade em me abrir para os outros. Talvez me tenha tornado numa pessoa diferente porque não tinha aquela parte masculina de que precisava em miúdo. Sou o reflexo da minha infância hoje em dia.</p>	<p>a maioria dos miúdos, uma família estável, pais com emprego, viver junto de familiares que te apoiam...A minha vida foi um pouco atribulada. Quando eu tinha 10 anos perdemos a nossa casa em Fânzeres, num incêndio e foi isso que fez com que fosse viver para o bairro de Valbom e nessa altura os meus pais tinham horários de trabalho muito diferentes, o meu pai trabalhava de noite e a minha mãe de dia e depois o meu irmão mais velho optou por outro caminho, caminho esse que é o oposto ao trabalho, ao que custa para conquistar alguma coisa, ele foi por um caminho mais fácil e eu sempre convivi com isso de muito próximo, porque estava tudo ali no bairro, a droga e o trabalhar nesse tipo de coisas. Hoje em dia as coisas estão diferentes lá. Eu não sei se foi com a ajuda de algumas pessoas, se com a educação dos meus pais ou por uma questão de carácter, julgo que é sobretudo por esta última porque os meus pais deram a mesma educação aos três e o meu irmão mais velho teve outras opções, eu optei por outro caminho, um mais difícil. Fui atrás do futsal. Era um miúdo e experienciei coisas que não queria e que não me deixaram ser um miúdo daquela idade. Tive de tomar conta do meu irmão mais novo e cheguei mesmo a levá-lo comigo para a escola. Mas acho que a tua identidade é resultado, mais</p>
--	--	--

		<p>do que da tua estrutura familiar, do teu carácter.</p> <p>Infelizmente sempre fomos uma família que passou muitas dificuldades económicas. O meu irmão mais velho vivenciou isso de uma forma mais intensa que eu. Ele chegou a passar fome. Lembro-me de irmos com a minha mãe ao café e ela dizer para não pedirmos nada porque tinha vergonha. Já íamos educados de casa. Mas isso a mim só me faz valorizar aquilo que tenho hoje e que conquisto diariamente. E poder dar aos meus filhos aquilo que eu nunca tive é maravilhoso. E felizmente ou infelizmente, eu ajudo muito os meus pais e sustento a minha família desde os meus 17 anos, o que não é normal, à partida funciona ao contrário. Foi quando vi que o meu irmão mais novo não podia ter aquilo que outros miúdos tinham que me deu o clique e decidi apostar no futsal. Fui para Lisboa sozinho, não queria, mas sabia que essa ida ia permitir-me ajudar a minha família. E hoje valorizo muito mais as coisas.</p> <p>É na infância que comesças a traçar o teu carácter. Eu gostava era de ter tido a oportunidade de aproveitar mais essa infância e a minha adolescência. Tive de me fazer à vida muito cedo. Tive de abdicar daqueles que eram os meus objetivos pessoais por aqueles que era coletivos, os da minha família. Não consegui passar por</p>
--	--	--

		<p>todos os níveis, tive de saltar alguns e tornei-me um chefe de família quando era adolescente e hoje a minha personalidade é resultado disso.</p>
<p>Relação com e entre os pais</p>	<p>Até aos 3 anos, a relação com o meu pai daquilo que me lembro, era uma relação saudável de pai e filho, vivíamos juntos era tudo normal. A partir do dia em que ele saiu de casa, quando se separou da minha mãe a relação mudou e tive alguns problemas porque foi uma separação conflituosa. Passados 8 anos a minha relação com ele deixou quase de existir, ele foi desaparecendo da minha vida e hoje não o vejo como pai, é uma pessoa normal para mim e não sinto a falta dele porque ele nunca esteve presente. Não me lembro quase dele na minha vida e por essa razão não existe aquela relação de pai e filho. Contudo, tenho pena que as coisas não sejam diferentes, porque gostava de ter uma base familiar sólida e consistente, mas aprendi a viver assim. Claro que se tivesse convivido com ele eu era uma pessoa diferente.</p> <p>Quanto à relação com a minha mãe...A minha mãe é quase tudo para mim. Criou-me a mim e ao meu irmão e foi sempre incansável, nunca deixou que nada nos faltasse. Se fosse preciso trabalhar 24 horas para nos comprar alguma coisa, ela fazia. Sempre fomos a prioridade dela e ela é mesmo importante na minha vida. Ainda hoje</p>	<p>A minha relação com o meu pai sempre foi um pouco estranha, ele olhou sempre para mim como o filho que mais desejou. Mesmo antes de ser um jogador de futsal ele sempre olhou para mim com um olhar diferente. Mas ao mesmo tempo eramos capazes de estar uma semana sem nos vermos porque ele trabalhava de noite. Os nossos horários não coincidiam. Sempre foi um dos meus maiores conselheiros, mas nunca me disse para onde eu devia ir, deixou tudo nas minhas mãos e ele estava lá para o que eu precisasse. Sempre tivemos um amor impressionante.</p> <p>A relação com a minha mãe era mais afetuosa. É aquela coisa de mãe. Ela sempre quis estar em tudo o que me envolvia. Tinha mais tempo do que o meu pai para estar comigo. Sempre me tentou mostrar o caminho certo, mas deixando sempre a decisão nas minhas mãos. Eram relações diferentes, mas o mesmo amor.</p> <p>Infelizmente a minha relação com os meus filhos não é aquela que eu queria. Eu tinha muitos planos, sabia como queria fazer as coisas, mas infelizmente as coisas nem sempre correm como queremos. O meu filho mais velho é fruto de uma relação de</p>

	<p>somos a prioridade dela e acabou por se esquecer dela para nosso benefício. Ela deixou a vida dela social, amorosa para segundo plano.</p> <p>A relação dos meus pais daquilo que eu me lembro nunca foi muito boa porque o meu pai tinha problemas com álcool e exagerava muito e depois era a minha mãe quem pagava as consequências. Por isso, a relação nunca foi saudável. Eu lembro-me deles discutirem imenso, nunca vi uma agressão física mas desconfio que isso tenha acontecido, mesmo que a minha mãe nunca tenha dito isso. Eu via que ela a maltratava por palavras, mas acredito que não foi só isso. A minha mãe era submissa. A partir do momento da separação foi sempre a piorar e quando eu tinha 8 anos houve alguns conflitos, em alguns dos casos a policia teve de estar envolvida porque o meu pai sem autorização do tribunal levava-me com ele e a minha mãe tinha de me ir buscar com a polícia. Depois nessa altura eu mudei de casa e ele ficou sem saber onde eu morava e nunca mais houve qualquer tipo de relação entre eles e quando se cruzam é como se fossem dois estranhos um para o outro.</p>	<p>cinco anos com uma rapariga de Valbom e a minha filha mais nova é fruto do meu casamento que terminou há cerca de um ano e meio, com uma rapariga de Lisboa. Sempre quis ter um casal, mas nunca desta forma e para complicar mais um é do Norte do país e outra do Sul. Isso não ajuda e não consigo ter a relação que queria ter com eles. Adorava que criassem entre eles uma boa relação de irmãos, mas infelizmente a distância espacial e o facto de as minhas relações não terem terminado da melhor forma não ajuda a que isso aconteça. Existe sempre um entrave. Eu quero é que eles quando perceberem as coisas entendam o porquê da minha distância. Eu estou longe por uma razão, e parte dessa razão são eles.</p> <p>Lembro-me que a relação dos meus pais sempre foi muito boa. Mas hoje em dia as coisas mudaram um pouco porque o meu pai perdeu uma perna e a minha mãe quer tomar conta dele, mas como sempre foi muito independente ele não aceita isso muito bem e geram-se alguns conflitos. Tirando este acontecimento e as opções de vida do meu irmão mais velho, esquecendo problemas financeiros, eramos a família perfeita.</p>
<p>Importância da família na</p>	<p>Apesar de eu só ter estado 3 anos a viver com o meu pai, ele teve um papel importante porque sempre adorou futebol e foi passando esse gosto para mim e para o meu irmão,</p>	<p>A minha família não teve qualquer papel na minha escolha pelo futsal. Fui eu que cheguei a casa e disse à minha mãe que queria ir jogar futebol. Cheguei a casa pedi</p>

escolha pelo futsal	lembro me de pequenas coisas com ele a assistir a futebol. Depois disso o meu irmão ocupou esse lugar e também me foi inculcando o gosto pelo desporto e quando eramos crianças os nossos passatempos eram ligados ao desporto. Para além disso, quando eu mudei de casa aos 5 anos existia um pavilhão de futsal mesmo à frente da minha casa. E aí dediquei-me ao futsal. Quando eu morava em frente ao pavilhão, nos primeiros 2 anos de modalidade, eu ia sozinho para os treinos, a minha mãe e o meu irmão não me seguiam tanto aí. A partir do momento em que fui para os infantis, andava na 3ª classe, e como mudei de casa e fui viver para Leça a minha mãe já me acompanhava e ia me levar e buscar aos treinos. Quando passei para os iniciados também me acompanhou nos jogos, mas desde há seis anos para cá esse acompanhamento deixou de existir da parte da minha mãe e do meu irmão mas tenho muitos amigos que me apoiam. E isto deve-se ao facto de eles terem tantas expectativas em relação a mim que com o passar do tempo se foram desfaldando, porque eu não atingi aquele nível que eles esperavam que eu atingisse. Eu gostava que estivessem mais presentes e já lhes disse isso, mas também sei que eles têm orgulho e que dizem maravilhas de mim. Eles gostavam é que eu estivesse melhor, num outro nível e também têm a vida	o b.i. e ela disse que eu era maluco porque os treinos eram muito tarde, eu tinha seis anos e ela tinha medo. Depois disseram-me que eu era muito pequeno para o futebol e foi a partir daí que decidi ir para o futsal. Inscrevia-me sozinho e só precisava da assinatura dos meus pais para poder jogar. Era eu que decidia tudo o que estava relacionado com isso.
---------------------	--	---

	deles e é complicado irem aos jogos, mas sinto que não há um esforço da parte deles.	
Condições de vida	<p>Eu lembro-me de 5 ou 6 casas em que vivi. A primeira, onde vivi até aos 3 anos e até à separação dos meus pais, era do meu avô materno. Eu, a minha mãe e o meu pai partilhávamos o mesmo quarto. Era uma casa muito pequena e antiga. O meu irmão tinha um quarto só para ele. Depois a 2ª casa foi na mesma rua, em frente ao pavilhão de futsal em Freixieiro e aí a casa era enorme, mas nessa para além da minha mãe, do meu irmão e da minha avó, viviam também duas tias minhas e uma prima, mas a casa era enorme, com 5 pisos, e dava para todos. Mas mesmo assim eu partilhava quarto com a minha mãe. Depois, a 3ª casa foi em Leça, uma das minhas tias também foi e eu continuava a partilhar quarto com a minha mãe. A 4ª casa foi em Santa Cruz e aí eu já tinha um quarto só para mim. Depois vivi em mais duas casas e sempre tive o meu próprio espaço.</p>	<p>A casa em que vivi até aos 10 anos era da minha avó, em pedra, muito antiga e em que o frio passava. Tinha um caminho muito apertado para lá chegar e esse caminho era muito escuro. A minha mãe tinha de me ir buscar porque eu tinha medo de passar lá por causa dos drogados que lá paravam. A casa de banho ficava fora de casa e durante a noite não ia porque a minha mãe tinha medo. O telhado era daqueles em que se via as telhas todas. O meu pai cortou parte da cozinha para fazer um chuveiro. E na sala havia uma cama, onde eu dormia com o meu irmão mais velho. E os meus pais ficavam no único quarto que havia. As condições eram terríveis e depois aconteceu um incêndio e ficamos sem a casa. Durante uns tempos fomos viver para casa de uns tios. Depois a câmara ajudou-nos e deu-nos uma casa e aí as condições, quando comparadas com as da minha casa anterior, eram muito boas. Já tínhamos casa de banho dentro de casa e mais do que um quarto. Já parecia uma vida quase de rico.</p>
Educação e Formação	<p>Desde criança que sempre fui muito independente. Tudo o que fazia parte da minha rotina diária era de quase total minha responsabilidade. A minha mãe só quando eu andava no 1º ano é que me levava à escola. A partir do 2º ano ou ia sozinho ou com o meu</p>	<p>A minha personalidade mudou muito, eu antes era muito calado, era difícil falar com alguém e o recreio eu passava sempre sozinho. Mas sempre fui muito competitivo nos torneios que faziam na escola. Eu tinha de andar 25 minutos a pé, sozinho, com 6</p>

	<p>irmão, mas o mais normal era ir sozinho, e andava de autocarro ou a pé. A minha mãe só tratou do meu lanche e de todo o material escolar até meio do 1º ano, a partir daí sempre fui eu quem cuidou das minhas coisas. Por exemplo, a minha mãe só me fez o saco para o futsal uma vez, no primeiro treino. Os trabalhos de casa eu fazia sozinho. Sempre fui muito independente. Essa independência acabou por ser uma obrigação, porque não tinha forma de não ser eu a desenrascar-me. E habituei-me dessa forma porque cresci assim, a desenrascar-me.</p> <p>Na primária adorava a minha turma e a minha professora. Com os rapazes sempre me dei bem e os intervalos eram passados a jogar futebol. Com as raparigas a relação era um pouco complicada, porque eu era rebelde e queria bater em toda a gente, mesmo em raparigas. A minha relação com elas nunca foi muito boa, excluindo a questão afetiva. Eu não queria saber da escola e o meu comportamento era muito rebelde e essa rebeldia devia-se à minha instabilidade familiar, porque a minha mãe tentava acompanhar-me mas não o fazia, porque não conseguia, da melhor forma. A minha madrinha foi muito importante nesse sentido, estava mais em cima de mim e incentivava-me porque a minha mãe tinha tudo sobre ela, o trabalho, as preocupações, eu e o meu irmão, tudo, e por essa razão não conseguia</p>	<p>anos da escola a casa. Depois comecei a ir com uma vizinha minha que ia buscar a filha à escola, porque a minha mãe não o podia fazer. O meu pequeno-almoço era na escola, às 10:30h, um leite achocolatado e um pão com manteiga que davam na escola.</p> <p>Nunca tive nenhum amigo especial na escola quando era criança. Era um miúdo um pouco fechado e a minha relação era muito com o meu irmão.</p> <p>A minha professora de física química foi a que mais me marcou, foi ela que me chamou à razão quando eu estava a sair um pouco da linha e me fez perceber que aquele não era o melhor caminho. Ela sempre acreditou no meu potencial e quando eu lhe contei da proposta do Benfica foi das primeiras a dizer-me para nem olhar para trás e ir. Avisou-me que a escola era importante, mas que aquela oportunidade era única para mim e para a minha família. Ainda hoje falo com ela no facebook.</p> <p>Passei por vários casos de indisciplina. As companhias não eram as melhores e éramos muito rebeldes. Faltava à escola para jogar computador, ficava a jogar ping-pong em vez de ir para as aulas, pregávamos partidas dentro da sala para não haver aulas...depois era castigado e levava com processos.</p> <p>Eu gostava de ter estudado mais, na altura em que fui para o Benfica quis</p>
--	---	---

	<p>acompanhar-me da melhor forma. Outra das razões foi as más companhias na escola e fora. Andava muito com os amigos do meu irmão, mais velhos e que não davam valor à escola. Só no 11º ano é que comecei a gostar da escola. No 5º ano conheci um rapaz que tinha chegado do Brasil e ainda hoje é o meu melhor amigo, nunca perdemos o contacto. Muitas das minhas relações de amizade que tenho hoje estão ligadas ao meu clube de futsal, jogamos juntos em criança e nunca cortámos essa ligação.</p> <p>A professora da primária foi importante para mim nessa fase da minha vida porque eu era uma criança muito complicada e ela ajudou-me nessa altura a não ser pior do que aquilo que eu já era.</p> <p>A minha caderneta era preenchida ao máximo com recados e faltas disciplinares não me faltaram. O 7º ano foi o meu ano mais rebelde. Ficava bem ser rebelde. Mas nunca desrespeitei nenhum professor. Até ao 11º ano a minha relação com os professores nunca foi relevante nem a melhor, mas nesse ano tive dois professores que foram muito importantes para mim, a minha professora de história. Foi aquela com quem consegui ter empatia e a disciplina dela era a que eu mais gostava. Ainda hoje adoro história e em grande parte isso deve-se a ela. Ela fez-me ver que eu podia ter sucesso. O outro professor que também me marcou foi o de</p>	<p>retomar os estudos. Eu ganhava 400 euros no Miramar e depois passei a ganhar 2000 no Benfica, foi isso que me fez aceitar a proposta. Eu tinha passado para o 11º ano e perguntei se podia continuar com os estudos mas disseram-me que não porque era um clube profissional e eu tinha de me concentrar só naquilo. Depois ainda pensei em fazer um daqueles cursos em que se tiravam os 3 anos num só, mas depois pensei que não ia aprender nada e não era a mesma coisa. Decidi então dedicar-me ao futsal a 100%.</p> <p>A escola foi muito importante para a construção da minha personalidade porque sempre lidei com pessoas muito diferentes em todas as turmas em que estive, vi um pouco de tudo.</p>
--	--	---

	<p>filosofia e psicologia. Ainda hoje troco mensagens com ele. Foram estes dois e a professora da primária, que me fizeram perceber o que eu realmente queria para a minha vida, no que respeita à escola.</p>	
<p>Conciliar a escola e o futsal</p>	<p>Quando eu era criança achava que ia ser o melhor do mundo. Com 8 anos era bom naquilo que fazia e achava que ia conseguir isso. Sempre me valorizaram muito e acho que foi isso que em parte fez com que eu não trabalhasse mais. Podia ter crescido e estar num patamar acima daquele em que estou hoje. A escola sempre foi segundo plano para mim. Eu via aquilo como uma obrigação. Tinha de fazer o 12º ano, para mim na altura isso era o limite, e depois disso ia ser jogador profissional. Mas isso, com o tempo fui percebendo que era algo irreal e que eu tinha de trabalhar na minha formação e procurar alternativas. Mas ainda hoje ponho o futsal em pé de igualdade com a escola, contudo sei da importância que a mesma tem. A escola não teve qualquer influência sobre a minha escolha pelo futsal, ela foi uma continuidade da minha escolha.</p>	<p>Era muito difícil conciliar. Eu pedia sempre para ser de tarde na escola porque os meus treinos no Miramar eram sempre das 20h às 24h, eu saía de casa às 18:30h e depois ia a correr até ao Freixo, porque não havia dinheiro para autocarros, porque eu treinava pelos juniores das 20h às 22h e pelos séniores das 22h às 24h. Depois deixavam-me em casa por volta da 1h30 e às 8h lá tinha eu de ir para a escola. Era muito complicado. Eu chegava a adormecer nas aulas e muitas vezes faltava, a minha mãe tentou que me mudassem o horário mas nada feito. Depois os professores viam os meus olhos vermelhos e eu dizia que era cansaço, porque tinha ainda de tomar conta do meu irmão mais novo, e eles não acreditavam em mim, diziam que isso era resultado da má vida em que eu andava, o que não correspondia à verdade.</p> <p>Não era fácil conciliar, mas quando se corre por gosto...</p>
<p>Celebrações culturais</p>	<p>Não me lembro de nenhum Natal com o meu pai. E nunca senti falta disso porque não estava habituado à presença dele, logo não seria só em datas especiais que essa ausência se fazia sentir. Quando vivia em Freixieiro e</p>	<p>Eu sempre adorei o Natal. Era fenomenal e nessa altura os problemas não existiam. A minha família era muito unida e juntávamo-nos sempre todos, mas com a crise que se fez sentir no nosso país muita</p>

	<p>como a casa era enorme os Natais eram sempre cheios de gente, havia o verdadeiro espírito natalício. A partir do momento em que me mudei para Leça essa celebração começou a desvanecer-se um pouco. Não me lembro de um dia de Natal em que a minha mãe não tenha trabalhado. Ela trabalha das três da manhã até às seis da tarde, chega a casa prepara o jantar e às 22.30h já está cansada, e como somos poucos, eu a minha mãe, a minha avó que já tem uma idade e o meu irmão, acaba por se esfumar um pouco o espírito. Só no dia 25 é que temos crianças, o meu sobrinho, e nessa tarde abrimos as prendas. Ainda assim é uma das festas mais importantes. Nós fazemos as celebrações de cariz religioso mas não levamos isso como uma regra. O carnaval é uma tradição de que gosto mas é passada com amigos.</p>	<p>da minha família teve de emigrar. Depois o meu irmão também foi preso e isso não ajudou. O Natal perdeu um pouco do encanto. E depois o facto de eu ter um filho de um lado e outro do outro, aí é que o Natal deixa de fazer sentido. Hoje em dia é um dia normal, viajo sempre para não pensar que não posso estar com eles. Antes o Natal era tudo, agora não é nada. Assim como o meu aniversário. São meras datas.</p>
<p>Como perspectiva uma relação</p>	<p>Para mim as coisas mais importantes num relacionamento são o amor, amizade, compromisso, dedicação, respeito e companheirismo. Acho que isso é o essencial. Nunca tinha gostado de ninguém antes como gosto da minha namorada, os meus relacionamentos antes dela ter entrado na minha vida duravam no máximo 1 mês e na grande maioria das vezes terminavam por minha causa porque eu perdia logo o interesse e a atração pela pessoa. Basicamente eu desejava muito estar com a pessoa mais a partir do momento em que estava com ela</p>	<p>Para mim, e no meu estilo de vida, aquilo que mais aprecio numa relação amorosa é o respeito, a honestidade e o acreditar na palavra do outro. Sendo eu uma figura conhecida estou sempre mais disposto a que me sejam arrançadas histórias que não são verdade, e nesse sentido eu preciso de alguém que acredite em mim e na minha palavra. Neste momento não estou comprometido e as minhas relações que terminaram foi sobretudo devido à distância porque jogo muitas vezes fora. A minha vida é essa e a distância foi aquilo que mais</p>

	<p>perdia logo o interesse. Este era o principal factor que me fazia colocar um ponto final na relação. No caso da minha relação atual os fatores que poderiam levar ao fim da relação seriam o acabar do respeito e do amor, uma traição, coisas associadas a isto. Acho importante colocar que estamos numa relação nas redes sociais quando se trata de uma relação séria, neste caso como a minha, caso sejam coisas momentâneas não faz sentido entrar numa relação, muito menos colocar no facebook.</p>	<p>pesou nas separações porque havia mais ciúme, dúvida, e demasiado tempo livre para se pensar no que poderia estar ou não a acontecer, imaginava-se muito.</p> <p>Eu sendo uma figura pública, chega uma altura em que a exposição já é tanta, o que é bom para mim profissionalmente, mas a nível amoroso é mesmo aquele ditado “quando não se sabe, não se estraga”. E eu já tive uma relação que foi muito conhecida pelo público e muitos dos problemas que existiram no meu casamento foi sobretudo por isso, porque eram inventadas histórias e claro que com a distância como é que se pode não duvidar? É muito complicado e hoje em dia eu reservo muito mais a minha intimidade e quando me exponho é a nível profissional.</p> <p>Uma das coisas que mais aprecio numa mulher é que ela me conheça pelo que eu sou e não pelo que tenho, ou seja, gosto de uma mulher que não esteja dentro do conhecimento do futsal e que desconheça quem sou, porque assim sei que o interesse não é pelo que tenho. Aprecio uma pessoa que saiba estar, falar e que consiga entender o meu trabalho.</p>
<p>Importância da cara-metade no futsal</p>	<p>No futsal é a pessoa mais importante para mim. Sempre que pode vai ver os meus jogos, tenta acompanhar-me sempre. É o meu pilar, tanto na minha vida, como no futsal. Acredita</p>	<p>Eu aqui vou ter de ser muito sincero e abrir um pouco da minha privacidade. Uma das razões que contribuiu para o fim do meu casamento foi mesmo a falta de apoio da pessoa que estava a meu lado. Eu estava</p>

	<p>em mim e dá-me sempre força para eu continuar a tentar.</p>	<p>com uma lesão e queria recuperar e mostrar ao meu clube que estava empenhado na recuperação e disse à pessoa em questão que durante uns meses não podia ir para Portugal, e eu ia muitas vezes lá, porque tinha de me concentrar na minha recuperação e a pessoa achou logo que aquilo era uma desculpa e que eu ia andar a fazer outras coisas. Nesse espaço de tempo, em que foram meses, a pessoa não me visitou uma única vez, não esteve para mim naquele momento em que eu precisava e isso foi uma coisa que não pensei que fosse acontecer. É nos momentos maus que percebemos quem realmente está connosco e se já estava mal a relação há uns meses, e a decisão da separação já estava a ser ponderada isso contribuiu ainda mais.</p>
<p>Futsal português atualidade na</p>	<p>Infelizmente o futsal português desde a crise de 2008 tem vindo a decrescer. Conheceu um período fantástico em 2000 com o 3º lugar no mundial na Guatemala. Até 2008 existiam talvez cinco equipas profissionais na primeira divisão, atualmente só existem duas, o Sporting e o Benfica, e duas semiprofissionais, o Braga e o Fundão. No início do milénio o futsal cresceu muito. Antes era uma modalidade completamente amadora e sem grande importância social, mas com o aparecimento do Benfica na época de 2001/2002 começou a ganhar mais destaque pela comunicação social e isso fez</p>	<p>Acho que o crescimento do futsal no nosso país é fantástico, sobretudo porque eu pratico a modalidade e é bom existir esse reconhecimento. É bom quando não se olha para o desporto só como o futebol. Se fizermos uma análise do mundo desportivo, quase todas as modalidades treinam mais que o futebol, em que normalmente só treinam uma vez por dia. Eu treino segunda, quarta e sexta de manhã e de tarde, terça e quinta de tarde. Não devemos desvalorizar todas as modalidades e só dar ênfase ao futebol. Eu lembro-me que uma vez vi um jogador de futebol e fiz um comentário com</p>

	<p>com que a modalidade crescesse. Nesse ano tivemos pela primeira vez uma equipa profissional que foi campeã, o Freixieiro. A partir daqui outras equipas se foram tornando profissionais. Na seleção infelizmente estamos sempre no “quase”. Quando surgem jogadores como o Ricardinho o futsal português cresce. A nível europeu somos a 4ª potência. Nos últimos anos é que as coisas se foram convertendo. Existe menos competitividade, na primeira divisão, hoje é só Sporting e Benfica e são poucas as equipas que conseguem rivalizar com estas. E tudo isso é consequência do desinvestimento que a modalidade tem vindo a sofrer. São poucos os patrocínios e os apoios das Câmaras Municipais ao futsal.</p> <p>Apesar de tudo isto, é um desporto que está consolidado no nosso país, é o segundo mais praticado depois do futebol e penso que pode ser olhado enquanto tradição. Existem muitas escolas e clubes que apostam nesta modalidade e eu acredito que isso vá fazer com que passe de geração em geração e dessa forma se torne numa tradição. Devido ao seu crescimento, eu acredito que o futsal tenha as bases para se institucionalizar enquanto modalidade importante no nosso país.</p>	<p>um amigo a elogiar esse mesmo jogador, fiquei tipo encantado por o estar a ver ali e esse meu amigo disse-me que ele é que devia de olhar assim para mim porque eu sou o melhor da minha área e ele é mais um no futebol aí eu comecei a olhar para as coisas de outra forma. Eu pensei que tenho de valorizar a área em que estou e quem está nela. Hoje em dia as pessoas olham para mim de forma diferente, assim como para a modalidade, nota mais admiração pelo meu trabalho.</p>
<p>Participação Social – Fazer</p>	<p>É muito importante, é um agente de socialização secundária tal como a escola. A partir do momento em que fazemos parte de um clube nós vamos aprendendo e</p>	<p>Tenho de falar principalmente do Benfica, foi o clube em que estive mais tempo, 10 anos e na altura em que se começa a traçar a nossa personalidade. Era</p>

<p>parte de um clube</p>	<p>incorporando os seus valores, normas, formas de agir, pensar e vamos modelando os nossos comportamentos com base naquilo que temos no nosso clube. É muito importante para os miúdos que chegam a um clube com oito anos terem bases para além da escola e da família, porque são lhe inculcidos valores e formas de estar na sociedade e o desporto acaba por ser também um reflexo daquilo que se passa na sociedade. No que respeita à construção da nossa identidade, esta pertença é muito importante porque quando estamos inseridos num grupo, todos os nossos comportamentos, atitudes e formas de estar vão mudando e isso faz com que a nossa identidade esteja constantemente a ser modelada. O futsal faz parte da minha vida e é uma rotina criada e da qual não se quer sair. O meu clube, onde faço o que mais gosto é muitas vezes um espaço de refúgio e de libertação. O futsal ajuda a esquecer e a entrar numa realidade diferente, de diversão e de competição. São mais os aspetos positivos do que os negativos. Ainda hoje se alguns problemas ocorrerem na minha vida eu vejo ali uma bolha de tranquilidade onde por momentos é possível esquecer o que é menos bom.</p>	<p>um miúdo de 16 anos que saiu do bairro para a capital, para um clube de alta dimensão. Tive a sorte de estar rodeado de pessoas incríveis, tive as pessoas certas comigo. Tive pessoas que desde cedo me disseram o que eu devia e não devia de fazer, eu só queria sair à noite e o rendimento se isso acontecesse não era o mesmo. E o Benfica foi importante nisso, e lembrara-me sempre de onde é que eu vim, das minhas origens, eu não podia esquecer nunca isso. Eles diziam-me que eu tinha de ser um exemplo para aqueles miúdos de 6/7 anos que me iam ver aos jogos e aos poucos fui-me moldando. O carácter já estava lá, a vontade de jogar também e eles deram-me o resto que eu precisava para ser eu. Enquanto jogador conhecido eu vejo um pouco de tudo nas pessoas. As que me adoram e as que simplesmente não gostam. Há pouco tempo aprendi uma frase “quando o desporto te abandona a ti”, ou seja, eu agora posso ser um ídolo, mas quando terminar o meu trabalho sou só mais um. Eu vou ser abandonado, porque isto acaba, mas quero que o meu abandono seja positivo e que as pessoas olhem para mim como o melhor desta modalidade. Outros jogadores virão e outro melhor estará para vir, mas não quero nunca ser esquecido porque eu dei tudo por esta profissão. Sendo o melhor eu estou sujeito a muitos elogios, mas também a</p>
--------------------------	---	--

		<p>muitas críticas e existe uma necessidade de alimentar as redes sociais, porque aquelas pessoas que me seguem merecem isso.</p> <p>Decidi criar as escolinhas de futsal para miúdos com o objetivo de ajudar, mas depois percebi rapidamente que não poderia ser só uma forma de ajuda solidária. No início nenhum dos miúdos pagava, mas depois as despesas começaram a ser imensas e percebi que aquilo só me estava a prejudicar porque era mais uma coisa para eu sustentar. Ou seja, atualmente o nosso objetivo passa por ajudar esses miúdos mas de uma forma em que a própria academia também consiga autossustentar-se. Era muita coisa para mim. Tenho dois filhos para sustentar, os meus pais, os meus dois irmãos e as minhas duas casas, uma no Porto e outra em Madrid. Infelizmente não consigo ajudar os miúdos da forma que eu queria. Ajudo 4/5 este ano com sapatilhas de marcas que eles gostam, equipamentos e coisas assim, 4/5 no próximo e é assim que vou gerindo as coisas. Aqueles miúdos querem ir para a minha academia porque acreditam que se eu consegui chegar onde estou eles também conseguem. Os meus objetivos com a academia são esses e os de conseguir tirar esses miúdos do bairro, da rua, para que eles fujam da droga, do crime e de tudo o que é negativo.</p>
--	--	--

<p>Paixão pelo futsal</p>	<p>O futsal será sempre uma paixão. Com o tempo a essência acaba por se perder um pouco porque já não é completamente livre, ou seja, até aos 14 anos não existem muitas preocupações e é tudo muito baseado na despreocupação. A partir daí surgem responsabilidades sociais e preocupações que acabam por ter influência no momento em que estamos em campo, o momento do jogo já não é um momento em que se esquece tudo. Aquilo de que eu tenho mais saudades é do tempo em que eu tinha 8/9 anos. Nessa altura era correr atrás de uma bola e não existia mais nada para além daquilo. Mas passados estes anos ainda existe a mesma paixão, o espírito é que é outro.</p>	<p>É fácil explicar a minha paixão pelo futsal. Tudo aquilo que eu tenho, incluindo a minha personalidade, foi tudo resultado da modalidade. Foi o futsal que me deu tudo aquilo que hoje, casa, carro, visibilidade e a capacidade de poder ajudar aqueles que mais amo. Eu sem o futsal seria uma pessoa como uma outra qualquer. Foi pela paixão que dediquei ao futsal que hoje sou o Ricardinho.</p>
<p>Amizades e Tensões</p>	<p>O futsal consegue criar laços muito fortes que são difíceis de romper. Depois há o lado negativo, a questão da competitividade excessiva em que muitas vezes existe um incitar de violência e desrespeito e o desporto não é isso. O espírito de equipa é essencial, se ele não existir não se faz nada em campo. E no meu caso, foram poucos os anos em que existiu realmente espírito de equipa. Nunca senti um espírito de equipa tão forte e verdadeiro como aquele que vivo atualmente na minha equipa. Ali somos amigos para além de equipa, fora de campo e do balneário existe amizade entre nós. Existe união, entrega e compromisso. Só somos melhores</p>	<p>Nos últimos 5 anos da minha carreira vejo as coisas de uma forma muito diferente. Antes eu era muito competitivo, demasiado. Se me chateasse com alguém em campo eu levava para fora de campo, ou a pessoa pedia-me desculpa ou eu stressava muito. Com o tempo fui amadurecendo. Foi sobretudo no campeonato japonês em que joguei que aprendi a levar as coisas com mais fairplay e calma. Eu fui gerindo tudo da melhor forma, durante o jogo era insultado e no fim queriam fotos comigo. É preciso saber gerir. Temos de saber adaptar-nos. Já tive muitos conflitos. Mas hoje em dia tenho grandes amigos que criei no futsal.</p>

	<p>quando somos um, quando somos uma equipa.</p> <p>Tensões e conflitos existe sempre. E quando somos mais novos isso nota-se mais porque o espírito competitivo está mais à flor da pele. Infelizmente vários clubes incitam à deslealdade e ao conflito dentro de campo de forma a conseguirem beneficiar disso, ou seja, para condicionar o jogo. E depois há os clubes que funcionam de forma oposta. Há de tudo um pouco. Depende sempre de quem está por trás e daquilo que é passado aos atletas.</p>	<p>É o que fica é os títulos que se conquistam e as amizades.</p> <p>Eu sou apologista de que para sermos melhores temos de ter uma boa equipa à nossa volta. Os egos são muito grandes, mas é preciso saber lidar com isso. Eu sou o mais falado, o que recebe melhor, o que tira mais fotos, mas também sou o que procura dar o exemplo, chego mais cedo aos treinos e sou o último a sair. E mostro sempre à minha equipa que ali somos um só. O espírito de grupo só se conseguem quando todos dão o melhor de si. Não adianta de nada eu ser o melhor do mundo e não ganhar títulos, porque eu sou bom porque existe toda uma equipa por trás. E o líder, ou a cara da equipa, é que tem de chegar lá e dizer “eu sou a cara, mas o trabalho é de todos”.</p> <p>Existem muitas pessoas que se aproximam de mim por ser o Ricardinho, em todos os lados por onde passei existiram sempre pessoas que se relacionaram comigo por interesse. Cheguei a um ponto em que era muito enganado, mas agora passo-me por burro sendo inteligente.</p>
<p>Jogadores enquanto mercadoria</p>	<p>Tenho o futsal enquanto hobby, mas a minha ambição sempre foi ser profissional. Estou num nível médio alto, jogo na segunda divisão e ao competir com jogadores profissionais também gostava de estar na mesma situação.</p>	<p>Sim, tenho perfeita noção de que sou olhado enquanto mercadoria. Eu costumo dizer que tenho de aproveitar o momento em que estou na ribalta, porque chega um dia em que simplesmente acaba, e nesse sentido eu enquanto estou bem, em forma, tenho de tirar benefício disso, se eu dou o</p>

	<p>Quando se fala em jogadores que recebem dinheiro por jogar futsal eu gostava que não houvesse o caso do Ricardinho, mas sim mais uma centena ou milhar de casos. A realidade do futsal é completamente distinta da do futebol. O Ricardinho é um caso à parte, quando pensamos no que ele ganha a jogar. Se dependesse de mim existiam mais equipas profissionais e com jogadores a dedicarem-se à modalidade a 100%, mas infelizmente isso não é possível. No caso dos jogadores profissionais mas que não têm uma projeção elevada, aquilo que acontece é que têm uma carreira de 15/20 anos e depois disso é tudo uma incógnita. Os planos e perspectivas futuras são muito reduzidos e em geral a formação deles não é muito elevada. Quanto mais altos fossem os salários melhor seria porque as perspectivas futuras seriam mais risonhas.</p> <p>O futsal permite mobilidade social ascendente, contudo ao contrário do futebol, é algo mais restrito. O Ricardinho é um em milhares. No futsal é muito difícil atingir um nível económico como aquele que ele tem. O futsal um espaço muito reduzido de ascensão. É uma mobilidade social ascendente temporária. É preciso criar vias alternativas. Mas para mim, a primeira divisão deveria ser toda profissional. Se queremos rivalizar com outros países temos de enveredar pelo caminho da profissionalização. Porque</p>	<p>máximo ao clube e estou no auge, em termos económicos tenho de ser compensado, porque um dia deixo de estar no meu auge e aí já não posso exigir nada. Eu quero ter os meus próprios negócios quando a minha carreira de jogador terminar e nesse sentido eu preciso de ter uma vida economicamente estável. Sou uma mercadoria, mas quero ter a minha linha de continuidade.</p> <p>Eu nunca sonhei com qualquer outra profissão, eu nasci para ter uma bola nos pés e ser jogador profissional sempre foi o meu sonho e felizmente concretizou-se. Sou um abençoado por fazer aquilo que amo.</p> <p>Eu sou a prova de que o futsal possibilita a mobilidade social ascendente. Se hoje tenho as condições de vida que tenho é devido ao futsal. Eu agora ganho 50.000 euros, mas não vou jogar a vida toda, infelizmente, e aquilo que é preciso fazer é uma boa gestão das coisas, para depois ter como investir na minha vida pós futsal. Tenho de apostar por exemplo num curso de treinador, nas minhas academias, num restaurante, o que quer que seja, para quando o futsal terminar eu ter outras alternativas, porque se assim não for o dinheiro que ganhei em dez anos voa. E aí faz-me regressar à minha origem.</p>
--	--	---

	<p>quando vamos a um europeu ou mundial as diferenças são nítidas. A profissionalização explica muito o porquê de as grandes decisões nunca caírem para o nosso lado e caírem sempre para a Espanha, Brasil, Itália ou Rússia.</p>	
<p>Porquê o futsal?</p>	<p>Eu sempre gostei de futebol e sempre pratiquei futebol de rua. O futebol dá mais oportunidades, mas o futsal sempre foi a minha escolha porque comecei desde criança. Já tive oportunidade de experienciar o futebol no Porto quando era criança, mas o futsal sempre foi a primeira escolha. Considero o futsal um desporto muito mais dinâmico e bonito que o futebol, ele exige mais concentração e capacidade de resposta por parte dos atletas. O futebol apesar de ser o desporto rei, o desporto espetáculo, para mim não é tão bonito. Mas sei que se tivesse enveredado pelo futebol, o meu campo de possibilidades seria bem maior. Para mim o futsal é a modalidade mais bonita que existe.</p>	<p>Foi o futsal que me escolheu a mim. Aquilo que eu queria mesmo era o futebol, mas disseram-me que não tinha altura suficiente. Nunca quis o futsal, não tinha interesse, mas houve um dia em que fui convidado para um treino de futsal e a forma como se joga, ou seja, o existir mais contacto com a bola e a possibilidade de mostrar mais habilidade e dar mais nas vistas fez com que o futsal despertasse mais interesse em mim e a partir daí dediquei-me à modalidade. Para chegar a valores económicos a que eu já cheguei é preciso trabalhar muito na modalidade, ganhar títulos coletivos e individuais. Já fui duas vezes considerado o melhor do mundo e isso tem de ser compensado de alguma forma, ou seja, a mercadoria tem de ser paga de acordo com a sua utilidade e qualidade. Eu fui criando um nome, uma marca, e isso tem de ser pago e eu tenho a sorte de estar acima da média daquilo que se paga a um jogador de futsal. Mas um jogador bom e que esteja numa equipa igualmente boa consegue ter um nível de vida bom.</p>

<p>Conciliar o futsal com o trabalho</p>	<p>Sendo atleta amador, treino três vezes por semana, sendo que os treinos são à noite, e tenho jogo ao fim-de-semana. Nesse sentido, se a minha profissão tiver que ser desempenhada durante o dia é totalmente possível conciliar com o futsal. Nem sequer me passa pela cabeça deixar de praticar a modalidade e o meu objetivo ainda continua a ser o de querer ser profissional e não quero hipotecar isso de forma alguma.</p>	
<p>Crenças antes dos jogos</p>	<p>Não tenho crenças religiosas no meu dia-a-dia. Mas em dias de jogo essa vertente verifica-se. Procuo algo que me inspire. No dia anterior a um jogo não faço saídas noturnas. No próprio dia a minha alimentação é muito equilibrada e leve. Procuo inspiração em músicas e vídeos. Há coisas que só uso mesmo nos jogos.</p>	<p>Eu fui mudando muito as minhas crenças, sobretudo desde que fui para o Japão. Antes eu não conseguia ir para um jogo sem antes ligar para a minha mãe, precisava de ouvir a voz dela e aconteceu uma ou duas vezes ela não atender as chamadas e isso não me ajudava em campo. Depois falei com um psicólogo desportivo e ele aconselhou-me, disse-me para deixar de o fazer, porque era algo que me prejudicava em campo, ou seja, tinha deixado de ser uma crença porque não me fazia bem. Hoje em dia a única crença que tenho é dar um beijo nas tatuagens que tenho dos meus filhos antes de entrar em campo. Depois tenho aquelas manias de jogador como estar sempre a limpar as sapatilhas e a puxar os calções e as meias.</p>
<p>Lesões</p>	<p>Eu infelizmente tenho tido várias. Quase todos os anos tenho uma lesão. Aquilo que um jogador mais quer é poder jogar, e quando estamos de fora é a pior coisa que existe, não</p>	<p>É daqueles momentos com que nunca consigo lidar. Tudo me irrita. Já tive duas lesões muito graves na minha carreira, uma com 17 anos, em que fiquei quatro meses</p>

	<p>poder contribuir para a equipa. Estive, há um ano, três meses de fora por causa de uma lesão, andava a fazer fisioterapia e faltavam 4 pontos à minha equipa para ser campeã. E esses momentos são poucos, em 15 anos de modalidade só consegui experienciar dois, e queria ver a minha equipa ser campeã, então pedi alta ao fisioterapeuta e joguei 10 minutos completamente condicionado. Mas o importante é que fomos campeões e eu estava lá dentro do campo. Não há nada pior para um jogador como estar de fora, sobretudo por lesão. Mas os meus colegas de equipa foram importantes e sempre me fizeram ver que eu era importante para a equipa.</p>	<p>sem jogar, e outra com 29, em que fiquei outra vez quatro meses sem jogar. É o único momento em que não me consigo mesmo controlar, a lesão traz-me muita energia negativa.</p>
<p>O que falta fazer no futsal</p>	<p>Ainda falta fazer muita coisa no mundo do futsal. Em Portugal ainda existe muito aquela ideia do Futebol e os outros. Falta divulgação e apoios. Falta ainda muita coisa.</p>	<p>Eu jogo futsal espanhol e na seleção portuguesa e a diferença é muito grande. O futsal espanhol é muito profissional, é muito mais competitivo, tem mais adeptos, mais organizado, é mais valorizado e em Portugal há uns tempos atrás era para aqueles que deixavam o futebol. Hoje em dia já é olhado de outra forma. O campeonato português ainda precisa de melhorar muito quando comparado com o espanhol, apesar de todas as conquistas que já se têm observado em Portugal.</p>
<p>Um momento vivido no futsal</p>	<p>Quando fui campeão. É a melhor sensação que existe, de dever cumprido em que vês coroado todo o teu esforço.</p>	<p>Um que gostava, mas que acho muito difícil de conquistar era ser campeão do mundo por Portugal, mas quando comparados seleções de outros países ainda estamos um pouco longe de conseguir essa</p>

		<p>conquista. Não é impossível, mas é muito improvável. Dos momentos que já vivi o que mais me marcou foi quando fui campeão da Europa pelo Benfica, num dia muito importante para Portugal, 25/04/2010, contra a equipa em que jogo hoje, o Inter. Tinha a minha família lá e foi muito especial.</p>
--	--	--

Entrevista número 3 – **Jogador de Futsal Amador.**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 39 anos - Estado Civil: Divorciado

Grau de instrução: Ensino Básico

Entrevista número 4 – **Jogador de Futsal Semi-Profissional.**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 23 anos - Estado Civil: Solteiro

Grau de instrução: Ensino Secundário

Tema de vida	Texto (Texto Original)	
	Entrevistado C	Entrevistado D
Nascimento, Infância e Juventude	Nasci em Massarelos em 1977. O meu pai era mecânico e a minha mãe professora primária. Tenho dois irmãos mais velhos. Para além dos meus pais, existiram duas pessoas que estiveram presentes na minha infância, a minha avó e o meu tio, eramos sete pessoas na mesma casa. Não foi uma infância fácil. Os meus pais e os meus irmãos foram e são os alicerces daquilo que fui e sou hoje. Não vou dizer que eramos uma família com problemas económicos, mas a verdade é que a minha infância não foi fácil, nunca me faltou o que comer mas também nunca existiu abundância. As principais dificuldades por que passamos, felizmente comida nunca faltou, mas eram relacionadas com aquelas	Nasci no Porto, no bairro do Falcão e a minha infância foi passada toda lá, na casa dos meus avós, e foi também lá que comecei a jogar. Os meus pais trabalhavam durante o dia e eram os meus avós maternos que tomava conta de mim. Os meus pais viviam em Valbom e como os treinos eram no bairro do Falcão, eu jantava com os meus avós e depois à noite os meus pais iam-me buscar. Tenho dois irmãos, um com 29 e o outro com 17. Sempre fomos todos muito unidos. Sem dúvida alguma que quando a nossa estrutura familiar é estável isso vai ter implicações em nós positivas. Tive amigos meus que não eram apoiados pela família e a estrutura familiar deles não era a melhor e por causa disso seguiram caminhos pouco

	<p>coisas que as crianças tanto gostam como brinquedos, e roupas também.</p> <p>Quando comparo a minha infância à das minhas filhas noto muitas diferenças. Acho que a minha foi muito mais bem vivida, o sentido era outro, os tempos eram outros, a segurança também era outra e antes dávamos mais valor às coisas, as crianças agora não dão valor a quase nada. Hoje em dia é tudo muito fácil e quando é fácil não se dá valor.</p>	<p>corretos, eu graças a deus consegui desviar-me desses caminhos porque sempre fui muito apoiado pela minha família.</p> <p>Durante a nossa infância e juventude aprendemos muito e é sobretudo daí que retiramos muitas ilações do que é a vida, aquilo por que passamos, seja bom ou mau, quando em adultos refletimos conseguimos perceber o que fizemos de bom e mau, o que mudávamos ou não.</p>
Relação com e entre os pais	<p>A minha relação com o meu pai sempre foi fabulosa, ele faleceu em 2013 e até ao último dia a nossa relação sempre foi incrível. Com a minha mãe acontece o mesmo, temos uma relação fabulosa e hoje em dia vivo com ela porque me divorciei. Depois existe ainda a relação com as minhas filhas, que é uma relação ótima, apesar de me ter divorciado estou com elas quase todos os dias e a minha relação com elas é ótima e sei que será sempre assim. Quanto à relação dos meus pais sempre foi uma relação de muito respeito, sempre se deram muito bem e nunca discutiram à minha frente e dos meus irmãos.</p>	<p>A relação com os meus pais é muito boa, sempre foi ótima e a minha relação com eles é igual, dou-me com os dois de igual forma. Quanto à relação deles, essa também sempre foi muito boa.</p>
Importância da família na escolha pelo futsal	<p>A minha família não teve rigorosamente nenhuma influência na minha escolha pelo futsal. Os meus pais aquilo que queriam era que eu estudasse, mas chegou a uma altura em que eu já não conseguia conciliar a escola e o futsal e para ser sincero eu e a escola nunca fomos grandes amigos. Optei por seguir aquilo que eu queria e não aquilo que os meus</p>	<p>Eu comecei pelo futebol, não existia perto da casa dos meus avós futsal e a única coisa que havia era futebol. Mais tarde, com 16 anos, recebi uma proposta do Boavista e depois não larguei mais o futsal, fiquei viciado na modalidade. Sempre ganhei dinheiro a jogar futsal. E a minha família foi muito importante não na escolha, mas sim</p>

	<p>pais queriam. Apoiaram-me sempre mas não tiveram qualquer influência sobre a minha escolha pelo futsal.</p>	<p>no caminho que percorri na modalidade, sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir da escola.</p>
<p>Condições de vida</p>	<p>Nem sempre houve espaço para toda a gente que vivia no meu seio familiar. Eramos sete pessoas a viver até aos meus seis anos num t3, depois mudamos para um t4. Eu sempre dividi quarto com a minha avó, os meus dois irmãos também partilhavam o mesmo quarto, depois era um quarto para o meu tio e outro para os meus pais. Depois um dos meus irmãos casou e eu juntei-me ao meu outro irmão, esse casou-se também e a partir daí já tive o meu próprio quarto.</p>	<p>A minha casa era um t3 e eu tinha de partilhar quarto com o meu irmão mais pequenino. Mas sempre tivemos espaço e as condições eram boas.</p>
<p>Educação e Formação</p>	<p>A minha mãe era professora primária e eu andava na mesma escola em que ela dava aulas por isso ia com ela para a escola e era lá que muitas vezes tomava o pequeno-almoço. Eu ia de carro para a escola, demorava cerca de 5 minutos de casa a chegar à escola.</p> <p>Recordo-me que tinha um amigo especial que andou comigo até ao sétimo ano e depois seguimos caminhos diferentes, era o meu melhor amigo e infelizmente já faleceu. Quanto à minha relação com os professores, até à quarta classe a professora foi sempre a mesma e marcou-me de forma positiva, depois houve um professor que me marcou negativamente e isso foi um dos motivos para o facto de eu não ter tido aproveitamento nesse ano. E recordo-me de ter vários casos de indisciplina, faltas disciplinares e fui</p>	<p>Na maioria das vezes eram os meus avós que me levavam à escola, raramente os meus pais também o faziam, mas quando o faziam tomávamos o pequeno-almoço todos juntos. O almoço era na escola ou em casa dos meus avós porque a escola era muito perto da casa deles. Ao final da tarde iam-me buscar à escola. Ainda hoje tenho amigos de infância que são presentes porque passamos a nossa infância todos juntos na escola e onde os meus avós moravam. Saíamos da escola e íamos para o futebol, andávamos sempre nisto.</p> <p>Quanto aos professores, só uma me marcou. E marcou-me porque passava muito tempo com ela, foi com ela que aprendi as primeiras coisas, que vivi as primeiras visitas de estudo e ela algumas</p>

	<p>expulso algumas vezes, porque brincava muito com os professores e não queria saber da escola, só vivia para o futebol. Contudo, mesmo não gostando da escola o meu objetivo sempre foi seguir a escola e não fazer do futsal profissão, até porque comecei tarde na modalidade, só aos 18 anos, e aquilo que eu queria era ser professor de educação física, mas depois surgiu a proposta de me tornar profissional no futsal e optei por seguir esse caminho. Passados todos estes anos reconheço que a escola teve influência naquilo que sou e aquilo que na altura eu fazia de mal, foi o que me tornou muito mais homem nos dias de hoje.</p>	<p>vezes levava coisas para nós às quais não tínhamos acesso e que também nos ajudavam a evoluir. Ela cativava-nos de uma forma diferente. Casos de indisciplina nunca ocorreram.</p> <p>Tirei o curso tecnológico de desporto, queria seguir para a faculdade mas era impossível. Queria ser professor de educação física. Mas a faculdade é algo que ainda vou fazer, mas acho que agora faria algo mais relacionado com a fisioterapia.</p>
<p>Conciliar a escola e o futsal</p>	<p>Não passei por esse processo, porque quando o futsal surge na minha vida eu já não estava na escola.</p>	<p>Para os meus pais a escola tinha de ser a minha prioridade, eu tinha de estudar e ter boas notas e sempre fui bom aluno. E como sabia que para ter o futsal tinha de ser bom na escola, conseguia sempre conciliar as duas coisas. A escola foi muito importante na construção da minha identidade, aquilo que lá aprendi e vi ainda hoje se reflete em mim, muito do que sou à escola se deve e mesmo em relação ao desporto, foi na escola que aprendi muito do que sei hoje.</p>
<p>Celebrações culturais</p>	<p>Fundamentalmente o Natal. Sempre foi a celebração cultural a que dei maior importância e depois do nascimento das minhas filhas mais importância passou a ter. É uma festa para as crianças e que junta as pessoas.</p>	<p>Festejo tudo, mas sem dúvida alguma que o Natal tem um sabor diferente do carnaval, da páscoa...é um momento de união da família.</p>

<p>Como perspectiva uma relação</p>	<p>Para mim a confiança e a lealdade são as coisas mais importantes num relacionamento. Neste momento estou solteiro, não existe nenhuma relação de que possa falar neste momento.</p>	<p>Para mim para uma relação se iniciar é preciso existir uma relação de amizade entre as pessoas. Depois acho que as coisas mais importantes são a confiança e o respeito são as bases mais importantes para se manter um relacionamento. A minha relação atual já é longa, desde os meus 16 anos, vivemos juntos e acho que tem durado todo este tempo porque as bases mais importantes existem.</p>
<p>Importância da cara-metade no futsal</p>	<p>Neste momento estou solteiro, mas a pessoa com quem fui casado foi sempre um grande apoio para mim, apoiou-me sempre a 100% e acabou por ser o meu porto de abrigo. E isso eu tenho de lhe agradecer porque joguei fora do país alguns anos e apoiou-me e acompanhou-me sempre. Mas não foi essa distância que acabou por influenciar o fim da relação, porque eu regresssei a Portugal em 2011 e só em 2015 é que me separei. Foi o desgaste.</p>	<p>É uma pessoa muito importante. Preocupa-se sempre muito comigo, com as refeições antes dos jogos e ela está sempre preocupada com essas coisas. Dá me dicas que me ajudam a melhorar e que são importantes para mim. Já tem paixão também pelo futsal e falamos muito sobre os jogos. É uma pessoa muito crítica comigo, mas que também me elogia muito.</p>
<p>Futsal português na atualidade</p>	<p>Eu costumo dizer que devia ter nascido dez anos mais tarde. Já há uns anos atrás que o futsal tem vindo a crescer, mas atualmente é cada vez maior a ênfase que se dá ao futsal. Mas ainda continuam a existir pessoas que querem dar passos maiores que as pernas e há pessoas que querem ganhar dinheiro à custa do futsal e assim sendo isso torna-se num dos principais entraves a que o futsal não cresça ainda mais em Portugal. Eu acredito que o futsal possa ser olhado como tradição e</p>	<p>O futsal tem registado um crescimento enorme nos últimos tempos, foi um salto enorme e a junção à federação portuguesa de futebol também ajudou muito a esse salto. Acho que o futsal hoje tem um papel que não tinha e acredito que pode ter ainda mais. Eu acredito que o futsal possa ser olhado como tradição e herança cultural, mas eu não vou impor a prática aos meus filhos, acho que tem de partir deles.</p>

	<p>herança cultural, uma vez que é o desporto mais praticado nas escolas, é preciso é saber levar as coisas no rumo certo, ter as bases necessárias e fazer do futsal um desporto e não um meio de se conseguir fabricar dinheiro, como acontece com o futebol.</p>	
<p>Participação Social – Fazer parte de um clube</p>	<p>É normal o facto de se fazer parte de um clube ter influência naquilo que somos e nos nossos valores e princípios. Eu já joguei em vários sítios e posso dizer que não é igual jogar no Sporting e jogar no Pinheirense. O ego é outro, mas eu acredito que não é isso que muda a nossa maneira de ser, eu não mudei em nada, aquilo que fui no Sporting eu sou no Pinheirense. Até há dois anos atrás eu era jogador profissional, e noto é diferença nas pessoas, na forma como agem connosco caso sejamos ou não profissionais. Eu recordo-me que na primeira vez que fui representar a seleção nacional no Algarve, fomos almoçar vestidos normalmente, sem os equipamentos da seleção e fomos atendidos de forma super normal porque ninguém nos conhecia, duas horas depois estávamos com o fato de treino da seleção e já fomos tratados de forma completamente diferente, as pessoas mudaram por completo. Acredito mesmo que a pertença a um clube nos molda e que nos faz trazer valores cá para fora e para o resto da nossa vida.</p>	<p>Eu não olho para o futsal como um hobby, vejo-o como a minha profissão, é naquele sítio que ganho dinheiro e para mim é um espaço laboral, em que vou aos treinos e regresso no fim para casa. Já passei por todo o tipo de situações, umas em que existia uma ligação com o clube em que estava e outras em que olhava para aquilo apenas como um trabalho que tinha de cumprir. Aqui no Pinheirense é tudo uma família, somos todos muito ligados, desde o presidente aos jogadores e isso é uma das vantagens que permite o nosso sucesso.</p> <p>Quanto ao que está de fora da estrutura, a assistência, é algo com que lido bem, mesmo quando sou criticado. Se durante um jogo alguém estiver a falar para mim, seja bom ou mau, eu não ouço sequer, nada me afeta.</p>
<p>Paixão pelo futsal</p>	<p>O futsal apareceu na minha vida tarde e foi através de um amigo que me levou a fazer</p>	<p>Quem está por dentro do futsal sabe que é algo difícil de explicar. Quem não</p>

	<p>um treino, eu nem sabia sequer o que era o futsal. Eu antes de ser profissional fui amador e só mesmo quem ama o futsal é que se sujeita a jogar de forma gratuita, é uma forma de poder jogar e estar com os amigos. É amor à camisola, porque só dá dinheiro a meia dúzia de praticantes, a maioria é pura paixão pela modalidade. Tenho colegas meus que pagam para jogar, isto é gostar. Sem ser profissional é muito complicado.</p>	<p>conhece, basta assistir um bocado e tem logo interesse em experimentar. É um desporto que nunca pára, por isso é que entusiasmo tanto e faz com que as pessoas vibrem e vivam o jogo. Não era um desporto muito conhecido e agora o pavilhão está sempre cheio, está a crescer cada vez mais.</p>
Amizades e Tensões	<p>Felizmente são mais as amizades que as inimizades, estas consigo contá-las pelos dedos de uma mão. As amizades são aquilo que fica desta modalidade, ficam para a vida. Tenho amigos desde Bragança a Portimão, devido ao facto de ter jogado em muitos sítios. São amizades que ficam para o resto da vida.</p> <p>Acho essencial numa equipa existir espírito de grupo, mas acima de tudo tem de existir respeito. É fundamental remarmos todos para o mesmo lado. Muitas vezes não é respeitado esse espírito de grupo, mas é essencial para que as coisas funcionem.</p> <p>Quanto às tensões que se criam em campo, sempre que ocorrem para mim ficam sempre em campo, nunca as trago cá para fora. Dentro de campo sou complicado, mas cá fora já está tudo bem.</p> <p>Como já passei pelo processo de ser jogador profissional, as amizades por conveniência sem dúvida que existem. Somos</p>	<p>Não me lembro de ter existido alguma inimizade no meu percurso, mas amizades tenho muitas. Muitos dos meus amigos surgiram do convívio no futsal e uma das melhores coisas que se retira do futsal é isso mesmo, e ao contrário do futebol não existe tanto aquela picardia. Não vou dizer que não existe picardia em campo, porque existe, mas são coisas ligeiras e que passam logo. Mas não existe ninguém por quem eu tenha ganho qualquer tipo de ódio.</p> <p>Acho que o espírito de equipa é uma das coisas mais importantes numa equipa. Sem isso a equipa não consegue ir a lado nenhum. Já passei pelos dois tipos de experiências, algumas em que o balneário não estava a remar para o mesmo lado e outras em que aconteceu o oposto. A equipa em que estou agora é marcada por esse espírito e isso reflete-se nos resultados, não temos nenhuma derrota e estamos a lutar para ir à 1ª divisão.</p>

	<p>14 jogadores, todos diferentes uns dos outros, às vezes não se identificam em nada, mas a falsidade existe e daí resultam amizades por conveniência, dá sempre jeito para alguma coisa.</p>	<p>Quanto às tensões, antes de entrarmos em campo, entre equipa falamos que às vezes podem ser ditas coisas em campo que não são para levar muito a sério nem fazer disso um problema, o objetivo não passa nunca por criticar o colega de equipa, mas sim por o ajudar de forma construtiva. Acontece muitas vezes algumas discussões entre nós, mas no fim já está tudo bem porque aquilo que pretendíamos era um bom resultado e por isso fora do campo já não se passa nada. Quando é com os adversários já é diferente, se tiver de me chatear chateio e não existe tanto aquela necessidade de resolver como quando é com os colegas de equipa.</p>
<p>Jogadores enquanto mercadoria</p>	<p>Atualmente sou um jogador amador, tenho o futsal enquanto hobby e sempre fui consciente da realidade da modalidade, e nesse sentido quando surgiu uma oportunidade de trabalho optei por isso e por deixar de ser profissional no futsal, até porque a idade já estava a pesar um bocadinho. Achei por bem aceitar essa proposta, porque o profissionalismo no futsal em Portugal é terrível, nem sempre se recebe a tempo e horas e achei que devia seguir outro rumo.</p> <p>No caso dos jogadores profissionais já não existe aquilo a que chamamos de “amor à camisola”, eles acabam por ser uma mercadoria, mas isso é algo que não depende só do jogador, há muita coisa por trás disso,</p>	<p>Nós costumamos dizer que cada um faz o seu contrato e depois de sabermos o que cada um ganha ninguém tem nada a ver com isso. Se eu ganho mais que alguém e esse alguém não considera isso justo então terá de se queixar junto de quem nos paga. E para mim, ter o futsal como profissão é a melhor coisa do mundo porque faço aquilo de que gosto, nunca estou com aquela sensação de que não me apetece ir trabalhar, porque quando saio de casa vou fazer aquilo de que mais gosto. Sempre acreditei que conseguia dedicar-me a 100% ao futsal, e um dos meus objetivos é ir para fora do país, e irei concretizar esse desejo em breve.</p>

	<p>sobretudo quando existem jogadores em que os valores que os envolvem são de milhares.</p> <p>Não acredito na ideia de que o futsal possibilita ascensão social, acredito sim na ideia de que aqueles que trabalham muito e aproveitam aquilo que têm e as oportunidades conseguem.</p>	<p>E sim, somos perspetivados enquanto mercadoria, como um objeto. Mas isso é geral, ou seja, acontece em todos os desportos em que há dinheiro envolvido. Contudo em Portugal como ainda é uma modalidade pouco profissionalizada ainda não acontece tanto como noutros países em que os jogadores são pura mercadoria, que quando se lesionam deixam de ter interesse.</p> <p>Quanto à possibilidade de ascensão social, aquilo em que eu acredito é que depende muito do nível em que se está enquanto jogador, porque em Portugal é complicado, mas acredito que é mais possível do que aquilo que já foi. Alguns jogadores de algumas equipas de futsal portuguesas já conseguem ter um nível de vida médio alto, a diferença é que após futsal as coisas são mais complicadas, porque o futsal não é tão rentável quanto o futebol. Não há a possibilidade de se juntar tanto quanto o desejado.</p>
<p>Porquê o futsal?</p>	<p>Uma das razões que me levaram ao futsal foi o facto de eu detestar chuva, mas a principal razão foi o meu amigo que me motivou e gostei tanto da modalidade que nem quis experimentar outras coisas, o bichinho surgiu cá dentro e foi isso que me levou a ficar.</p>	<p>Eu gostava muito de futebol, mas depois muitos colegas meus incentivaram-me a experimentar o futsal e eu fui, até porque nessa altura eu jogava num clube de futebol que não me deixava sair para outros clubes e eu enchi-me e mudei de modalidade. E ainda bem que tomei essa decisão.</p>
<p>Conciliar o futsal com o trabalho</p>	<p>Eu trabalho por turnos no Aeroporto Francisco Sá Carneiro e é muito complicado</p>	

	<p>coniliar o trabalho com os treinos. Tenho muitos colegas no trabalho que chegam a fazer trocas de horários comigo, mas não é fácil sair do trabalho, ir a casa e ir direto para o treino e só chego a casa perto das 23h. Treino quatro vezes por semana e depois tenho jogo ao fim-de-semana.</p> <p>Quanto à profissionalização acho muito complicado uma equipa da 2ª divisão ser considerada como profissional. O Pinhirense está na 2ª divisão e é uma equipa semiprofissional.</p>	
<p>Crenças antes dos jogos</p>	<p>O único ritual que tenho antes dos jogos é ligar às minhas filhas, de resto é uma coisa normal entre todos, o ouvir música e cantar e depois o benzer antes do jogo. Mas falar com as minhas filhas é fundamental.</p>	<p>A minha alimentação antes dos jogos é sempre a mesma, esparguete, bife e salada, seja em casa, restaurantes, estágios...sempre o fiz e vou continuar a fazer, não que seja uma superstição, mas corre sempre bem. Entro sempre em campo com o pé direito e benzo-me antes dos jogos à minha maneira.</p>
<p>Lesões</p>	<p>Lida-se pessimamente, estou numa dessas alturas, há cerca de 3 semanas que não jogo e é super complicado. E quando se é amador custa muito mais recuperar, do que quando se é profissional, porque o descanso não é o mesmo, assim como os cuidados que se tem. As lesões são a pior parte de se ser atleta, mas felizmente nunca tive nenhuma lesão grave, só que agora com a idade as coisas são diferentes. E quando vemos que a nossa equipa precisa de nós e nós estamos cá fora, essa é a pior parte.</p>	<p>É sempre uma situação complicada e difícil, mas acho que nos fortalece mais e para ver a nossa vontade de seguir aquilo. É um obstáculo, mas temos sempre de trabalhar para evoluir.</p>

<p>O que falta fazer no futsal</p>	<p>Acho que é preciso desde logo deixar de associar o futsal à liga portuguesa de futebol, tem de existir essa distinção, uma federação para o futsal. Tem de existir a possibilidade de o futsal se autogerir. Para além disso, é preciso que pelo menos a 1ª divisão seja toda profissional, como acontece em países como a Espanha e Itália.</p> <p>Quanto ao meu percurso claro que mudava sempre alguma coisa, mas no geral estou satisfeito com as minhas escolhas, e graças ao futsal consegui conhecer um pouco do mundo e um dos meus sonhos era participar num mundial, consegui participar em 2 mundiais e 3 europeus, logo consegui alcançar os meus objetivos.</p>	<p>Acho que é preciso sobretudo profissionalizar a 1ª divisão, para que isso também fortaleça a nossa seleção. É preciso mais competição, o título em Portugal é restringido a duas equipas, Sporting e Benfica, a luta é sempre estes dois e as restantes equipas acabam por desistir um pouco e se fossem todos profissionais existiria mais luta e disputa.</p> <p>Quanto ao meu percurso claro que mudava sempre alguma coisa, mas estou satisfeito. Pensei que a minha ida para o Boavista ia mudar, mas isso não aconteceu e esperava muito mais e foi tudo ao contrário, desde treinos, organização, salários etc.</p>
<p>Um momento</p>	<p>O momento que escolho como o mais marcante foi a minha ida para o Sporting em 2004 e o mundial da China em que atingi a centésima internacionalização e consegui deixar o meu nome no futsal.</p>	<p>Foi a minha chamada à seleção sub-21 ao europeu na Rússia quando eu tinha 20 anos.</p>

Entrevista número 5 – **Jogador de Futsal Amador.**

Local: Porto

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 26 anos - Estado Civil: Solteiro

Grau de instrução: Ensino Básico

Entrevista número 6 – **Jogador de Futsal Profissional.**

Local: Madrid

Sexo do entrevistado: Masculino - Idade: 30 anos - Estado Civil: União de facto

Grau de instrução: Ensino Básico

Tema de vida	Texto (Texto Original)	
	Entrevistado E	Entrevistado F
Nascimento, Infância e Juventude	<p>Sou natural de Valbom e foi sempre aí que fiquei. Os meus pais sempre foram ourives e tenho 1 irmão com 15 anos. Até aos meus 10 anos, a minha avó materna viveu sempre connosco e foi ela também que acabou por tomar conta de mim. A minha estrutura familiar sempre foi importante para a construção da minha identidade, uma vez que a educação que os meus pais me transmitiram e os valores foram sempre muito corretos e o ambiente na minha família foi sempre muito saudável.</p> <p>Eu acho que a minha infância e adolescência foram muito importantes para aquilo que sou hoje. Se a minha adolescência tivesse sido muito atribulada isso refletia-se</p>	<p>Para mim, a infância da minha altura era bem melhor que a infância de hoje em dia. Hoje não se vê as crianças e os jovens a brincar e a estar na rua como acontecia na minha altura. Sinto saudades dessa altura e desses momentos. Momentos que foram tristes mas também muito felizes. E tudo aquilo que passei, o que vivi naquele bairro e a situação dos meus pais e do meu irmão foi muito importante para a pessoa que sou hoje em dia, para aquilo que sou enquanto pai, irmão, amigo...O lema da minha vida é “desistir é para os fracos” e eu nunca desisti e hoje sou aquilo que sou por tudo o que passei e consegui ultrapassar.</p>

	<p>certamente naquilo que sou hoje e nós somos produto daquilo que nos transmitem, claro que poderá existir um caso que fuja à regra mas no geral o procedimento é este.</p>	
<p>Relação com e entre os pais</p>	<p>A minha relação com os meus pais foi sempre muito boa, não me lembro de qualquer atrito que tivesse ocorrido e acho que isso em parte se deve ao facto de eu nunca ter sido um miúdo que dava trabalho, nunca dei grandes problemas. Ainda hoje não tenho qualquer tipo de conflito com nenhum dos dois. Quanto à relação deles, um com o outro, essa também foi sempre muito boa, com respeito acima de tudo.</p>	<p>A minha relação com o meu pai sempre foi muito boa. Ele sempre jogou comigo à bola e ele conseguia maravilhar todos à volta porque mesmo quando estava doente ele não largava a paixão pela bola e tenho muito orgulho no pai e na mãe que tive. Infelizmente hoje não os tenho comigo, mas sei que estão orgulhosos de mim e do meu trajeto. A relação com a minha mãe era também muito boa. Eu tinha 12 anos quando ela morreu, mas lembro-me de ir com ela trabalhar para todo o lado.</p> <p>Quanto à relação entre eles, sinceramente nunca os vi discutir e as lembranças que tenho deles são de estarem sempre bem um com o outro, apesar de que faz parte de todos os casais haver discussão. Mas fico feliz por isso e aquilo que me deixa muito triste dessa altura é o facto de não ter muitas fotografias ou vídeos com eles. Mas as recordações estão sempre no pensamento e no coração. A minha maior dor foi perdê-los.</p> <p>Já sou pai desde os meus 16 anos. Tenho um filho com 13 anos e uma filha com 5 anos. A minha relação com eles é muito boa e amo-os de uma forma incondicional. É um amor diferente. Só</p>

		tenho pena de não conseguir estar com eles mais tempo, porque estou em Madrid e eles no Porto por causa da escola. Tento ir ao fim de semana para o Porto para estar com eles e nas férias eles vêm para Madrid.
Importância da família na escolha pelo futsal	Eu comecei pelo futebol aos 6 anos, no Inverno era muito complicado, com a chuva e o frio e depois um tio meu foi treinar uma equipa de futsal e arrastou-me com ele e a partir daí as coisas proporcionaram-se até hoje.	Fui eu que escolhi o futsal. A minha família não teve qualquer papel na minha escolha. Eu vejo muitos pais a obrigarem os filhos a ir para o futebol, mesmo quando os miúdos não têm grandes capacidades, para eles serem um Cristiano Ronaldo. A minha família deixou-me optar por aquilo que eu mais queria e o futsal foi sempre a minha opção.
Condições de vida	Nunca tive de partilhar quarto com ninguém, sempre tive o meu próprio espaço e a casa sempre teve espaço para todos mesmo quando a minha avó vivia connosco.	Quando os meus pais eram vivos, éramos seis pessoas (pais e mais três irmãos) e vivíamos num t3. Era um quarto para os meus pais, eu e os meus irmãos partilhávamos quartos, ficávamos dois em cada quarto. Depois dos meus pais morrerem, eu fui viver com a minha avó e dividia o quarto com uma prima minha, porque a minha avó vivia com os meus tios e depois eles saíram de lá e aí já tive um quarto só para mim.
Educação e Formação	Nunca gostei de tomar o pequeno-almoço e continuo a não gostar, desde que me lembro era uma coisa que não fazia em criança e que continuo a não fazer em adulto. A minha rotina era muito normal e sempre fui a pé para a escola porque era muito perto da minha casa. Quanto a algum colega que me	Eu quando vivia com os meus pais tinha escola mesmo a dois minutos de casa e a minha rotina era muito normal. Depois de os meus pais falecerem, fui viver com a minha avó e só estudei até ao 7º ano. Não sei o que se passou comigo nessa altura, sei que não pensava, e hoje tenho pena de não ter

	<p>tenha marcado na escola de alguma forma não me recordo porque acho que nenhum me marcou, tenho sim amigos que me marcaram que eu conheci no futsal em miúdo. Isso deve-se ao facto de já não existir o convívio diário, as coisas vão se perdendo, mas como o futsal permaneceu esses amigos e colegas também. Eu nunca liguei muito à escola, fiz o 9º ano e fui logo trabalhar com o meu pai porque ele tem um negócio próprio. Por isso nunca nenhum professor me marcou de alguma forma porque eu nunca quis saber daquilo como era suposto. Indisciplina só aconteceu uma vez em que escrevi numa parede do balneário e depois fui obrigado a pintar, mas nada mais que isso.</p> <p>Eu deixei a escola porque já tinha um trabalho garantido, fui pelo lado mais fácil, sabia que tinha ali qualquer coisa reservada. Depois surgiu o futsal de forma profissional e experimentei e durante 2/3 anos tentei fazer disso vida e sabia que tinha sempre aquele lugar na empresa do meu pai garantido para mim, então decidi arriscar e caso as coisas corresse mal havia outra solução. E as coisas não correram como eu esperava no futsal e preferi então ter como hobby, trabalho de dia, venho treinar à noite e depois dou treino aos miúdos.</p> <p>Acredito que a escola é um agente muito importante para a construção da nossa identidade, a diferença é que para uns é mais</p>	<p>continuado com os estudos. Ainda tentei fazer um curso, mas depois fui para o futsal e comecei a ganhar algum dinheiro com isso e aí desisti mesmo dos estudos. Cheguei a faltar muitas vezes à escola para jogar à bola. Lembro-me de alguns professores que me marcaram, alguns pela positiva, outros pela negativa. Lembro-me sobretudo da primária em que fui muito apoiado e em que sentia que o professor gostava de mim e me ajudava muito. Quando vou buscar os meus filhos à escola, por vezes reencontro alguns desses professores e dizem-me muitas vezes “este nem parece teu filho, é uma paz de alma e tu só querias jogar à bola e partir vidros”.</p> <p>Tenho muitos colegas que me marcaram pela positiva na escola e outros que me marcaram pela negativa porque fazíamos muitas asneiras. E sempre fui um aluno com alguma indisciplina. Faltava muito para jogar à bola, partia vidros.</p> <p>Sempre me arrependi por não ter estudado mais, mas depois tive o meu filho com 16 anos e tinha de trabalhar, ainda pensei em estudar à noite mas não foi possível. Nos primeiros dois anos de vida do meu filho foi a minha avó que me ajudou muito porque eu ia com ela vender os produtos que ela tinha e depois aos 18 anos fui para o futsal profissional e comecei a ganhar algum dinheiro e com a minha</p>
--	--	--

	<p>importante do que para outros. Há pessoas que dão mais importância e que são mais marcadas pela escola do que aquilo que eu fui, mas claro que a escola teve efeitos naquilo que sou.</p>	<p>evolução no futsal fui ganhando mais dinheiro e isso permitiu-me uma vida estável, apesar de não ter estudos.</p> <p>Mas a escola foi muito importante naquilo que sou hoje em dia, transmitiu-me muita coisa que hoje quando penso percebo a importância do que me foi transmitido. Na altura não percebia porque não dava valor nenhum à escola.</p>
<p>Conciliar a escola e o futsal</p>	<p>Comecei no futsal por volta dos 12/13 anos e conseguia conciliar a escola muito bem com o futsal, porque os treinos eram à noite e na altura eram poucos, só treinávamos uma vez por semana porque as condições assim o exigiam. Por isso era fácil conciliar.</p> <p>A escola não teve qualquer influência na minha escolha pelo futsal, foi o meu tio.</p>	<p>Hoje em dia eu penso que a escola deve ser a prioridade, ela deve estar à frente do desporto e é isso que quero passar ao meu filho. Infelizmente eu não estudei mais e talvez hoje nem fosse jogador de futsal se tivesse estudado, mas há sempre os prós e os contras. O futsal foi sempre a minha prioridade. Eu entrava na escola às 8:30h e só saía de lá às 18:30h, depois ia logo direto para o treino, mas às vezes a minha avó não me deixava ir e eu sofria muito com isso.</p>
<p>Celebrações culturais</p>	<p>Talvez o Natal seja a celebração cultural à qual dou mais importância porque é um momento em que a família se junta e o convívio é uma coisa a que dou muito valor.</p>	<p>Eu amo o Natal, é a minha festa preferida. Mas também aprecio muito o São João, festa típica da minha cidade. São momentos em que estou em família. Gosto muito de comer e beber e são dois dos poucos momentos em que consigo reunir com a família toda. Adoro dar presentes aos meus.</p>
<p>Como perspetiva uma relação</p>	<p>A amizade e o tentar sempre entender o outro e o porquê de se pensar de determinada forma, para mim é o mais importante num relacionamento. Sou casado, e admiro um</p>	<p>Para mim a coisa mais importante num relacionamento é a confiança, sem isso não existe mais nada. Sendo uma figura conhecida, não gosto de partilhar muita</p>

	<p>pouco de tudo que a minha esposa tem, com os defeitos dela, mas as qualidades sobressaem e é isso que acaba por fazer com que a nossa relação seja uma coisa boa.</p>	<p>coisa da minha vida privada com a minha namorada. Posso partilhar uma ou outra foto mas escrever algo sobre a minha relação nas redes sociais, isso não faço porque é algo que só a nós diz respeito.</p>
<p>Importância da cara-metade no futsal</p>	<p>É a pessoa mais importante, é a minha perna direita. É ela que me ouve quando chego a casa chateado do treino e me apoia quando eu jogo. Tenta estar sempre presente nos jogos para me apoiar e o papel dela é super importante.</p>	<p>Sinceramente, a minha namorada é dos meus maiores pilares. Ela apoia-me muito e quando é preciso, quando erro é a primeira a apontar-me o dedo. Ajuda-me a melhorar naquilo que está menos bem e é muito atenta às questões do meu bem-estar, como a alimentação. É um grande pilar e se sou quem sou hoje ela foi muito importante nisso porque me ajudou muito.</p>
<p>Futsal português na atualidade</p>	<p>Eu acho que já existiram melhores condições para o futsal em Portugal, já houve mais dinheiro investido na modalidade e no entanto não existia tanto interesse pela modalidade, e hoje em dia é mais atrativa e mais conhecida, mas tal como o país no geral as verbas não são tantas e as condições pioraram um pouco. Mas há mais qualidade agora, no que respeita a treinadores e jogadores. Mas tudo isto sem dinheiro é um pouco complicado, dificulta mais as coisas.</p> <p>O futsal assemelha-se muito ao futebol no sentido em que é algo de que muita gente gosta e por aí pode ser visto enquanto tradição e herança cultural de um país.</p>	<p>O futsal hoje em dia já é uma referência a nível mundial. No que respeita ao crescimento do futsal português, acho que é preciso dar os parabéns à Federação Portuguesa de Futebol pelo excelente trabalho que tem feito na modalidade e também a jogadores como o Ricardinho que é o melhor do mundo, que fez com que o futsal fosse elevado ao mais alto nível. Os clubes também têm feito um excelente trabalho com as camadas mais jovens.</p> <p>E acredito que o futsal é visto como tradição e herança cultural em determinados países, entre os quais o nosso.</p>
	<p>Eu acho que fazer parte de um clube é muito importante. Eu já passei por vários e é</p>	<p>Eu joguei em vários clubes quando era miúdo e todos os clubes nos transmitem</p>

<p>Participação Social – Fazer parte de um clube</p>	<p>sempre diferente. Nunca se senti tão bem como me sinto neste momento, no que clube em que estou. Se calhar já estive em clubes melhores, em que se ganhava mais dinheiro, mas aqui onde estou existe muita amizade e cumplicidade, somos todos uma família e sinto-me bem aqui. E acredito que um clube consegue fazer com que exista inclusão das pessoas. Eu conheço a realidade de alguns bairros e para além de jogador sou treinador e vejo que o futsal é um escape para estes miúdos, enquanto estão a jogar não estão a fazer asneiras e a ir por outros caminhos. Eu treino há 3 anos miúdos com 17/18 anos e nesses 3 anos já me passaram cerca de 30 miúdos pelas mãos e desses 30 cerca de 25 são de origens sociais desfavorecidas, vêm de bairros sociais do Porto, Ribeira, Valbom. São miúdos com alguns problemas mas é isso que me dá um certo gosto em treinar, e em parte eu e a equipa em geral vamos educando aos poucos os miúdos, no sentido de lhes transmitir o que é certo e errado e valores que temos. E isso para mim é muito gratificante e o futsal traz isso.</p> <p>Eu talvez não tenha nascido para ser profissional, não que não tenha qualidade para isso mas acho que não tenho mentalidade para isso, porque acho que é uma coisa bastante exigente, falo por experiência própria porque já fui profissional e tinha de treinar de manhã e à tarde e sei o que é isso.</p>	<p>coisas muito boas, mas ao mesmo tempo muito diferentes porque uns clubes passam umas coisas, outros clubes passam outras. Coisas boas, coisas menos boas, mas há sempre algo que nos é transmitido e em todos os clubes que passei eu consegui aproveitar o bom que eles tinham para me dar e em todos os clubes me foram transmitidas coisas que ainda hoje são importantes, uns clubes mais que os outros, mas todos eles foram importantes nisso. Todos os clubes por onde passei eram espaços de socialização. E o futsal, tal como todos os desportos, funciona como um espaço de refugio, principalmente para miúdos de bairros sociais, porque o facto de retirarmos os miúdos desses contextos, nem que seja apenas por uma hora já é uma grande coisa porque podemos evitar que se envolvam no crime, na toxicodependência, em brigas e também em rugas, tiroteios e tantas outras coisas negativas, como eu vi muitas vezes acontecer no bairro onde morava. O futsal faz com que se esqueça tudo isso e se opte por outros caminhos mais positivos.</p>
--	--	---

	<p>Uns aguentam bem isso, outros não. E a nível social isso é ainda mais exigente porque parece que existe uma espécie de obrigação, porque aquilo é a nossa profissão.</p>	
<p>Paixão pelo futsal</p>	<p>O futsal é um desporto apaixonante para toda a gente, é muito didático porque num momento estás a ganhar por uma diferença grande mas no momento a seguir o jogo já está empatado, a bola anda sempre perto da baliza e depois o facto de ser um desporto em grupo é um ponto a favor. O futsal é muito fácil de se gostar e distingue-se do futebol por ser mais dinâmico em que não há bola parada. O futsal traz aquilo que as pessoas gostam de ver, golos, lances de perigo e bola no pé.</p>	<p>Tirando o meu amor pela família, o futsal é a minha maior paixão. Acho que não conseguia deixar o futsal e quando vejo alguns jogadores mais velhos a abandonarem a modalidade, apesar de ter ainda alguns anos pela frente, penso quando isso acontecer comigo, acho que não vou conseguir deixar o futsal. Sei que vou ter de deixar de jogar, mas quero estar sempre ligado à modalidade porque é sem dúvida a minha paixão.</p>
<p>Amizades e Tensões</p>	<p>Inimizades são muito poucas aquelas de que me recordo, há sempre picardias e isso é normal porque toda a gente gosta de ganhar e disputar os lances com um pouco de agressividade. São muitas mais as amizades. Quando acontecem situações de conflito, se for uma pessoa que eu conheço as coisas acabam sempre por passar logo, quando são pessoas que não conheço acaba sempre por ficar uma certa mágoa e que se nos voltarmos a encontrar depois disso há sempre algum desejo em dar o troco. Mas acaba por acontecer em todo o tipo de desportos, não só no futsal.</p> <p>O espírito de equipa é essencial, como costume dizer aos miúdos que treino,</p>	<p>Inimigos penso que não tenho, amizades tenho muitas. Mas eu estou no futsal não pelas amizades, apesar de que é sempre bom, mas o futsal para mim é a minha profissão e a minha paixão. Vivo disto e estou aqui para fazer o meu trabalho, e bem feito, e não para fazer amizades, mas claro que se fazem e ficam para a vida. Conflitos e tensões existem sempre, faz parte do desporto, é preciso é saber lidar com isso e perceber que fora de campo acabou tudo o que é conflito.</p> <p>O espírito de grupo do balneário e muito importante é meio caminho andado para conseguirmos sucesso. No caso do meu clube, o Inter Movistar, esse espírito existe.</p>

	<p>ninguém consegue nada sozinho, ou ganham todos ou perdem todos. É normal existir sempre um que joga melhor que o outro, mas mesmo esse que não joga tanto vai ganhar da mesma forma que ganha aquele que joga muito.</p>	<p>É um balneário cheio de campeões com uma humildade incrível em que somos todos iguais. Todos ganhamos, todos perdemos.</p>
<p>Jogadores enquanto mercadoria</p>	<p>Desejei ser profissional e experimentei mas vi que não era bem aquilo que afinal eu queria para a minha vida. Não critico quem tem oportunidade de o fazer e de experimentar, mas como eu tinha outra coisa garantida optei por isso e nunca me obriguei a dedicar-me 100% à profissionalização.</p> <p>E quando olho para alguns jogadores profissionais acredito que eles são olhados enquanto mercadoria, mas também ficam outras coisas como os feitos que eles fazem na modalidade e o Ricardinho acabou por ser uma espécie de abre-latas do futsal, acabou por ser ele que fez com que a modalidade crescesse, mas é uma profissão em que existem regras no pós trabalho, eles têm de se reger por um conjunto de regras como se deitar cedo, não comer o que lhes apetece, não poder muitas vezes estar com a família...é muito exigente. Em casos como o do Ricardinho esse esforço acaba por ser, em parte, bem compensado porque economicamente é rentável. Mas ninguém joga a vida toda e existe um limite para estar no futsal, quando deixa de ser rentável o jogador é dispensado porque caso contrário</p>	<p>Infelizmente muitas das vezes somos olhados dessa forma, enquanto mercadoria, é como tudo na vida, penso que acontece em tantas outras profissões, não só no desporto. Aquilo que temos de fazer é estar focados no nosso trabalho e esquecer essa ideia do que querem ou não fazer connosco, ou seja, se somos tratados como objeto. Porque a verdade é que tudo é uma mercadoria, seja qual desporto for.</p> <p>Quanto à questão da mobilidade acho que o futsal permite que isso exista, sou a prova de tal situação. Claro que no plano financeiro o futsal compensa, mas é preciso ter muita cabeça e pensar no futuro porque isto não dura para sempre e não ganhamos o dinheiro que ganha um jogador de futebol de 11. Mas dá para ter um vida boa e para juntar algum dinheiro para quando deixar o futsal conseguir apostar noutras coisas, fazer outra vida fora do futsal, apostando em negócios. Mas repito, é preciso ter muita cabeça.</p>

	<p>seria dinheiro mal gerido, e nesse sentido, sim são olhados como mercadoria muitas vezes. É uma situação complicada.</p> <p>Em Portugal a mobilidade social ascendente através do futsal é muito complicado, porque ou se é mesmo muito bom e se consegue chegar ao Benfica e Sporting ou então só indo para fora do país.</p>	
<p>Porquê o futsal?</p>	<p>Porque como já disse não gosto de frio e chuva e quis evitar isso e depois o meu tio fez com que o bichinho surgisse e pronto no futsal permaneci e também porque é um desporto apaixonante.</p>	<p>Quando somos pequenos todos nós queremos ser jogadores de futebol. É o sonho de qualquer criança e eu tive esse sonho. Depois com o passar do tempo surgiu o futsal e quando percebi que era o futsal que eu amava então escolhi a modalidade e percebi que era isso que queria para a minha vida e fui atrás do sonho tentando sempre ser o mais profissional possível. E outra situação foi o facto de no bairro em que vivia existir um campo de futsal, porque se o campo fosse de futebol de 11 talvez eu até tivesse ido por aí. Depois a paixão surgiu e desde pequenino que amo isto.</p>
<p>Conciliar o futsal com o trabalho</p>	<p>É complicado porque os treinos são muito tarde e depois de um dia de trabalho aquilo que apetece é jantar e não sair mais de casa. É preciso gostar mesmo.</p>	
<p>Crenças antes dos jogos</p>	<p>Gosto de almoçar sempre a horas antes dos jogos, se passar dessa hora já como menos. Gosto de acordar cedo nesses dias.</p>	<p>As minhas crenças são falar com a minha namorada e os meus filhos antes dos jogos. E antes de entrar para o campo dou</p>

		um beijo numa foto dos meus pais e da nossa Senhora de Fátima. Isto e ouvir música é o que faço sempre antes dos jogos.
Lesões	Nunca tive nenhuma lesão muito grave graças a deus. Mas é uma situação muito complicada porque não conseguir fazer aquilo de que se gosta porque algo que não conseguimos controlar nos impede é complicado.	É a pior altura na vida de um desportista. Não existe nada pior do que isso, porque é obrigar-nos a parar de fazer aquilo que amamos.
O que falta fazer no futsal	É preciso profissionalizar toda a 1ª divisão, esse passo é muito importante. Quanto ao meu percurso, estou satisfeito com as minhas escolhas no geral, no que respeita à minha vida social, familiar, mas quanto ao futsal deveria ter feito mais sacrifício na altura em que o devia ter feito e ter aproveitado as minhas qualidades que provavelmente me deixavam chegar a outro patamar, mas nunca aproveitei como devia.	Vou falar a nível pessoal porque a nível geral são muitas as coisas ainda a mudar. Quero ganhar mais títulos, sou uma pessoa muito ambiciosa. Quero sempre cada vez mais. Falta sobretudo ganharmos um título pela seleção nacional. Quanto ao meu percurso, estou bastante satisfeito. Sinto-me muito realizado por tudo aquilo que fui conquistando nos últimos anos.
Um momento	Sem dúvida alguma que foi quando o Pinhense subiu à 1ª divisão. Foi o momento alto para mim.	É difícil escolher só um momento. Não consigo porque todos os prémios que conquistei são muito importantes e por isso escolho todos aqueles em que ganhei. Todos me marcaram para o resto da minha vida. É mesmo difícil escolher um.